

# AG EN DA

MÉRTOLA CULTURA

2021  
janeiro  
fevereiro  
março



**editorial\_ 05**

~

**destaques\_ 06**

Mediação Cultural **07**  
*Tiago Guedes*

Olhar o Outro 11  
*Maria de Jesus Monge*

Música e Mediação Cultural **14**  
*Ana Santos e Celina da Piedade*

Futurama 18  
*John Romão*

Um Calendário Sobre Plantas! **21**  
*Estação Biológica de Mértola & Grupo do Risco*

Arte Non Stop 24  
*1 a 14 de fev.*

Lembrar Serrão Martins **26**  
*19 a 26 de mar.*

**arte\_ 52**

exposições 54

Yoga . Meditar. Relaxar **56**  
*Geraldine Zwanikken*

Assoma-te, Cultura para Todos! 60  
*Beatriz Raposo*

~

**mértola, património de todos\_ 62**

Olhar de ...Jorge Rosa 63

~

**64 \_museu & arquivo**

65 A história através dos objetos  
*Lígia Rafael*

68 Arqueologia em construção  
*Jorge Feio*

72 aconteceu  
*Paula Rosa*

74 Centro de Documentação da  
Mina de S. Domingos

76 Quem foi?  
*José Sebastião e Silva*

**28 \_em andamento**

Respigar Histórias  
*Rita Sales, Pedro Bravo*

~

**32 \_teatro & cinema**

**43** foi aqui  
porque há vidas que davam filmes e  
filmes que marcam vidas  
cinema paraíso  
programação cinema & teatro

~

**46 \_música & dança**

**47** Ponham os ouvidos nisto!  
Rapazes e Raposas” por B Fachada

48 histórias com música  
por António Bexiga

**53** Programação de Música

**78** **\_literatura**

79 sugestões

80 espaço autor  
António Santareno

82 prosas / Licençapoética  
83

**84** **\_a propósito de... pandemias**

~

**86** **\_arquiteturas**

89 Muros . a arquitetura  
da pedra solta

**mãos e manualidades\_ 90**

Artesão da Moreanes 93

**aula aberta\_ 94**

Serviços Educativos 99  
Viagem ao Centro da Terra  
Capacitar para a geologia do território  
Programa educativo da Candidatura do  
Vale do Guadiana a Geoparque.  
Sérgio Esperancinha

**Aula Aberta 100**

Uma Aula Aberta sobre os Objetivos do  
Desenvolvimento Sustentável (ODS)  
Pedro Mateus das Neves, PhD

**Doze meses, doze espécies de flora 104**

Miguel Porto

**passa a palavra\_ 106**

Design para Afetividade 109  
Processo colaborativo do curso de Design para a Sustentabilidade  
da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa  
Ana Thudichum Vasconcelos

**sociedade recreativa\_ 110**

Entrudo 111

~

**112** **\_gastronomia e mercados**

113 O ABC das plantas comestíveis,

115 aromáticas e medicinais

E de ... Espargo

116 Loja da Terra

A apanha da túbera, José Miguel

118 Cozinha da avó

119 Na mesa

Jantar de grão

~

**120** **\_vá para fora cá dentro**

123 Lugares de culto e contemplação:  
as ermidas de Mértola II

# EDITO RIAL

## AGENDA MÉRTOLO CULTURA



Rosinda Pimenta  
Vereadora da Câmara Municipal de Mértola

“O universal é o local sem paredes”, a citação pertence a Miguel Torga e encontrei-a na leitura de um texto sobre localismo. À parte das muitas significâncias que pode ter, uma conduziu-me a um conceito de lugar ou local de dimensão grande, não na sua extensão territorial ou administrativa, mas na amplitude da sua vivência, visão e área de ação. Um local “sem paredes”, apoiado nas suas idiossincrasias e identidade, mas ainda assim, progressista, cosmopolita, transparente, tolerante, assente em valores universais e projetado para o futuro. Este lugar grande contrapõem-se à noção de lugar pequeno, por norma conserva-

dor, cristalizado, opaco, refém de maledicências, caciquismos e provincialismos bacocos apostados em manter um certo status quo instalado. Por norma, num contexto social de características mais rurais e de menor densidade de capital social, as duas formas de estar coexistem num jogo de forcas que pende ora mais para um lado ora mais para o outro, mas tendencialmente os lugares rurais, são vistos como lugares pequenos. Persisto em colocar Mértola na posição de lugar grande, de “local sem paredes” e é nessa dimensão que fermentam todas as iniciativas que preenchem esta agenda cultural.

Acrescento-lhe a ambição de, aqui, criar uma nova centralidade, assente nos propósitos da sustentabilidade, do conhecimento e da cultura enquanto fatores diluidores do proverbial centralismo e assimetrias a que temos sido votados. Nesta visão de futuro, Mértola surge como um lugar [espaço vivencial] de experimentação de soluções de transição para um futuro mais inclusivo, seguro, resiliente e sustentável. Um lugar de questionamento, reflexão, ensaio, investigação, produção e transferência de conhecimento, criatividade e inovação. Este lugar assim, faz-se de gente de cá e de fora, porque os de cá são poucos e dos poucos, ainda

há muitos que persistem na outra ideia de lugar pequeno. Este lugar assim, faz-se de compromisso, de confiança, de afirmação, de resiliência e de vinculação afetiva. Este lugar assim, faz-se de governança colaborativa, de redes, de conhecimento, de educação, de capacitação e de cultura.

Na Cultura convivem o património e as artes nas suas versões mais tradicionais, identitárias, populares, eruditas ou contemporâneas. Da aposta na Cultura resulta um lugar de visão plural, sábio, não polarizado, tolerante consciente, social e ambientalmente responsável.

Capacitar para a cultura é pois estratégico e, é com base nesse pressuposto, que ao longo de 2021

estamos apostados em cimentar no terreno uma estratégia de literacia e mediação cultural. Propomos fazê-lo enquanto projeto de comunidade, transversal, participado, colaborativo. Haverá quem desconsidere esta visão de lugar e de futuro invocando-a como demagogia, utopia, quimera.

Mas a utopia não é o irrealizável como muitas vezes fazem crer, a utopia é acima de tudo instigadora da mudança e do progresso, tão próprios dos lugares grandes, sem paredes e universais!

**Um bom ano de 2021, com muita saúde e cultura para todos!**



**DES**

---

**TAOQ**

---

**UES**

# #1

## Mediação Cultural

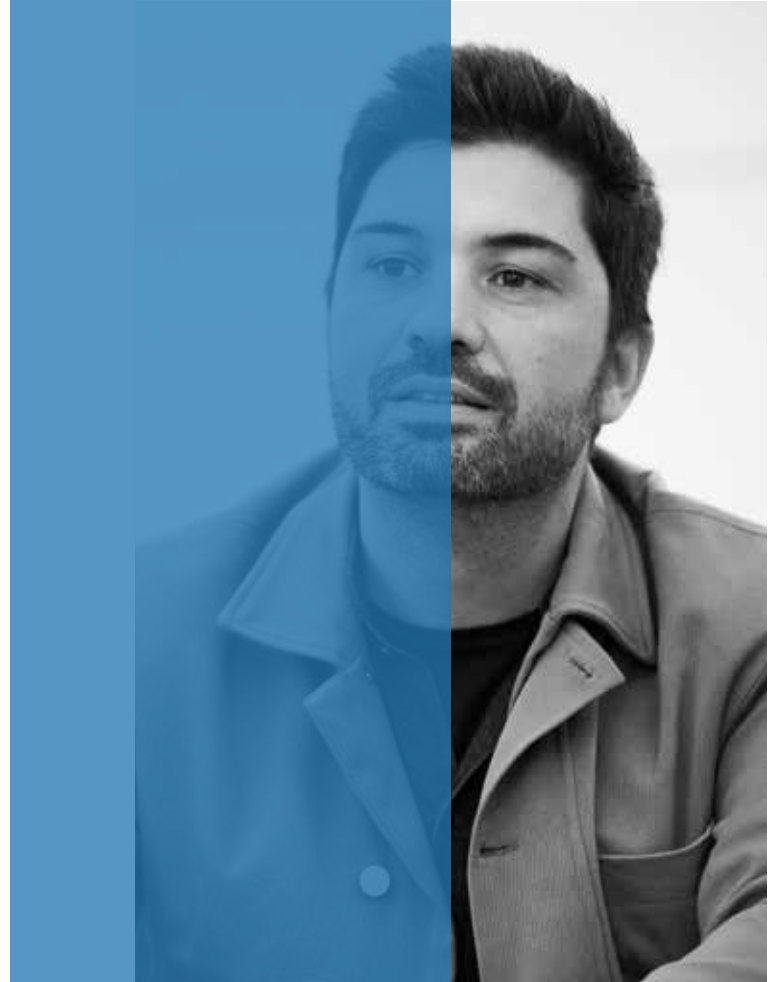
Possibilidades para a construção de uma relação

**Tiago Guedes**

Programador Cultural

**A mediação cultural deve, acima de tudo, acontecer a partir dos afetos.**

Ela constrói-se com as pessoas e os artistas, motivados por temáticas que se traduzem em espetáculos e se inscrevem nos lugares onde essas pessoas habitam. Por isso, é a partir de uma casa ainda sem número, na Rua da Igreja, que, por razões afetivas passei a habitar aqui em Mértola, que este texto é escrito. Não é um acaso.



Nestes tempos de pandemia, onde são outras as formas de assumir o que acreditávamos dar por garantido, invertem-se polos e repensam-se escalas. Na deambulação entre a cidade onde vivo e trabalho, Porto, e esta que descubro e onde me refugio, Mértola, tento criar oportunidades para pensar, de que modo podemos continuar a aproximar as artes e os cidadãos.

Para escrever este texto parto assim das experiências a que tive acesso, no decorrer do meu trajeto escolar, através dos projetos profissionais que tenho desenvolvido, mas também da minha experiência enquanto público.

## 1.

No Colégio da Sagrado Coração de Maria, em Fátima, onde estudei até ao 9º ano, aprendíamos História com a irmã Maria de Lurdes Barbosa, religiosa-professora, cuja fama nos fazia temer, mas cuja metodologia nos fazia desejar as suas aulas. Foi aí que aprendi o impacto político e social que tiveram nos seus tempos, grandes nomes das artes visuais. Hoje identifico essas aulas como tendo sido a primeira forma de mediação cultural a que tive acesso.

Muito antes dos rankings (naquela altura acho que não existia essa palavra no léxico escolar!), foi esta forma enigmática de, num ensino rígido, dar a conhecer o papel bastante presente e transversal das artes,

desde pintura rupestre à arte sacra, ou de artistas como Rembrandt, Goya, Picasso ou Andy Warhol, que mais tarde, me ajudou a escolher o ramo de artes no secundário.

Integrado num projeto piloto onde, ao escolher artes performativas (e não artes visuais), encontrei, uma vez mais, um conjunto de professores de dança, de teatro, de história da arte ou de português que partiam do princípio que se aprende tanto a ver como a fazer. Felizmente que se tornou prática corrente e, com mais ou com menos recursos, é possível hoje beneficiar da experiência articulada entre os programas nacionais dedicados às artes que se inscreveram nas práticas das comunidades

escolares. Os Planos Nacionais de Leitura, do Cinema, das Artes ou o PEEA - Programa de Educação Estética e Artística, aos quais se juntou mais recentemente os programas municipais que, através dos seus equipamentos culturais, são o lugar de encontro entre os artistas e as crianças e os jovens podem e devem ser reforçados para que as artes a fazer parte do quotidiano das nossas crianças e jovens. Mediados pelos professores que os motivam na aprendizagem do papel e da força das artes, encontram na fruição artística os primeiros passos para melhor compreenderem e se relacionarem com o que os rodeia, queiram ou não prosseguir uma carreira artística.



## 2.

Tendo estudado dança, na Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa, e trabalhado como bailarino e coreógrafo durante uma intensa década, percebo que o meu passado de estudante de artes e de artista moldou o que defendo ser a programação cultural e que tem sido aquilo a que me venho dedicando nesta última década. A aproximação entre públicos e arte deve ser construída como uma quebra do quotidiano, vendo na possibilidade de descobrir o mundo pela lupa dos artistas o encontrar respostas, mais importantes que nunca, que contrariem o monotematismo e a aceleração dos nossos tempos. É neste lugar que a mediação se deve colocar: disponibilizar novas formas de ver, sabendo que não há uma fórmula que sirva a todos.

Das experiências que tive em contextos e escalas tão diversas como o Festival Materiais Diversos (FMD), em Minde, no concelho de Alcanena, depois no Teatro Virgínia, em Torres Novas, ou agora no Teatro Municipal do Porto, retive uma lição: não se importam fórmulas.

O que pode funcionar num sítio pode ser completamente contraproducente num outro. Mas as artes, se bem comunicadas e mediadas são a

base de projetos com a ambição de chegar a todos.

No FMD - que fundei e programei durante seis edições - a experiência do lugar justificou que o acolhimento dos artistas e dos programadores fosse feito em casa dos habitantes. Não existindo oferta hoteleira, a ideia de acolher um profissional que integraria a programação, era uma forma de mediar a experiência do habitante que via o festival entrar em sua casa e, assim, desejar experimentá-lo fora dela. Fizemos também, de uma antiga gráfica, o lugar da vivência social, transformando-a em ponto de encontro entre comunidade e artistas. Estes dois exemplos, foram âncoras para que a mediação de públicos pudesse ser uma tradução (nunca condescendente) do que se passa em cena, construída através de questões, de aproximações temáticas e de enquadramentos estéticos.

O ritual de ir ver um espetáculo deve ser dessacralizado e permitir o acesso público que, num estado democrático, todos temos direito.

Uma boa conversa é uma boa conversa! Porque não tê-la a partir de um espetáculo ou de um assunto que o mesmo levanta? Gosto da ideia de partilha e defendo que a

arte só existe com público sendo tão importante o que os artistas querem dizer como o que o público apreende desse discurso.

Contesto a ideia de elitização da arte ou da desculpa, muitas vezes falaciosa, de que certos tipos de espetáculos são só para alguns: e é aqui, e por isso, que a mediação cultural é tão importante e deve envolver, de igual modo, artistas e públicos.

Nas minhas atuais funções, enquanto Diretor de um equipamento público, o Teatro Municipal do Porto - Rivoli e Campo Alegre, é esta ideia de serviço público que me guia. Dos equipamentos públicos espera-se qualidade, acessibilidade e eficácia e, num Teatro, todas estas questões devem ser analisadas à luz do que este lugar mágico comporta: num Teatro o tempo não tem tempo, uma hora pode parecer um minuto e este é um dos raros lugares onde ainda nos é permitido sonhar outras realidades.

No Porto, a nossa estratégia passou por criar uma triangulação que, ajudando-nos a alavancar um projeto para uma cidade com múltiplas comunidades, apresentasse resultados rápidos mas sustentáveis e coerentes. Essa triangulação con-

sistia (e consiste) no trabalho entre a programação, a comunicação, o serviço educativo e a mediação de públicos que no nosso caso tem um nome próprio PARALELO - Programa de Aproximação às Artes Performativas.

Uma programação parcamente comunicada e mal mediada, por mais interessante que seja, estará sempre dotada ao insucesso e à frustração de quem a organiza.

O Paralelo quebrou desde logo a ideia de Serviço Educativo focado apenas em espetáculos para crianças e jovens ou em trabalhos com as diferentes comunidades da cidade (etárias, étnicas ou religiosas) para se transformar num programa diretamente implicado com a programação e os artistas. Hoje é raro o espetáculo que se apresente de forma isolada, sem um workshop associado, uma conversa pós-espetáculo, um encontro entre um artista e alunos de uma cadeira na universidade que possa estar diretamente relacionada com as temáticas abordadas em cena, uma conferência associada a um período histórico ou artístico, uma aula de dança para todos a partir dos movimentos que mais tarde poderão descobrir em palco...e a lista poderia continuar num conjunto de atividade cujo ob-

jetivo é só um: aproximar o público aos artistas, às suas estéticas, éticas e propósitos e os artistas a uma outra forma de se relacionarem com os públicos.

### 3.

Os públicos, no plural porque diversos na sua procura diferenciada de propostas artísticas, são uma chave muito importante para o trabalho de diálogo que as instituições, sejam elas públicas ou privadas, possam querer fazer nos territórios onde estão inseridas. Sem públicos, não há missão que se possa defender e se a pandemia veio criar um contexto para o qual as instituições culturais não estavam preparadas, veio também gerar ansiedades várias e abrir portas a discursos antidemocráticos que infelizmente ganham terreno.

Nesta época tão complexa que começámos a viver há quase um ano, a arte viu-se reafirmada no seu papel de ato de cidadania e, por isso, indissociável da política, no sentido mais nobre do termo, daquilo que é público e comum. É através da arte que os cidadãos-artistas se manifestam sobre o que os inquieta, proporcionando aos cidadãos-públicos, a descoberta de outros mundos e de outros contextos, num verdadeiro contraponto crítico ao que nos rodeia.

A arte é para todos?

Acredito verdadeiramente que sim.

Todos têm o mesmo acesso à arte? Infelizmente não.

Deveremos nós, públicos, programadores, decisores políticos, mediadores culturais, professores, artistas, cidadãos, reclamar o lugar da arte como fator de valorização pessoal e de acesso público universal? Sim, urge que isso aconteça e, é destas forças combinadas, num propósito comum, que poderemos ter um quotidiano melhor, ainda mais urgente nos dias que correm.

#### **Tiago Guedes**

*(Leiria, 1978)*

*é programador cultural, dirige desde setembro de 2014 o Teatro Municipal do Porto - Rivoli e Campo Alegre, e desde 2016 o Festival DDD – Dias da Dança no Porto, Matosinhos e Gaia. Formou-se como coreógrafo, na Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa, fundou o Festival Materiais Diversos, dirigindo as suas seis primeiras edições e dirigiu o Cine -Teatro São Pedro em Alcanena e o Teatro Virgínia em Torres Novas. Paralelamente à sua atividade de programação leciona na Pós-Graduação em Dança Contemporânea na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Politécnico do Porto e na Universidade Lusófona do Porto.*



# #2

## Olhar o Outro

**Maria de Jesus Monge**  
Presidente da Direcção do ICOM Portugal

Olhar o outro, ser veículo de uma história pessoal, comunitária e global, interagir para partilhar, construir novos olhares e agir de forma informada e crítica sobre a realidade de cada um, desde o nível pessoal ao planetário, tem sido desde sempre a missão do museu.

**Entendemos a mediação cultural como instrumento para tornar mais eficaz um processo que está no âmago de todas as sociedades, desde sempre. Uma sociedade incapaz de garantir e perpetuar o conhecimento e valorização dos seus processos de construção e partilha de memória colectiva, perde identidade, com a consequente perda de coesão.**

O acto de juntar e conservar memórias sob a forma de testemunhos materiais está presente há milénios nas sociedades humanas, constituindo-se como factor identitário. A construção de uma memória ultrapassa o indivíduo e assume-se como cimento do grupo, da sociedade em permanente construção. A circulação espacial, privilégio de alguns, permitiu um enriquecimento que sempre foi considerado importante na medida em que podia ser valorizado, conferindo privilégios ao detentor do objecto. Possuir um objecto é, desde sempre e em todas as sociedades, possuir as memórias e apropriar-se da carga simbólica a este associadas.

A revolução museológica operada no século XX residiu no enriquecimento da perspectiva tradicionalmente orientada para o conhecimento universal, através da valorização do enfoque

na memória das comunidades. Esta profunda reorientação epistemológica é consequência das alterações registadas na sociedade contemporânea, fruto da evolução histórica e social.

O ICOM (International Council of Museums) tem desde sempre feito um exercício original de evolução da definição do seu objecto. Esta opção resulta do posicionamento crítico, que busca acompanhar o pulsar das sociedades de onde provêm e que servem as instituições de memória que designamos por museus.

Neste momento debate-se a evolução da fórmula actual, por forma a dar maior relevo à dimensão social. O intenso diálogo internacional tem envolvido a sociedade em geral, também aqui uma originalidade que demonstra a percepção de entrosamento global, obrigando ao avaliar do que são e pretendem ser os museus.

A pandemia de Covid 19 ditou o encerramento total no início de 2020. Mesmo após a reabertura ao público, condiciona desde então todas as opções e actividades, e impõe novas leituras da realidade. Durante o período de confinamento total, as instituições museológicas utilizaram os meios ao seu alcance para estar presentes. Os

recursos digitais que já vinham a ser utilizados em muitas instituições de todas as áreas da Cultura, foram instrumento de comunicação privilegiada. Várias entidades nacionais, como o ICOM Portugal (resultados publicados em <https://icom-portugal.org/2020/07/28/boletim-icom-portugal-serie-iii-n-o-14-jul-2020/> ), e internacionais, como o ICOM (<https://icom.museum/en/covid-19/surveys-and-data/survey-museums-and-museum-professionals/> ) ou a NEMO (<https://www.ne-mo.org/advocacy/our-advocacy-work/museums-during-covid-19.html> ), entre outros, realizaram inquéritos em que foi evidente o peso assumido por estas ferramentas no contexto actual.

Os museus são espaços de memória, tal como outras instituições da Cultura, o que os torna singulares é a utilização dos seus acervos para construir significados e partilhar memórias através da convocação das várias dimensões do Homem, intelectual, social, sensorial. Por esta razão, no momento actual é difícil conceber museus exclusivamente digitais, com existência apenas virtual, já que o objecto em toda a dimensão sensorial é o 'espelho' do Homem.

Ainda a viver um presente desconcertante, para o qual ninguém estava preparado, urge preparar o regresso a uma normalidade que será seguramente diferente. A vertigem do salto temporal não pode contudo fazer esquecer o que já vinha a tornar-se evidente, o fosso crescente entre vários segmentos da sociedade. A sociedade digital que agora ganhou inesperada velocidade deixa muitos de fora, acentua a marginalização dos que não dominam ou não conseguem aceder às novas ferramentas e fomenta novas formas de desigualdade.

As instituições museológicas podem contribuir para a diluição destas barreiras e mediar a integração dos que não têm competências ou recursos tecnológicos, através do reforço de estratégias de comunicação direccionadas a estes públicos. Simultaneamente, o desafio da criação de novos públicos e a capacidade para acompanhar a evolução tecnológica impõem recursos e investimento na capacidade operacional com instrumentos de trabalho permanentemente em evolução tecnológica.

O equilíbrio económico, que todos os gestores de equipamentos culturais são cada vez mais chamados a ter em conta, exige que para além

das comunidades locais e regionais, os museus dediquem particular atenção ao turista interno e externo. Novo desafio, que pressupõe uma linguagem diversa e estratégias de comunicação adequadas.

O cenário traçado afirma a necessidade de preparar desde já o regresso ao momento de actividade plena. O tempo de reflexão e avaliação que vivemos pode e deve servir para um relançamento estruturado e exigente da actividade dos museus face aos seus vários públicos:

- comunidade local e regional;
- turista nacional e internacional

Através da interacção indirecta e directa, com mediação de novas tecnologias ou através do reforço do contacto interpessoal.

Neste cenário o elemento decisivo é a consciencialização das tutelas da importância de dotar as instituições museológicas com recursos para realizar este trabalho. A aclamada revolução digital passa pela capacitação das equipas para produzir e gerir conteúdos, sob pena de se manter a contratação externa de produção de serviços que não contribui para o desenvolvimento local, nem para a promoção da atractividade dos terri-

tórios menos povoados para as novas gerações. As estratégias de trabalho com os diferentes públicos, para obter resultados consolidados, implicam investimento continuado, consistente e de qualidade.

A maior riqueza de qualquer comunidade são os indivíduos. O despovoamento de largas áreas do território só pode ser combatido através de políticas consertadas e continuadas de fixação de jovens técnicos com competências específicas nas respectivas áreas.

A desestruturação resultante do desequilíbrio da pirâmide geracional tem de ser ultrapassada, este grande desafio para as comunidades distantes dos grandes centros populacionais só consegue ser ultrapassado com a criação de atractivos económicos. Experiências recentes demonstram contudo que não basta conseguir atrair novos habitantes, só com integração e efectivo sentido de pertença, será possível garantir a permanência desejada. A construção destes laços passa pela identidade cultural, a apropriação das estratégias de coesão social e territorial, a identificação com as memórias partilhadas.

A argamassa que dá coesão aos territórios faz-se da construção de sig-

nificados partilhados, da capacidade para garantir a perpetuação de formas de entregar com o outro e a realidade circundante, incluindo aqui de forma incontornável o eco-sistema envolvente. Mediar a Cultura nada mais é que induzir este processo.

*Maria de Jesus Monge escreve de acordo com a antiga ortografia.*

### **Maria de Jesus Monge**

*licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e mestre em Museologia pela Universidade de Évora. Integrou a equipa do Instituto Português de Museus até 1996. Conservadora do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (Paço Ducal e Castelo de Vila Viçosa) desde 1996, assume a direção a partir de 2000. Tem desenvolvido trabalho e publicado nas áreas do colecionismo, história dos museus e casas-museu. Integrou os corpos sociais da Comissão Nacional do ICOM Portugal nos triénios 2001-2005 e 2005-2008, e de novo 2014-2017 e 2017-2020; fez igualmente parte da direção do comité temático internacional para as casas-museu, DEMHIST, entre 2002 e 2014, sendo vice-presidente entre 2008 e 2014.*

# #3

## Música e Mediação Cultural

Pontes para o Ouvir, Conhecer e Experimentar

Ana Santos e Celina da Piedade

Como artistas, pertencemos a uma tribo antiga e sagrada. (...) Fomos feitos para ajudar no nascimento dos sonhos uns dos outros. Não podemos dar à luz no lugar de outra pessoa, mas podemos apoiar o parto que deve ser realizado para fazer nascer a sua arte e cuidar dela até à maturidade (Cameron 2020: 324)





De que forma nós, duas mulheres, artistas, instrumentistas, compositoras, calcorreadoras de caminhos, podemos servir o propósito da democratização cultural num território como o de Mértola? Nós, que lavramos nos terrenos em que o património se cruza com a criatividade, o passado com o futuro, a salvaguarda com a inovação - que parte das nossas experiências e que ferramentas artísticas podemos trazer à discussão de um projecto transformador da fruição das artes e das práticas criativas?

Assomam-nos estas questões enquanto mergulhamos nas definições da mediação cultural, chave para a nossa acção neste contexto. Este conceito nasce em França no início dos anos 80 com o central objectivo de fortalecer a relação público-arte. Inicialmente pensada para estruturas como museus e grandes salas de espectáculo, foi gradualmente ganhando espaço noutras esferas expressivas e também sociais. Hoje em dia podemos dizer que serve à relação entre os cidadãos, as estruturas culturais, os recursos artísticos e a vida quotidiana. Não só capta e faz a formação de públicos: visa estreitar a relação da cultura com a comunidade, através do acesso democratizado a práticas culturais, da promoção da inclusão social através das artes, da formação artística quer em contexto escolar, quer para o público em geral.

O acesso à cultura é hoje encarado como um sinal essencial de cidadania contemporânea, um instrumento no reforço da integração e coesão social. A arte apresenta-se como um elemento construtivo de mudança das pessoas e das sociedades. Num tempo em que se espera que as artes e a cultura tragam respostas e contributos significativos para o crescimento socioeconómico das cidades e dos territórios, a mediação concertada entre os diversos intervenientes revela-se estruturante para que esse mesmo crescimento seja sustentável. E quando se trata de criar uma estratégia cultural para territórios periféricos, mais isolados e distantes dos principais centros urbanos onde as grandes apostas culturais costumam acontecer, isto torna-se ainda mais evidente. Trata-se também de uma oportunidade única, pelas características ímpares que estes territórios apresentam - um concelho como o de Mértola pode, pela sua baixa densidade populacional e imensa riqueza cultural e identitária, ser um terreno muito fértil à experimentação e criação artística! Em particular no que toca à área da música - um campo que tem sofrido profundas transfor-



mações associadas aos processos de globalização, inovação tecnológica e de fruição - o concelho poderá tornar-se um exemplo de sustentabilidade cultural com a criação de uma estratégia com objectivos a longo prazo, que inclua uma programação construtiva e acções continuadas em diversos âmbitos - desde a formação nas áreas da criação e experimentação musical; iniciativas que estimulem a criação artística e o cruzamento de diferentes artistas, linguagens e práticas musicais; o desenvolvimento de infraestruturas que suportem a criação multidisciplinar, como estúdios, espaços de criação e centros interpretativos; trabalho de mapeamento e divulgação do património imaterial local; estabelecimento de parcerias com outras entidades, estruturas e festivais nacionais e internacionais, entre outras acções.

Que se possa construir em Mértola uma ponte entre o global e o local, centro e periferia, universo interior e exterior, numa contínua estratégia dialogante, de permuta simbiótica. De dentro para fora e de fora para dentro, na rota da multiculturalidade, tal como nos conta a sua história.

*Ana Santos e Celina da Piedade escrevem de acordo com a antiga ortografia.*

### **Ana Santos.**

*Música e compositora. Licenciada em Musicologia e Mestre em Estudos Artísticos. Toca violino, viola d'arco, gaita-de-fole, entre outros instrumentos. Dos seus projectos actuais destaca-se a sua criação Almofariz e diversas parcerias: Histórias da Mulher que Lia (com Cristina Taquelim), Duas Violas (com Tozé Bexiga) e Correcaminhos (com Stela Silva).*

*Tem colaborado com orquestras, espetáculos de teatro, contadores de histórias, projetos de cante alentejano e vários artistas como Uxia, Napoleão Mira, Dino d' Santiago, Paulo Colaço, Couple Coffee, Celina da Piedade, entre outros.*

*Dedica-se ao estudo da música árabe, tendo como mentor o violinista Naseem Dakwar.*

### **Celina da Piedade.**

*Música, compositora e investigadora. Licenciada em Património Cultural e Mestre em Etnomusicologia. Acordeonista, e cantora, dedica-se activamente ao estudo, formação e divulgação do Cante Alentejano e do Movimento Folk em Portugal. É Presidente Honorária da Associação PédeXumbo. Desenvolve o seu projecto musical Celina da Piedade, contando já com quatro discos em nome próprio e integra o grande coletivo Tais Quais. Colabora com Rodrigo Leão desde 2000 como compositora e parte do seu ensemble e participou em mais de uma centena de edições discográficas em parceria com outros artistas, para além de bandas sonoras para cinema, teatro e dança.*

# #4

## Futurama:

Ecosistema cultural e artístico

**John Romão**

Diretor artístico do Futurama, gestor cultural, encenador.

Com a pandemia, muito daquilo que era frágil se tornou ainda mais frágil ou acabou mesmo por desaparecer. Mas com a pandemia, também surgiram novas ideias e dinâmicas que visam combater fragilidades do sistema e ocupar espaços em branco, estabelecendo novos modos

de olhar, colaborar e construir futuros sustentáveis, em que a Cultura tem um papel crucial. É o caso do projeto Futurama, que inicia em 2021, com uma força vital no Baixo Alentejo.

Futurama é um ecossistema cultural e artístico, transdisciplinar e colaborativo, que reúne 4 municípios limítrofes do Baixo Alentejo – Mértola, Castro Verde, Serpa e Beja. Aposta no desenvolvimento e na coesão territorial, através de uma programação contemporânea assente nos cruzamentos de disciplinas artísticas (artes visuais, performance, música, artes cênicas, arquitetura), de equipamentos culturais e patrimoniais (museus, cineteatros e minas), integrando o património natural e envolvendo os diferentes públicos.





O território do Baixo Alentejo tem presente um conjunto significativo de vestígios de diversos povos e culturas, reflexo da diversidade cultural hoje existente na vivência das suas populações. O Futurama dará continuidade aos diálogos interculturais e internacionais que definem a história da região, através da ativação de uma programação que, por um lado, propõe um melhor conhecimento e aprofundamento da identidade regional e, por outro, propõe diálogos desafiantes entre tradição, contemporaneidade, biodiversidade e inovação, envolvendo as populações locais e as comunidades artísticas nesta construção.

A programação anual será constituída por 4 atividades principais: 1) As residências artísticas, que terão lugar em Mértola e nos demais municípios parceiros, convidam artistas nacionais e internacionais a desenvolver novas criações inspiradas no património cultural, natural ou humano de cada município; 2) Cantexto é um projeto de salvaguarda e regeneração contemporânea do Cante Alentejano, em que escritores portugueses irão conceber novos textos para serem cantados por grupos corais de cada município;

3) O programa educativo é um pilar deste processo continuado, envolvendo as escolas, o Conservatório Regional do Baixo Alentejo, o Instituto Politécnico de Beja e a comunidade artística local e nacional. Mensalmente, decorrerão sessões - workshops e masterclasses - com artistas contemporâneos, envolvendo alunos, professores e criativos em desafios artísticos.

4) O projeto artístico e participativo Constelações, dividido em ciclos temáticos em torno da Oralidade, Visualidade e Fisicalidade, propõe diálogos entre práticas artísticas tradicionais e práticas artísticas contemporâneas.

Em cada sessão, artistas locais e artistas nacionais reúnem-se com a população local, que é convidada a participar, experimentando com o corpo, voz e pensamento.

A estas atividades continuadas, durante o ano, somam-se apresentações públicas pontuais de criações artísticas em espaços patrimoniais e naturais da região. Esta é a preparação de uma atividade maior que surgirá a partir de 2022, o Futurama Festival, que decorrerá entre os municípios de Mértola, Castro Verde, Serpa e Beja, convocando a circulação intermunicipal.

Com parcerias locais, regionais, nacionais e internacionais, o Futurama visa combater através das artes e da cultura o despovoamento da região, através de ações que contribuem quer para a fixação e atração da população jovem ativa, criativa e empreendedora, quer para a promoção nacional e internacional da região.

**Temos encontro marcado no futuro, aqui tão perto - o Futurama inicia em 2021, junto a si.**

Futurama é um projeto apoiado pelo Município de Mértola, no âmbito de uma candidatura DGArtes e Fundação La Caixa.

### **John Romão**

*é diretor artístico, programador cultural e encenador. Tem trabalhado sobretudo no campo do teatro e dos cruzamentos disciplinares. Estudou Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema, frequentou a pós-graduação em Estudos Curatoriais da FCSH - Universidade Nova de Lisboa, estudou Estéticas e Teorias da Arte Contemporânea na Sociedade Nacional de Belas Artes e participou no curso internacional École des Maîtres, dirigido por Rodrigo García. Fundador, diretor executivo e artístico da BoCA - Biennial of Contemporary Arts ([www.bocabiennial.org](http://www.bocabiennial.org)), em Lisboa, a partir da qual desenvolve sinergias entre cidades, equipamentos culturais e territórios artísticos, comissionando projetos de artistas portugueses e estrangeiros assentes na transdisciplinaridade. Tem concebido e implementado projetos culturais e artísticos, em parceria com câmaras municipais, museus e teatros nacionais e municipais ou equipamentos patrimoniais.*

# #5

## Um Calendário Sobre Plantas!

Estação Biológica de Mértola & Grupo do Risco

O Vale do Guadiana é reconhecidamente um território rico em património natural e geológico, detentor de espécies de flora e de fauna associadas a uma grande variedade de ecossistemas, habitats e paisagens. Sendo, igualmente, um território particularmente vulnerável às alterações climáticas e à desertificação, torna-se imperativo, para uma comunidade que aspira a um futuro mais sustentável, preservar e valorizar a elevada biodiversidade presente e típica desta região.



*Orchis morio subsp. champagneuxii*  
Pedro Salgado



De entre os valores naturais presentes no Vale do Guadiana, destaca-se neste calendário a biodiversidade vegetal e florística. No território a ameaça da perda de espécies vegetais reduz o funcionamento, os serviços e a multifuncionalidade dos ecossistemas, contribuindo em crescendo para a aceleração do fenómeno da desertificação.

Com textos de Miguel Porto - investigador do Grupo de Ecologia Aplicada do CIBIO/InBIO - e as ilustrações do Grupo do Risco, coordenado por Pedro Salgado, biólogo e ilustrador científico; este calendário é uma primeira edição da Estação Biológica de Mértola, este ano dedicada ao tema da Flora do Vale do Guadiana.

Numa abordagem, simultaneamente, artística e educativa pretende-se dar a conhecer ao público em geral algumas das espécies mais emblemáticas, raras ou ameaçadas do território e, na sequência, sensibilizar todos(as), para a necessária implicação na sua preservação.

## **Pedro Salgado** Coordenador do Grupo do Risco

O Grupo do Risco(GdR) é um coletivo de artistas e cientistas que fazem os seus registos em espaços naturais, com desenhos em cadernos de campo, com fotografia e com vídeo. Conta com doze anos de atividade em expedições a áreas protegidas e reservas da biosfera, no continente e ilhas, no Brasil, norte de África e Ilha do Príncipe.

A região de Mértola tem sido um dos locais mais visitados pelo GdR ao longo da última década onde, para além de recorrente ponto de encontro, numerosos cursos de desenho de campo foram administrados por alguns dos seus membros, nas paisagens deslumbrantes do montado e percursos de água no Parque Natural do Guadiana. Sabemos apreciar e valorizar os recursos naturais

destes espaços particularmente sensíveis, de biodiversidade e paisagens inspiradoras, de elementos biológicos e geológicos que se relevam de forma inesquecível a quem se predispõe a contemplar, observar cuidadosamente com o respeito que esta natureza merece. As imagens que cada um de nós trabalha, nos mesmos espaços e tempo, são expressas com toda a liberdade segundo as sensibilidades e interesse de cada um, o que, no seu conjunto, oferece uma visão multifacetada da mesma realidade, pelos olhos de cada um dos elementos do grupo e, portanto, com diferentes expressões plásticas, alimentadas em comum pelo que a natureza nos quer mostrar quando lhe prestamos atenção e homenagem. A região de Mértola é um desses espaços especiais, inesquecíveis, que queremos continuar a visitar com o mesmo encanto a que nos habituámos desde há muitos anos.

### **Pedro Salgado**

*Biólogo, Ilustrador Científico, Professor. Curso de Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 1984. Mestre em Science Communication (Illustration), University of Califórnia, Santa Cruz, EUA, com bolsa da Fundação Fullbright, 1989. Professor dos Mestrados em Desenho da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) e em Ilustração da Escola Superior Artística do Porto. Coordenador e professor do Mestrado de Ilustração Científica do Instituto Superior de Educação e Ciências e da Universidade de Évora (ISEC/EU). Membro da Guild of Natural Science Illustrators (GNSI), desde 1988. Ilustrador premiado internacionalmente, com trabalho publicado em revistas de carácter científico e de divulgação. Ao longo de vinte anos de experiência do ensino da Ilustração Científica, é responsável pela formação de uma nova geração de ilustradores científicos em Portugal. Fundador e coordenador do Grupo do Risco. [www.pedrosalgado.eu](http://www.pedrosalgado.eu)*

18º ANIVERSÁRIO DA CASA DAS ARTES MÁRIO ELIAS

01\14  
fev.  
2021

ARTENCO

A large, expressive red brushstroke graphic is positioned on the right side of the page. It consists of a vertical stroke that is partially cut off by the edge of the page, and a horizontal stroke that intersects it, creating a cross-like shape. The red is a vibrant, slightly dark shade, and the brushstroke has a textured, painterly quality with visible bristles and some darker and lighter areas.



ARTES VISUAIS / TEATRO / DANÇA / MÚSICA / CIRCO CONTEMPORÂNEO / CONFERÊNCIAS / DEBATES / WORKSHOPS

# ONSTOP

TIAGO RODRIGUES / TEATRO NACIONAL D. MARIA II  
COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO  
NOISERV  
VERA MANTERO  
RAQUEL CASTRO  
CLÁUDIA GAIOLAS  
ANA ISABEL CASTRO E DEEOGO OLIVEIRA  
DANIEL SEABRA / ERVA DANINHA  
VERA MANTERO E GABRIEL GODOI  
SOFIA BEÇA  
DANIEL CARDEIRA

# #7

## Lembrar Serrão Martins

19 a 26 de março

**"Cisme! escrever sobre ti."**

Biografia de Serrão Martins, Júlia Serrão

"Recordas-me sempre o início da primavera verdejante. Tão especial esta suave associação do meu mano a campos cobertos de malmequeres brancos, que neste bocado de território alentejano, mais nosso, tem a magia maior de não ser apenas planície. Talvez porque um dia escrevemos juntos um poema sobre o dia da mãe que dizia "e ainda bem que é em maio, com campos verdejantes a perder de vista...". Eu era pequena, oito anos? Foi pouco tempo antes de a guerra te levar para longe de mim. De nós. Ensinaste-me a cor das palavras, a paixão pelas histórias. Foste o meu mestre, muito antes de ter sido tua aluna na disciplina de Português. E eu aprendi o prazer e a tortura da escrita.



Em 2017, não considerei a hipótese de essa angústia poder ser bem maior quando escrevemos sobre a nossa carne e o nosso sangue. Cismeiei escrever sobre ti.

A ideia de redigir a tua biografia não foi tranquila, pois tu não gostavas de ser o centro das atenções. Se pudesses escolher, não terias desejado que se fizesse tanta homenagem, tanto evento em teu nome, esculpido o teu rosto aconchegado à pedra de xisto na praça do município. O lugar emblemático onde o teu povo, a tua gente, celebrou contigo vitórias irrefutáveis: como presidente da Comissão Administrativa no período revolucionário, e por duas vezes como presidente da Câmara da jovem democracia. Mas quando os homens se superam em obra feita, quando se transformam em “símbolos de liberdade e de progresso”, como se escreveu sobre ti, se calhar têm, devem ser lembrados. Se calhar é importante que as gerações que não te conheceram – e já são tantas! – saibam que foste o autarca incansável, que resgatou o concelho das trevas a que a ditadura o tinha determinado. Com a tua perseverança. A tua enorme humanidade, sorrindo para a vida. E que, ao longo desse tempo, te mantiveste sempre o mesmo Serrão Martins: “hones-

to”; “homem e político, a mesma pessoa”. E, claro, isso não sou eu que o digo, mas as pessoas que dando o seu testemunho foram-me ajudando a contruir a tua história: enquanto presidente do município; enquanto professor; enquanto alferes miliciano em Moeda – neste período, foi essencial o teu ‘diário de guerra’, pois é como se fosses tu a relatar-me os acontecimento e a tua posição face a ela; e enquanto amigo de tantos que partilharam contigo sonhos, o prazer dos livros e das tertúlias.

Eu ousou preencher o resto da estória, em pequenos pormenores que outros não poderiam saber, e trazem o nosso nome: ‘Serrão’. E assim este projeto de escrever a tua história, a tua biografia, que começou há alguns meses, está quase a encerrar-se, para que possa ser dada a conhecer no próximo “Lembrar Serrão Martins”, de março 2021, junto com outras atividades culturais. Que eu possa ser digna de a assinar. Que ela possa ser uma celebração à tua vida.”

*“Carta ao meu irmão, António” que abre a biografia de Serrão Martins, escrita pela irmã Júlia Serrão, jornalista, a publicar na primavera de 2021 pela Fundação Serrão Martins.*

# EM ANDAMENTO (WORK IN PROGRESS)



# Respigar Histórias

Um projecto “**De Boca em Boca - histórias a nutrir comunidades**” para desenvolver junto de crianças e jovens, com e para a comunidade.

## Rita Sales

artista.  
contadora de histórias.  
educadora.

## Pedro Bravo

guia local.  
apicultor.  
ouvidor.  
escritor de histórias.

## Respigar

[re . espiga + ar]

Apanhar as espigas que ficaram  
por colher nas searas.

Apanhar aquém e além; reunir o  
que está disperso; coligir;  
compilar.

A criação do Clube dos Respigadores e Respigadoras de Histórias surge da vontade de ampliar o movimento de contar e escutar a diversos locais da comunidade, nomeadamente às famílias, às escolas e a outras instituições e organizações.

Inspirados por Agnès Varda e pelo seu documentário Os Respigadores e a Respigadora, afirmamo-nos recolectores de histórias com a intenção de manter viva a tradição dos(as) contadores(as), reforçando assim a vida e a cultura da nossa comunidade.

O primeiro contacto com o Clube acontece, habitualmente, numa sessão onde contamos histórias ouvidas no concelho e Mértola. Durante este encontro inicial lançamos o desafio a todas as pessoas, com especial atenção a crianças e jovens, para que se juntem a nós contando e escutando histórias da nossa terra.

Pertencer ao Clube significa ter vontade para conversar com pessoas de várias idades, e assim ir descobrindo as suas histórias. Vemos neste contacto uma oportunidade para aprofundar as relações entre pessoas de várias gerações, ampliando as possibilidades de convívio comunitário e familiar e, contribuindo para a construção da nossa memória colectiva.

O Clube pretende promover o encontro de respigadores e respigadoras, fazer o acompanhamento e tratamento das recolhas, incentivar a que se realizem trabalhos e iniciativas baseadas nas histórias locais, bem como, mostrar e divulgar todas as descobertas que se vão fazendo.

Finalmente, temos como missão estabelecer parcerias com diversas instituições e agentes locais, para o desenvolvimento de actividades conjuntas dirigidas a pessoas que constituem estas organizações, assim como, às suas populações alvo.

Esta acção, integrada no De Boca em Boca - histórias a nutrir comunidades, pretende estender o movimento de contar e escutar em comunidade para além das actividades desenvolvidas pela equipa do projecto, incentivando a população a tomar nas suas próprias mãos as suas histórias.

*Conhece o projeto*

*"de boca em boca – histórias a nutrir comunidades"*

*em: <https://debocaemboca-mertola.com/>*

*e contacta em: [debocaemboca.mertola@gmail.com](mailto:debocaemboca.mertola@gmail.com)*

GOSTAS DE  
**OUVIR E  
CONTAR?**  
CONTAMOS  
CONTIGO PARA  
DESCOBRIR  
**HISTÓRIAS**  
DA NOSSA  
**TERRA.**

**JUNTA-TE A NÓS!**

O Clube dos Respigadores e Respigadoras de Histórias convida-te a juntares-te a nós para apanhar histórias onde quer que elas existam. Cada história para existir só precisa de ser contada e pertencer ao nosso Clube, é muito fácil: pedes a alguém que te conte uma história e já estás, apanhada!

Os respigadores e respigadoras sempre foram pessoas que aproveitaram o que havia na terra colhendo os grãos que ficavam no campo, depois da colheita. No Clube percebemos que, como os grãos, há histórias que estão a ficar para trás, por falta de serem contadas e escutadas, por isso decidimos começar a respigar e dar-lhes uma nova oportunidade.

O Clube surge no âmbito do De Boca em Boca - histórias a nutrir comunidades, um projecto que convida as pessoas a contar e escutar em comunidade. Nos últimos tempos, temos recebido muitas ofertas de histórias que depois aprendemos e voltamos a contar. São algumas destas histórias que vos iremos contar nos nossos encontros, e sabemos que um dia também vocês terão muito para nos contar.

## **Segredos para bem respigar e aprender uma história.**

[1] Fala com muitas pessoas - amigos, família, vizinhos - conta-lhes uma história e pede-lhes que te contem outra de volta. Falar é importante!

[2] Quando alguém te conta uma história só tens que a escutar, fácil! Escutar é importante!

[3] Se quiseres podes gravar cada história que escutares - só o som ou também a imagem -isso pode ajudar-te a recordar mais tarde.

[4] Anota a data, a hora, o nome e idade da pessoa que te contou a história, e o local do vosso encontro.

[5] Recorda a história na tua cabeça, lembrando-te dos gestos, expressões e voz da pessoa que a contou. Exercita a tua memória. A memória é importante!

[6] Conta a história a pelo menos 3 pessoas. Contar histórias é importante!

[7] Escreve a história como te lembras dela, junta a gravação (se a tiveres), um desenho, uma colagem ou outra coisa que aches que fica bem a acompanhar. Escrever e desenhar são coisas importantes!

[8] Para a história aparecer no site do projecto partilha com a tua (teu) professora (professor) ou com os teus pais, que logo combinamos como a partilhar!

*Rita Sales escreve de acordo com a antiga ortografia.*

TELE CINEMA  
ATTRACTION



image of 1934 edition of Four Little Kittens.



# Casa Flutuante

José Nascimento

Realizador



foi aqui

*Yuche vivia junto ao rio, na selva Amazónica. Um dia, estava a tomar banho num riacho quando viu a sua imagem reflectida no rio e descobriu que tinha envelhecido muito. Sentiu uma grande tristeza e quis regressar imediatamente à sua cabana. Pelo caminho, o sussurro da selva e a canção dos pássaros o deixaram numa profunda melancolia...*

Araci, personagem do filme “Casa Flutuante”

Casa Flutuante começou por ser um projecto de documentário sobre a “Viagem Philosophica” que o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira fez na Amazónia nos finais do séc. XVIII.

Depois, juntamente com Ana Pissarra, escrevemos uma ficção que abordava as rupturas inter-geracionais contemporâneas de uma família de Iquitos, na Amazónia Peruana. Paralelamente o argumento integrava “A Jangada” de Jules Verne, romance que começava na fazenda do português Magalhães, em Iquitos no séc. XIX.

Mais tarde, por questões financeiras, o argumento foi adaptado à comunidade de avieiros do rio Tejo, cujas casas palafitas correspondem ao mesmo modelo de construção da Amazônia. Mas, os municípios ribeirinhos tinham destruído, entretanto, as aldeias palafitas ao longo do rio, entre Constança e Vila Franca de Xira, inviabilizando o contexto social e estético do filme.

E aí surgiu a vontade de instalarmos o filme no Guadiana, trazendo a índia amazônica Araci, a personagem principal, da verdejante floresta tropical para as margens secas do rio, com Inácio, o marido e ex-mineiro de S. Domingos, interpretado por Vítor Norte.

As *repérages* foram feitas em março de 2019 a partir de Alcoutim. Explorámos o território ao longo do rio e só no sexto dia, num dia de chuva e já decepcionados é que descobrimos as Azenhas de Mértola, o lugar ideal para Araci construir a casa flutuante. Nessa mesma tarde, inspirados por um almoço num restaurante em frente à árvore das andorinhas, na rotunda da vila, encontrámos no caminho para a Bombeira o segundo décor, a casa do Inácio. Era a antiga casa do guarda florestal que não só tinha uma vista deslumbrante sobre o rio, como ainda estava inserida no Parque Natural do Vale do Guadiana. Em Junho instalámo-nos uma semana em Mértola para adaptar o argumento, já com o apoio de Manuel Passinhas e da Sano de





Perpessac. Conversámos com os pescadores locais para desenvolver a personagem do Inácio e com a Margarida Rosário que, para além de ter construído adereços para o filme, contribuiu com o conhecimento sobre as plantas locais, saber fundamental para enquadrar a personagem Araci que, no argumento, trabalha com ervas medicinais.

Só faltava escolher os actores. Em Lisboa seleccionámos dois jovens talentosos: a Inês Pires Tavares e o Bernardo Mayer. Mais tarde, a Carla Maciel e o Gustavo Sumpta. De Mértola, vieram a Guilhermina Bento e a Lurdes Ruas, no acordeón. Do Brasil, veio a Carolina Virguez.

Agora era tempo de rodar o filme sob o calor tórrido de Mértola, temperado pela maravilhosa frescura da vegetação das azenhas e do rio...

*José Nascimento escreve de acordo com a antiga ortografia.*

# Porque há vidas que davam filmes; e filmes que marcam vidas.

Rossana Torres

Nasce na Roménia, durante o exílio político de seus pais. Estuda artes visuais e cinema e frequenta o mestrado de Educação Artística na Faculdade de Belas Artes em Lisboa. Colabora com vários realizadores portugueses como assistente de realização, produção, registo de imagem, registo de som, montagem de imagem e som. Vive em Mértola no Alentejo, onde lecciona fotografia e vídeo e realiza variadas oficinas de cinema e cinema de animação para crianças e jovens. Funda a associação Entre Imagem cujo fim se destina a proporcionar o desenvolvimento cultural, criativo e social da comunidade, através da concepção, produção e realização de filmes, de actividades culturais, artísticas e pedagógicas e de intercâmbios nacionais e internacionais. Colabora com a associação Os Filhos de Lumière, no estudo, na concepção e implementação de programas pedagógicos de educação artística com o cinema.



## FILMOGRAFIA

- 2018 – Terra (co-realizado com Hiroatsu Suzuki)
- 2012 – O Sabor do leite Creme (co-realizado com Hiroatsu Suzuki)
- 2009 – Cordão Verde (co-realizado com Hiroatsu Suzuki)
- 2018 – Terra co-realizado com Hiroatsu Suzuki)

# OS FILMES DA MINHA VIDA

Escolho aqui três filmes, que marcaram e condicionaram diferentes fases da minha vida: infância, adolescência e idade adulta.

## **O meu tio (Mon Oncle)**

de Jacques Tati - França 1958

Este filme foi uma experiência memorável, pois tocou-me a vários níveis: era a primeira vez que ia ao cinema com o meu pai depois de ele ter voltado para Portugal, logo a seguir ao 25 de Abril; a identificação com um personagem mais ou menos da idade que eu tinha e que “cresce” na companhia de um simpático e divertido Sr. Hulot, interpretado pelo próprio realizador Jacques Tati; a imersão nos planos largos e cheio de sons expressivos do realizador Jacques Tati, num grande ecrã de sala de cinema. O ir de mão dada com o meu pai ao cinema depois de vários anos afastada dele por motivos políticos, o rirmos em conjunto nas situações cômicas do contraste social entre o Sr. Hulot, que vive num bairro popular e a família da irmã, que vive numa casa rica, cheia de modernices tecnológicas e inúteis - foram momentos que ficaram na minha memória para sempre. Aquele Gérard, o miúdo mimado que alterna entre esses dois mundos, ora abor-



recido e preso na casa fria e sempre limpa dos pais, ora divertido e livre pelos campos nas brincadeiras com o tio e os miúdos da rua, despertou-me para o que é mais importante na vida. O filme começa logo com o prólogo, com o cão “pipi” da família rica a brincar com os cães dos bairros de lata, a andarem soltos e livres pelas ruas em volta dos caixotes do lixo ao som de uma música que estará sempre ligada ao personagem do Sr. Hulot ao longo de todo o filme. Toda esta primeira cena foi trabalhada completamente num registo do real, apesar de ser difícil dirigir animais, mesmo quando são hiper-treinados. O fascínio na minha infância por este filme não esmoreceu quando já adulta o volto a ver, agora já em contexto de mediadora de cinema: planos muito largos e muito trabalhados, onde muita coisa acontece quase sempre ao mesmo tempo, em que é o som - bruiteage - que dirige a nossa atenção para gags cómicos e deliciosos, como a situação do pássaro na gaiola que canta quando o Sr. Hulot vira a janela e o respectivo reflexo do sol na sua direcção. E ainda passei por uma forte desilusão: quando eu, com 10 anos, depois dessa sessão de cinema, estava na escola, numa altura em que os meus colegas falavam do que fizeram no fim-de-semana e dos filmes que viram, perguntei-lhes se tinham visto “O meu tio” – e a resposta que obtive emudeceu-me: “sei lá quem é o teu tio”!

## Estranhos no Paraíso (Stranger in Paradise)

de Jim Jarmuch, EUA 1984

Este filme foi o que decididamente me deu a vontade de estudar cinema no final do secundário: a força plástica do preto e branco, a narrativa baseada em personagens também da mesma idade que a minha; e a formalidade de construção, aparentemente simples, de uma cena poder ser só um plano sequencia separado por quadros negros, provocando um ritmo novo e fascinante, despertou em mim a consciência da importância da montagem para a construção de uma obra cinematográfica. Com uma história (aparentemente) simples, onde a força principal vive do carácter forte dos personagens, principalmente o da protagonista, húngara que visita um primo em Nova Iorque. Todo o filme gira em torno do confronto cultural e identitário entre ela e o primo (e um amigo deste), em que o primo rejeita ser descendente de húngaros, assumindo exageradamente todos os tiques urbanos dos norte americanos. Nesse contraste de carácter ridiculariza-se a cultura americana de forma sublime e cheia de apontamentos cómicos. A força do filme está também na música composta por John Lurie, que também interpreta o personagem do primo. Um tipo de música jazz, que me acompanha desde então.



## Bom dia (Ohayô)

de Yasujiro Ozu – Japão 1959

Descobri este filme quando já trabalhava como cineasta interveniente numa das oficinas de “Cinema, cem anos de juventude” com as escolas. A primeira vez que ouvi falar neste realizador foi através do poeta e cineasta António Reis na escola de cinema, numa aula inteira só em volta do genérico – com belíssimos caracteres japoneses sobre um fundo com textura de tecido - de um dos filmes de Ozu. Nessa altura ainda não havia internet, nem tão pouco filmes em DVD, e muito raramente se podia ver um filme deste realizador em sala de cinema. O máximo que se conseguia para conhecer autores e filmes fora do circuito comercial era em ciclos na Cinemateca Portuguesa – ainda hoje é assim, ou então vemos cópias muito más em VHS dos professores e colegas. “Bom dia” é um filme delicioso, cheio de situações cómicas que giram em torno de brincadeiras de miúdos e de mal entendidos entre os adultos. Ozu tem uma maneira muito particular e rigorosa de filmar, com enquadramentos baixos e belíssimos e sempre fixos - nunca usa movimentos de câmara, pondo os actores a olhar (quase sempre) para a câmara nos diálogos entre eles (nos campo contra-campo). Na exibição deste filme na sala grande da Cinemateca de Lisboa, com a sala cheia de crianças, jovens e professores do projecto “Cinema, cem anos de juventude”, foi uma autêntica festa da arte cinematográfica.



Antes e depois da sessão, como habitualmente, levantámos questões (estudadas antes) sobre aspectos cinematográficos do filme, não tendo mão (nem microfones suficientes) para atender a todos os que levantaram o braço para contribuir para o debate. Essas sessões são experiências únicas e inesquecíveis, tanto para os jovens que participam como para nós, adultos, surpreendidos com comentários que nos ajudam a ver muito mais longe do que poderíamos imaginar.

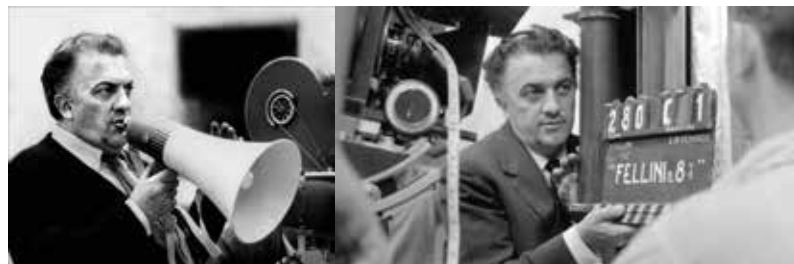


João Antero

Professor na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Membro correspondente da Academia Nacional de Belas Artes e Academia de Letras e Artes Portugal. Alentejo e Ribatejo Film Commission (ARFC).

## Federico Fellini, a memória dos sonhos e a realidade da fantasia

*Fellini era um contador de histórias que usava a linguagem dos sonhos e justificava o bom e o mau através das aceções místicas e das dúvidas existenciais dos seus personagens. Fellini nunca se preocupou com as regras descritivas e a realidade sempre se misturou com a fantasia.*



Federico Fellini nasceu em Rimini, foi caricaturista e desenhador, dali saiu para Roma para trabalhar como guionista. Era um homem fiel à qualidade, à amizade e ao amor. Casou-se com a actriz Giulietta Massina até que a morte os separou. Trabalhou sempre que pôde a sua Giulietta e com Marcelo Mastroianni, o seu actor preferido e o seu compositor foi, desde o primeiro filme, Nino Rota.



A primeira fase da sua obra, a da maturidade, inicia-se com a sua chegada a Roma, onde integra a equipa de escrita de Roma, Cidade Aberta, do grande Rossellini. É com “o mestre” que Fellini aprende a fazer cinema, a pensar cinema, a amar cinema. A principal característica da obra de Fellini foi o emprestar as suas memórias aos filmes que escreveu e realizou, fossem as suas recordações do tempo em que foi cartonista, como aconteceu no seu primeiro filme *O Sheik Branco* (1952), ou em *Os Boas Vidas* (1953), que retrata a vida de um grupo de jovens da fútil sociedade burguesa que levam uma falsa boa vida, de tédio, e onde Fellini recorda a sua adolescência em Rimini, antes de se libertar da tutela dos pais, representada pela fuga do jovem mais consciente do grupo, numa madrugada, de comboio. Este filme, pela temática e pela forma como o aborda é, de toda a sua obra, o que apresenta uma mais forte ligação ao neo-realismo italiano.

*La Strada* (1954) realça a admiração que Fellini recebeu da obra de Chaplin, o outro grande nome que o inspirou enquanto realizador. Este filme traduz a deterioração da comunicação entre os seres, através da solidão dos seus personagens. Uma grande beleza espiritual repleta de humanidade, revela-se na cena final em que o artista ambulante e brutamontes chora, ao anoitecer, na beira da praia, a morte da sua amada, uma mulher frágil, solitária e incompreendida que se apaixonara por um homem que lhe despertara a consciência.

O compositor da banda sonora foi Nino Rota, que acompanhou Fellini em todos os seus filmes até a morte de Rota, em 1980, num “acompanhamento melódico singelo e emotivo”.

Seguem-se *O Conto do Vigário* (1955) e *As Noites de Cabíria* (1957) uma prostituta que encontra o amor de um homem que se propõe casar com ela. Maravilhada, Cabíria vende a sua pequena casa mas, segue estrada fora, noite adentro, sabe cada um para onde. Fellini volta ao tema da solidão humana que, no fundo, acompanha toda a sua obra. Fellini trabalha uma psicologia individual num contexto de uma psicologia social, ao contrário do neo-realismo, que mostrava a psicologia social através de uma psicologia individual.

Em *La Dolce Vita* (1960), um jornalista fica a saber do suicídio de um amigo e tem de dar a trágica notícia à mulher do amigo. Daí em diante, as suas preocupações aumentam e acaba por ingressar num mundo de podridão social até que acorda, uma manhã, na praia, após uma orgia, dividido entre o mau e o bom.

A segunda fase da obra Felliniana, a fase surrealista, inicia-se com *8 1/2*, que conta a história de um realizador de cinema diante de um impasse: o que dizer e como dizer o que se passa com ele, como homem e como artista. São as dúvidas e experiências do próprio Fellini, enquanto realizador.

*Julieta dos Espíritos* (1965) mostra os problemas da jovem Julieta numa sociedade cujos valores estão decadentes, numa alegoria surrealista dos sentidos. Tal como a fragmentação narrativa de *Satyricon* (1969), baseado no livro homónimo de Gayos Petrónius (séc I), que narra as aventuras de Encolpio e Ascilto num emaranhado de pedofilia, antropofagia e rituais imorais de uma Roma decadente. É um “filme sobre a antiguidade que conta uma história actual”. Novamente, a solidão e a sociedade fracturante, mas já com fortes sinais da fantasia felliniana que caracteriza a sua terceira fase.

Segue-se *Roma* (1972), um hino à cidade das ilusões. Uma vez mais, não há ligação narrativa entre as cenas desconexas de um desfile de moda eclesiástica, de um bordel, tesouros arqueológicos, um engarrafamento, um desfile nocturno de motos e cenas “metacinematógráficas” da própria filmagem, sem qualquer solução de continuidade.

A palavra Papparazzo ganhou notoriedade no filme *La Dolce Vita* (1960), através do personagem Papparazzo, que fotografava celebridades, interpretado por Walter Santesso.

Logo depois filma *Amarcord* (1973), em que Titta, adolescente, fala dos sonhos alimentados pelos turistas e pelo cinema.

Entre os personagens estão os seus pais; um padre; Gradisca, a cabeleireira; a mulher da tabacaria; Volpina, a ninfomaniaca; o acordeonista cego, entre outros. Nova fragmentação de uma sociedade onde as pessoas vivem isoladas.

Casanova de Fellini (1976) retrata o mito do libertino Giacomo Casanova, num filme confuso mas engraçado, em que Fellini volta ao tema da solidão. Depois realiza A Cidade das Mulheres (1980) e O Navio (1983). No primeiro desenvolve a relação entre homens e mulheres e no segundo um conflito de classes, de uma forma cinematograficamente teatral.

Em Ginger e Fred (1986) Fellini passa uma visão nostálgica do passado e faz um ataque à televisão, onde Amelia e Pippo reencontram-se depois de várias décadas para apresentar o seu antigo music-hall (imitando Fred Astaire e Ginger Rogers) num programa de TV.

E finalmente A Voz da Lua (1990), que conta as aventuras divertidas de um doente mental recém-libertado e o seu bando de desajustados, que procuram o amor.

Duas das características de Fellini enquanto realizador: o facto de, depois de desenvolver e rever o guião ao pormenor, deitava-o no lixo logo no primeiro dia de rodagem e tudo o mais era de cabeça. Era “como se fosse uma viagem agradável, um piquenique de amigos”. A outra: o facto de nunca rever os seus filmes anteriores: “Sou um pai desnaturado dos meus filmes antigos”.

# Programação Cinema

Documentário

Documentário



## My Dear Spies

15 de jan. 21h00

Cineteatro Marques Duque

Género: Documentário

Realizador: Vladimir Léon

Ano: 2020

Classificação: M\10



## Os respigadores e a respigadora.

11 de fev. 21h00

Cineteatro Marques Duque

Género: Documentário

Realizador: Agnès Varda

Ano: 2000

Classificação: M\12



## Best Of Curtas

28º Curtas Vila do Conde.  
Festival Internacional de Cinema

*De 19 a 26 de março integrado do programa  
Lembrar Serrão Martins (ver programa próprio)*

### **Elo**

Alexandra Ramires · Portugal/França · 2020 · ANI · 12'

### **Hidden**

Jafar Panahi · França/Irão · 2020 · DOC · 19'

### **Dustin**

Naïla Guiguet · França · 2020 · FIC · 20'

### **Physique De La Tristesse**

Theodore Ushev · Canadá · 2019 · ANI · 27'

## miúdos & graúdos

### **Curtinhas** [nas escolas]

28º Curtas Vila do Conde.  
Festival Internacional de Cinema

*De 19 a 26 de março integrado do programa  
Lembrar Serrão Martins (ver programa próprio)*

### **Au Large**

Mathilde Pepinster · Bélgica · 2019 · ANI · 6'

### **Black & White**

Jesús Pérez, Gerd Gockell · Suíça/Alemanha · 2020 · ANI · 5'

### **The Witch And The Baby**

Evgenia Golubeva · Rússia · 2020 · ANI · 5'

### **O 28**

Otalia Caussé, Geoffroy Collin, Louise Grardel, Antoine Marchand, Robin Merle, Fabien Meyran · França · 2019 · ANI · 5'

### **Tobi And The Turbobus**

Verena Fels, Marc Angele · Alemanha · 2019 · ANI/FIC · 7'

### **Matilda And The Spare Head**

Ignas Meilunas · Lituânia · 2020 · ANI/FIC · 13'

### **Luce & Me**

Isabella Salvetti · Itália · 2019 · FIC · 10'

# Programação Teatro



fotografia. Magda Bizarro

## **By Heart**

02 de fev. 21h00

Cineteatro Marques Duque

de Tiago Rodrigues/Teatro

Nacional D. Maria II

Classificação: M\12

integrado no programa

arte non stop



fotografia. Bruno Simão

## **Turma de 95**

06 de fev. 21h00

Cineteatro Marques Duque

de Raquel Castro

Classificação: M\12

integrado no programa

arte non stop





fotografia. Estelle Valente

## **Carolina Beatriz Ângelo**

*09 a 10 de fev.*

*Programação Escolas  
de Cláudia Gaiolas*

**Classificação:** M\06

*integrado no programa*

*arte non stop*



fotografia. Mário Cruz

## **O Punho**

*21 de mar. 16h30*

*Cineteatro Marques Duque*

**Escola de Mulheres a partir da obra  
homônima de Bernardo Santareno.**

**Versão cênica Fernanda Lapa**

**Classificação:** M\12

*integrado no programa*

*lembrar serrão martins*

lembrar  
**SERRÃO  
MARTINS**

OS  
MÚ-  
CA



DA  
MÚ-  
CA

# Donham os ouvidos nisto!

Por Marcus Veiga

Músico, comunicação  
e conteúdos  
PLAY Prémios  
da Música Portuguesa



*Rapazes e Raposas” B Fachada*

Em altura de confinamento, não é de estranhar um êxodo urbano, para fora das cidades, fugindo à (não)azáfama diária e procura de ar fresco para carregar baterias.

“Rapazes e Raposas” carrega o habitual espírito indomável de um dos maiores cantautores da praça nacional, B Fachada, que após um hiato de 6 anos, de forma fulminante e sem qualquer aviso, colocou este novo disco no seu bandcamp a 20 de Julho de 2020. O disco teve a particularidade de ser gravado em Mértola de Março a Abril do mesmo ano, bem numa altura em que a pandemia avançava a largos passos.

Trabalho produzido pelo artista, encarregue de toda a instrumentação, viola braguesa, modular ADDAC, baixo e teclados conta ainda com a co-produção, mistura e masterização do “companheiro de armas” Eduardo Vinhas.

Em “Rapazes e Raposas” respiramos Alentejo, cumprimentamos África, sentimos a irreverência, protesto e sarcasmo caminhando na metrópole, mas também dançamos em família, tendo ao longo dos 15 temas, os temperos característicos e já apresentados nas edições passadas. Numa altura em que a Pop já não é pop, nem soa a Pop, o artista abre mais uma janela, onde a viola braguesa e o sintetizador modular assumem papéis principais, não em dicotomia mas sintonia, entre o passado e futuro, o tradicional e o contemporâneo, numa viagem por paisagens marcadamente populares e folk, à synth pop.

O protesto é omnipresente, sagaz e asente na questão do ser social ou do que é suposto estabelecido, como no niilista “O Anti-Fado”, “Todo o saber um dia parte-se / Sou anti-Freud sou o anti-Marx / Não há truque semiótico eu sou anti-Patriótico”.

Apura-se que Mértola poderá ter tido um crucial papel neste reduto de B Fachada na envolvência e ambiente que rodeia este disco, servindo até de tela paisagística aos olhos do autor no caso de “Natureza Radical”. Aqui, é nomeada a fauna existente por estas paragens, transportando-nos diretamente para a capa deste álbum da autoria da artista visual Mané Pacheco, onde ecoa o coaxar de sapos que embalam, “A Noite é negra e o vento só ajuda os predadores à matança”.

O divertido “Trad-Mosh” remete musicalmente aos tempos da banda Diabo na Cruz de que B Fachada fez parte, mas também é aqui onde a sua faceta parental é semi-revelada, “Mas com paciência lá convenço as minhas crias a juntar os bombos para bombar o Trad-Mosh / Quero toda a gente a rir, é nisto que o papá é boss”.

“Prognósticos” é daquelas canções que de parecer colectivo podem muito bem espelhar estes novos tempos, nossas ansiedades e dúvidas, havendo ainda espaço para uma ode ao canto popular

português em andamento curiosamente similar ao semba de Angola, em “Padeirinha” celebrando os característicos afares e dizeres das gentes de trabalho. B Fachada é sem dúvida um dos grandes expoentes líricos nacionais cujas características peculiares de escrita mordaz e metafórica fazem dele um artista ímpar.

De um todo, “Rapazes e Raposas” é uma jornada de fábulas, jogos de palavras e crítica social ao sabor de deliciosas canções.

“Eloquência para quê? O Pessimismo nunca foi tão demodê”

Recostar, saborear e repetir.

**<https://bfachada.bandcamp.com/album/rapazes-e-raposas>**



## histórias com música

# Do rock'n'roll e da Mariana Campaniça A viola que me furou a pele



António Bexiga [Tó-Zé Bexiga]

Cordofone de 5 cordas duplas (pode ter duas triplas, os bordões), com a caixa em forma de 8 e boca circular, a viola campaniça é um instrumento muito nosso, mais portátil que um piano, com maior autonomia que um smart phone, uma sonoridade única e idiosincrasias que podem proporcionar muitas horas de prazer a quem toca e a quem ouve.

Um dia, o João Aguardela disse-me: \_“Tu devias tocar viola campaniça”. Tínhamo-nos conhecido há poucas horas. Ele vinha fazer um concerto a Évora, com A naifa, salvo erro, e eu trabalhava na produção desse concerto. Nessa noite, devo ter adormecido ao som do Jorge Montes Caranova, em repeat.

Falámos durante algumas horas, que foram passando como minutos. Eu fui anotando referências para pesquisar mais tarde e imaginando o arquivo enorme de música portuguesa que o João devia ter em sua casa, para falar com aquele à vontade sobre o assunto. No final da conversa, disse-me ainda o João: \_ “Na próxima vez que

vier a Évora, trago-te tudo o que tiver de viola campaniça". Eu agradei a generosidade e a gentileza mas confesso que depuseti uma expectativa moderada naquela promessa de "final-de-noite-pós-concerto".

Eu conhecia a viola campaniça já há muitos anos e até nutria um sentimento carinhoso para com ela, mas como quase tudo aquilo que vinha do universo do "tradicional/popular/folclórico" (eu juntava tudo no mesmo saco, na altura), despertava em mim um misto de fascínio exótico com proximidade genética e assunto meio tabu, guardado a sete chaves por guardiões do tempo(l)lo.

Meses depois da conversa com o João, e quase em simultâneo, três eventos fariam com que, hoje, me seja muito difícil imaginar a minha vida sem a viola campaniça:

1 - O João Aguardela voltou a Évora e trouxe-me 3 CD's cheios de música com a viola campaniça, entre recolhas próprias e material publicado – provando que eu estava errado em moderar o meu entusiasmo e revelando uma generosidade que é própria de quem gosta muito do que faz e que, por isso, tem prazer em partilhar;

2 - O Pedro Mestre fez uma oficina de viola campaniça no Festival Andanças e eu aprendi a tocar os meus primeiros

dois temas no instrumento, o Pézinho e a Moda dos Arquinhos;

3 - O Paulo Pereira, nesse tempo meu colega na banda Uxu Kalhus, andava a dizer-me há muito que eu devia comprar uma campaniça porque, dizia ele, "tinha tudo a ver comigo". Na altura, não havia violas disponíveis como hoje; um instrumento de qualidade aceitável era caro e só se conseguia por encomenda a um construtor, que demorava vários meses a produzi-lo. A viola campaniça da Bolsa de Instrumentos da Associação Pé de Xumbo foi a primeira campaniça residente, temporária, cá em casa. Este acontecimento permitiu-me descobrir os primeiros acordes na viola. O Paulo tinha razão.

Terei comprado a minha primeira viola campaniça há praticamente 14 anos, estaria eu a completar o meu trigésimo aniversário. Dediquei-lhe, desde então, muita atenção e coração.

O Paulo convidou-me a integrar os No Mazurka Band [NMB]. Neste projeto tive oportunidade de conhecer e tocar muito repertório popular e original de inspiração tradicional mas com arranjos contemporâneos. Gravei com NMB o meu primeiro disco com a viola campaniça, chamado "A-do.baile", que apresentámos por todo o país e também no estrangeiro -, Espanha, França, Bulgária, Bielorrússia são os países que me vêm à memória enquanto

escrevo estas linhas. A partir daí, esta relação foi crescendo sempre. Levo a viola para todo lado e toco com ela a música que quero ouvir, desde a popular à experimental, da acústica à elétrica, passando pela paisagem sonora e tenho a certeza de que há muito ainda por descobrir.

Por não abordar a viola sempre de maneira "tradicional", em algumas ocasiões ia ouvindo que a viola deveria servir apenas para tocar o repertório da viola e isso levou-me a fazer várias reflexões sobre o que andava a fazer. Eu gostava muito, e gosto, do repertório tradicional mas também gosto de ligar pedais e tocar viola campaniça com arco de violoncelo ou usar outros objetos para percutir o tampo ou friccionar as cordas. Na minha cabeça, convivem bastante bem o Jorge Montes Caranova e o John Cage ou o Ti Manuel Bento e o Marc Ribot a fazerem duetos com e sem pedais de distorção.

Numa ocasião, num festival na Suécia, onde estava a tocar com o projeto Guilhada, conheci o guitarrista de uma das maiores referências da folk sueca, os Väsen. Mostrei-lhe a minha viola campaniça. Ele demorou pouco tempo a perceber a afinação e começou a tocar, quase que de imediato, os primeiros acordes do tema Jump, dos Van Halen. Sorrimos. E depois rimos muito. Falámos bastante sobre como usar os instrumentos tradicionais em diferentes contextos e

concluímos ambos que não há grandes limites, e que o respeito pelo instrumento passa também por lhe dar novas perspectivas. Lembro-me de ter pensado na diferença entre sair para a rua e passear, voltando depois para casa, ou nunca abandonar o quintal da própria casa. De como uma opção ou outra condicionaria a minha percepção do fundo da rua.

O mesmo músico mostrou-me a sua guitarra e a afinação que ele próprio tinha desenvolvido para mais facilmente tocar o repertório da banda, uma estranha e engenhosa afinação de uma guitarra de 12 cordas que repetia as mesmas duas notas nos bordões em 3 oitavas. Não havia memória de algum instrumento sueco ter aquela afinação específica antes, mas para ele funcionava e por isso mesmo a usava. Este episódio acabou por me ajudar a perceber o meu caminho.

Não tenho um passado ligado à música popular ou tradicional, muito pelo contrário. Comecei por fazer muitos quilómetros por semana para estudar piano na Academia dos Amadores, mais tarde, guitarra no Conservatório e depois ainda guitarra jazz na Escola Moderna de Jazz Almada/Seixal. Pelo meio, andei pelas bandas de garagem e fiz muitos concertos de rock por todo o país, com saídas pontuais a Espanha e Alemanha. Já era adulto quando comecei a descobrir que havia música e instrumentos que estive-

ram sempre ao meu lado e que me entravam pela pele adentro sem pedir licença. Mais curioso ainda é que essa música e esses instrumentos falavam e falam português - o que é diferente de serem portugueses, eu acho que os instrumentos são de muitos lugares e não poucas vezes de lugar nenhum, mas esta é outra história.

Mas eu queria aprender técnicas e repertórios tradicionais e por isso tinha de ter um plano. Decidi não fazer exatamente recolhas mas tentar aprender de cor, deixando o coração decidir o que fica e o que deixa ir. Tocar. Tocar muito e se possível com quem sabe mais dos repertórios tradicionais da viola. Fui tocando formal e informalmente com vários tocadores como o Paulo Colaço e mais tarde o David Pereira que, apesar da juventude, é dono de um conhecimento enorme do repertório tradicional. Com o David, partilhei um projeto chamado Há lobos sem ser na serra, que juntava música, utopia e ilustração digital. Aprendi muito repertório com ambos.

Tive oportunidade de participar em sessões de cante ao baldão, que me trouxeram outra perspectiva e dimensão da viola, enquanto instrumento de acompanhamento, repetitivo e marcado e, na minha memória, com o “Ti Amílcar” no comando.

Tive ainda a sorte de conhecer pessoal-

mente outro “Ti” de grande importância para o repertório que nos chegou, o Ti Manuel Bento.

Quando participei nos primeiros encontros de campaniça, notei que alguns novos tocadores diziam que a campaniça não dava para tocar as músicas que eles (poucas elas) gostavam de ouvir, fora do âmbito da música popular entenda-se, e isso preocupou-me porque me parece que é importante que o instrumento que escolhemos para tocar nos possa servir também para tocarmos as músicas de que gostamos, não importa em que tipo de repertório se enquadrem.

Por essa altura, eu andava a fazer as primeiras experiências que juntavam pedais de efeitos à minha viola campaniça, muito por culpa do meu projeto Bicho do Mato. Lembro-me de colocar os meus pedais e viola à disposição de quem quisesse experimentar, num encontro de boa memória em Beja, talvez o único que teve lugar na cidade.

Desde que a Ana Maria, a minha primeira professora de piano, ainda nos anos 1990, me demonstrou que se podiam retirar muitos mais sons do instrumento pensando nele como um todo e não apenas no teclado, a minha vida mudou! Passei a procurar nos instrumentos outras texturas sonoras capazes de me surpreender. Em alguns momentos, terei

mesmo ficado obcecado com a ideia de ouvir um novo som. A viola, seja acústica, ou amplificada, tocada com as mãos ou outros objetos, tem um mundo de sons que lá estão para se descobrirem.

Nas minhas composições, a solo ou integrado em projetos coletivos, procuro, para além dos ritmos e melodias que melhor contem as minhas histórias sonoras, novos timbres e texturas.

Tenho dois projetos com trabalhos a sair em breve, assim espero, RAIA: Planeta campaniça, solo mas com participações habituais da Cristina Viana e do Diogo Duro e Duas violas, com a Ana Santos.

Desde que a primeira viola entrou na minha vida que, em conjunto com alguns construtores como o João Pessoa e o Daniel Luz, por exemplo, temos travado várias batalhas para conseguir ter instrumentos mais fiáveis e que permitam explorar a viola em vários contextos.

Julgo que o futuro do instrumento também poderá passar pela possibilidade de ser opção para tocar numa variedade maior de repertórios e para isso, precisamos de instrumentos mais estáveis, resistentes e versáteis. Já estamos a assistir a uma mudança no mundo da viola, quando de norte a sul do país, vão aparecendo novos tocadores com abordagens e até afinações diferentes para o mesmo instrumento, como o João Mo-

rais (O Gajo), o Pedro Banza, entre outros. Também há exemplos de novos tocadores que vêm de outros estilos musicais e escolhem os repertórios tradicionais, como o Marco Vieira, ex baixista da banda Pólo Norte, por exemplo.

*Para mim, a viola campaniça veio furar-me a pele e chegou ao coração. Para ficar.*

*Gosto do som, que é rude e doce ao mesmo tempo. Gosto da forma e do cheiro da madeira.*

*Gosto de como me diz que sou cristão, muçulmano, judeu e nenhum deles, ao mesmo tempo.*

*Gosto de que me lembre do sul, do meu sul. Do rio. Do Guadiana antes de haver Alqueva.*

*Da planície e do sol abrasador. Do valor da sombra. Do sequeiro e do porto de mar. Do cântaro. Do lume de chão e das castanhas. Da África do norte e das guitarras de Moçambique. Do Chipre e de Timor. Do Rock'n'Roll e da Mariana Campaniça.*

*António José Bexiga, nasceu em Évora, em 1976. Estudou piano e guitarra clássica, e mais tarde guitarra jazz. Passou por vários projectos desde o rock à música experimental, fusão e música improvisada. Descobriu depois a música de raiz e o prazer de a virar do avesso. Nos últimos anos, tem-se dedicado à exploração do repertório tradicional e de um instrumento em particular: a viola campaniça (Alentejo), que tem colocado em diferentes contextos musicais. Tem vários trabalhos em cinema, teatro, dança contemporânea e teatro de marionetas. Faz oficinas regulares de exploração sonora e criatividade musical, construção de instrumentos e estratégias de composição instantânea e colaborativa.*

*Bio Fonte: A Música Portuguesa a Gostar dela Própria.*

# Programação de Música



Uma Palavra começada por N  
**Noiserv**  
7 de fevereiro. 16h00.  
cineteatro marques duque. M\6  
integrado no programa arte non stop.



Rapazes e Raposas  
**B Fachada**  
20 de março . 21h00.  
cineteatro marques duque . M\6

Concerto de Ano Novo

**Os Vocalistas,**  
8 de janeiro, 19h30,  
Igreja Matriz

Sem Rede,  
**Virgem Suta,**  
23 de janeiro, 21h00.M\6

**Vera Mantero e Gabriel Godoi**  
**cantam Caetano Veloso,**  
14 de fevereiro, 16h00,  
cineteatro marques duque. M\6  
*integrado no programa Arte Non Stop*

# Programação de Dança

Conferência . Espetáculo .

## **Do Clássico ao Contemporâneo** **- Uma viagem pelo universo da dança**

**Shostakovitch Pas de Deux**

por Yannick Bouquin\Companhia Nacional de Bailado

**Conferência**

por Tiago Bartolomeu Costa

**Kokoro**

de Ana Isabel Castro e Deeogo Oliveira

12 de fevereiro. 21h00. Pavilhão Multiusos de Mértola. M\6  
*integrado no programa Arte Non Stop*





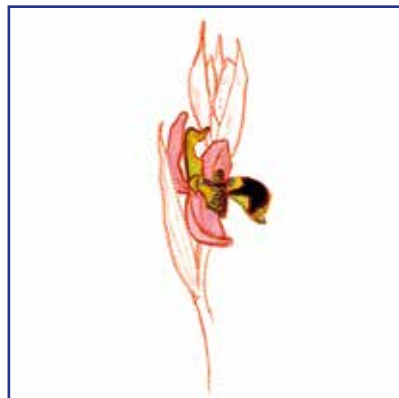
ART  
TE

**9 a 23 de jan.**  
– “CALENDÁRIO 2021” -  
**exposição de ilustrações**  
GRUPO DO RISCO

**casa  
das artes  
Mário Elias**



**casa  
das artes  
Mário Elias**



**1 a 23 de fev.**  
– “PLANTARUM” –  
**exposição de desenho de**  
DANIEL CARDEIRA integrado  
na programação Arte Non Stop.

**1 a 23 de fev.**  
– “TERRA ABANDONADA” –  
**exposição de cerâmica de**  
SOFIA BEÇA integrado na  
programação Arte Non Stop.

**Galeria  
do Castelo**



**Museu Paleocristão  
casa das artes  
Mário Elias  
Castelo**

**27 de mar. a 30 de abr.**  
– “A MÁQUINA DO TEMPO” –  
**exposição de pintura e escultura**  
JOANA PAIVA SEQUEIRA,  
JOSÉ ALEXANDRE SÃO MARCOS  
e PAULO ROMÃO BRÁS,

**27 de fev. a 19 de mar.**  
– “A FORÇA DOS AFECTOS” –  
**exposição de pintura e fotografia**  
MARIA JOSÉ FERREIRA  
e FILIPA VIEIRA

**casa  
das artes  
Mário Elias**



**horários.**  
galeria do castelo. 3ª feira a sábado. 09h00-  
12h30 | 14h00-17h30  
casa das artes mário elias. 3ª feira a sábado.  
09h00-12h30 | 14h00-17h30

# Convento de Mértola



Em inícios do ano de 1980, após ter ensinado Yoga e Movimento em Lisboa, e um seminário de um grupo de Iyengar Yoga, no chão acabado de fazer na capela do Convento de São Francisco, em Mértola, decidi dar aí aulas de yoga.

## Yoga . Meditar. Relaxar

*Geraldine Zwanikken com  
tradução de Fernando Venâncio*







O Yoga é um método efectivo e extremamente popular para relaxar e acalmar as pessoas. Durante séculos, o Yoga foi usado para limpar e libertar a mente, contribuindo para o bem-estar e equilíbrio. É fácil de praticar, pode ser praticado por pessoas de qualquer idade e nível de agilidade. O Yoga pela sua natureza não é competitivo. Você vai praticar e evoluir de acordo com o seu próprio ritmo e nível de conforto. Do ponto de vista físico, o Yoga fortalece os músculos e a coluna, criando flexibilidade e conforto emocional. Do ponto de vista emocional, o Yoga é um tremendo redutor do stress. O Yoga equilibra a relação corpo-mente. Espírito, dando-lhe o sentimento de tranquilidade e paz.

Os primeiros entusiásticos participantes foram Crisaltina, Valquíria, Nini, Sebastiana, Nené (Janelas Verdes), Rosa e outros. Para eles, tratava-se de "ginástica". A palavra "yoga" não tinha ainda entrado no seu vocabulário. Levou algum tempo até entrar nas suas consciências.



No budismo, o espaço de meditação é um lugar tranquilo, fresco e livre de distrações. Aí, o participante deve tomar a posição básica (asana): sentar-se com as pernas cruzadas, os joelhos virados para o solo e a coluna em posição vertical. As mãos repousam sobre os joelhos ou num dos gestos chamados (mudras).

No budismo, existem técnicas de intensa visualização, fundamentais em todos os tipos de yoga e que podem levar-se a um inextinguível nível de refinamento.





Numa concentração de “um ponto” num objecto, a mente imobiliza-se e acaba por ser apagada (um exemplo: focar-se na luz duma vela).

O Corpo Azul (Blue Body) de meditação, de cura e descontração é uma disciplina em que os participantes elevam a sua percepção até à consciência do quarto nível do “Espectro da Luz”: a frequência do azul ultra-violeta, que tem em vista a cura ou a mudança no corpo físico.



A Escola de Artes Mário Elias é um projeto de sensibilização, formação e educação artística não formal promovido pela Câmara Municipal de Mértola. A escola não é um espaço físico, um lugar ou uma sala. A escola acontece em workshops, cursos, residências artísticas ou master classes dirigidos a diferentes públicos. Pretende habilitar as pessoas para a criação artística e desenvolver nelas a capacidade de se relacionarem, interpretarem e sentirem as diferentes linguagens artísticas, bem como, de assumirem perante a arte e a vida uma consciência crítica e uma atitude criativa.



## A NOSSA CAPA

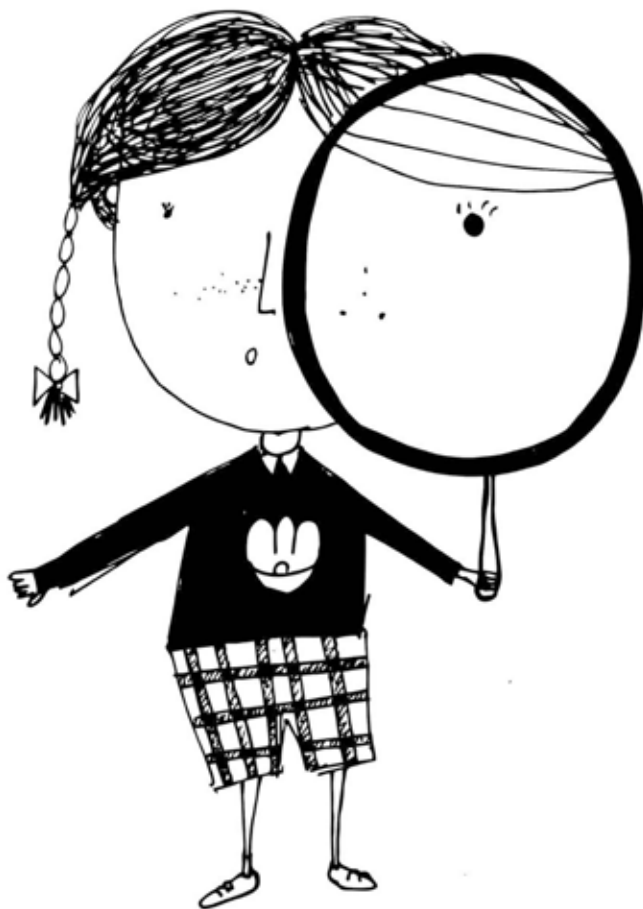


### **Assoma-te, Cultura para Todos!** Beatriz Raposo (Beja /1991)

É Mestre em Arquitectura Paisagista, tendo também frequentado a faculdade de Belas Artes. Encontrou no design e na ilustração duas paixões que tem explorado cada vez com mais entusiasmo e que a desafiam para novos rumos. Teve uma infância embalada por histórias, sonhos, estrelas e muito futebol. Continua sem saber o que vai ser quando for grande, mas tem a certeza de que o céu é o limite.

Criou a marca Girafa na Lua (@ girafana\_lua | girafanalua.shop) instagram e loja através dos quais vai dando a conhecer as suas criações.

ALICE  
ELA OLHAVA O MUNDO POR UMA LUPA.



GIRAFANA NA LUA

MÉRTOLA

PA

TRI

MÓ

NIO

DE

TODOS



# Olhar de ...Jorge Rosa

Presidente da CMM de Mértola, Presidente da CIMBAL.

Mértola é uma terra linda e apaixonante!

Esta frase é repetida por quem vem a Mértola, por quem a conhece, por quem percorre os nossos territórios.

A nossa história remonta a milhares de anos atrás, quando povos exploradores decidiram subir desde o mar, entrando pelo rio, e estabelecendo-se num local que lhe dava uma posição militar importante, quer para defesa, quer para estabelecer uma “base” e continuar a conquistar para norte.

Desde esse momento, e sucedendo-se em diferentes épocas novas lutas e conquistas, a história de Mértola foi-se escrevendo. Os vestígios foram ficando, e as ocupações marcaram a cultura e a religião, a linguística e a gastronomia.

A orologia do território deste concelho é muito interessante, pois é um cenário de transição da planície a norte para a serra a sul, o que permite diferentes tipos de paisagens, algumas de rara beleza, e com uma biodiversidade riquíssima, sendo os valores naturais uma das enormes riquezas desta terra. A presença do rio Guadiana contribui sobremaneira para esta riqueza natural e para os magníficos lugares nas suas margens.

Outra das riquezas e das enormes mais-valias são as pessoas. As que são naturais daqui, que têm as suas tradições, as suas próprias formas de fazer, a sua gastronomia, os conhecimentos que passam de pais para filhos e de avôs para netos, mas também algumas que, vindas de fora, decidiram que seria Mértola a

sua vila de adoção, e que na sua vida contribuíram muito para enriquecer ainda mais, e tornar mais conhecido o que existe. São várias as pessoas que se destacaram no seu percurso e na sua existência em Mértola, alguns naturais, outros adotados por esta terra.

Durante toda a sua história, os milhares de anos de sua existência, Mértola vila e seu concelho foram sendo valorizados, enriquecidos de diversas formas. Temos uma presença religiosa forte, que criou vários locais de culto, vários períodos de arquitetura e diverso património construído, a paisagem e valores naturais, em parte alterados pelas atividades humanas, onde se destaca por exemplo o montado, ou antigamente o cereal. Parte dos nossos terrenos possuem valores minerais, e foram-se desenvolvendo novos interesses, novas atividades, em resultado de diversos projetos, que para além de fazerem desta terra um exemplo, permitem que Mértola continue nos dias de hoje a ser valorizada e enriquecida, e possa continuar a ter futuro.

Todo este património, natural, humano, construído ou modificado, fazem de Mértola o sítio lindo e apaixonante que é. Uma obra que tem milhares de anos, e milhares de protagonistas, que foram em diversos momentos os seus obreiros.

Um lugar assim deve estar disponível e servir para ser de todos, para que quem cá reside ou visita, o sinta um pouco seu. Porque na verdade Mértola é de todos, e todos somos Mértola!

HISTÓRICO  
AR  
QU  
VO

MUSEU





# A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS OBJETOS

Exposição “Guerreiros e Mártires – A Cristandade e o Islão na formação de Portugal”

Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa) – 20 de novembro de 2020 a 28 de fevereiro de 2021

Lígia Rafael \_ [fotografias cedidas por Santiago Macias]



Inaugurou no dia 19 de novembro, no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, a exposição temporária “Guerreiros e Mártires – A Cristandade e o Islão na formação de Portugal”, comissariada por Santiago Macias e Joaquim Oliveira Caetano.

Nas palavras dos seus comissários esta exposição pretende evocar “os 800 anos do martírio de um grupo de franciscanos: Berardo, Otão (sacerdotes), Pedro (diácono), Acúrsio e Adjuto (leigos) – os Mártires de Marrocos – que, em 16 de janeiro de 2020, foram mortos no Norte de África. Tendo como pano de fundo uma época inicial de afirmação e estabelecimento de Portugal como Nação”, esta Exposição “através de um conjunto peças (ourivesaria, cerâmica de luxo e comum, peças militares, tesouros monetários, pintura, iluminura, escultura, têxteis, marfins e arte do fogo) irá permitir aos visitantes desvendarem as vivências deste importante período.

O projeto envolve mais de setenta instituições (museus, bibliotecas, igrejas e coleções particulares) de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Marrocos e reino Unido, e enquadra-se nas comemorações do Ano Jubilar dos Mártires de Marrocos e de Santo António, tendo como parceiros a Diocese de Coimbra, a Igreja de Santa Cruz de Coimbra e o Museu Nacional Machado de Castro”.





Assumindo uma das suas funções de divulgação do acervo, seja nos diversos núcleos museológicos, seja através da participação em exposições temporárias organizadas em Portugal e no estrangeiro, o Museu de Mértola emprestou, para esta importante Exposição, 42 objetos onde se incluem peças de cerâmica, com destaque para a decorada em corda seca e uma talha estampilhada; peças de ourivesaria como um anel, fivelas e outros objetos de adorno, um molde e um cadinho de fundição e alguns objetos de armamento. No lote de objetos do Museu de Mértola está, também, incluída uma maquete da Mesquita de Mértola, todos objetos de destaque na exposição permanente do núcleo museológico de Arte Islâmica, atualmente encerrado para obras de requalificação.

Para mais informação consultar [www.museudearteantiga.pt/exposicoes](http://www.museudearteantiga.pt/exposicoes)

## Museu de Mértola

### Horário

De 3<sup>a</sup> a sábado, das 10:00 às 12:30 horas e das 15:00 às 17:30 horas;  
Domingo das 10 às 13:00 horas;  
Encerra domingo à tarde e segunda-feira

### Núcleos abertos ao público:

Oficina de Tecelagem; Igreja Matriz;  
Alcáçova; Castelo; Forja do Ferreiro;  
Arte Sacra; Basilica Paleocristã.

### Condições de Visita:

O uso de máscara e/ou viseira é obrigatório;  
Distanciamento social aconselhado (2m);  
Desinfeção das mãos à entrada;  
Cumprimento pelos limites de ocupação assinalados à entrada;  
Entrada grátis  
Não se realizam visitas guiadas

# Arqueologia em construção

Jorge Feio, arqueólogo, CMM



## horário

terça a sábado  
9:30 h - 12:30 h / 15:00 h - 17:30 h  
domingo  
9:30 h - 13:00 h

## ingresso

Torre de Menagem do Castelo  
e Arte Islâmica - 2.00€

*50% desconto para maiores de 65 anos e estudantes, entradas gratuita para menores de 12 anos e naturais e residentes no concelho de Mértola*

A entrada nos restantes núcleos do Museu de Mértola é gratuita.

O ingresso pode também ser adquirido no Posto de Informação Turística

## Informações e marcação de visitas guiadas

*turismo@cm-mertola.pt ou  
museus@cm-mertola.pt  
http://museus.cm-mertola.pt/  
Telefone: 286 610 100 ext. 1580 ou 1590*

## Acompanhamento arqueológico da obra realizada na Rua da Igreja (sul), Rua Latino Coelho e Encosta Oeste (incluindo a Travessa do “Ti Xico Rouxinol” e a Travessa do Açogue Velho)

Decorrente das necessidades de requalificação das infraestruturas de abastecimento de água de requalificação da calçada, por forma a melhorar as condições de vida, acessibilidade e mobilidade dos munícipes e turistas que visitam Mértola, elaboraram os serviços municipais o projeto de requalificação dos arruamentos no Centro Histórico de Mértola, submetido a parecer da DRCALEN, tendo obtido parecer favorável. Em candidatura ao Turismo de Portugal, obteve o Município de Mértola o financiamento para a requalificação do Largo da Igreja e rua da Igreja, parcialmente executado em 2019 (Largo e Rua da Igreja até ao Mercado).

Em Agosto de 2020, iniciou a Câmara Municipal, a 2ª fase (Rua da Igreja-sul e na Rua Latino Coelho) com os trabalhos de remoção da calçada, seguindo-se os trabalhos de substituição de rede de águas, colocação de tubos para passagem de cabos de fibra ótica e colocação de calçada, à semelhança dos trabalhos executados na Rua prof. Batista da Graça, Largo da Igreja e rua da Igreja.

Tal como aconteceu nos trabalhos anteriores, foram preferencialmente reutilizadas as valas antigas, evitando-se a construção de novas valas, para não destruir contextos arqueológicos que não tivessem sido afectados em trabalhos anteriores. A reabertura destas atingiram uma profundidade média de 0.50m e uma largura média de 0.60m.

## Desenvolvimento da obra e os trabalhos de acompanhamento arqueológico

Os trabalhos iniciaram-se na Segunda-feira, dia 17 de Agosto de 2020, junto à “Casa das Janelas Verdes”, na Rua da Igreja, com o levantamento da calçada e a preparação do terreno para a (re) abertura de valas, que decorreu até ao dia 16 de Setembro. A partir desta data procedeu-se à (re) abertura das valas para colocação do sistema de águas e cabos de telecomunicações.

No decorrer da reabertura das valas, ao longo da segunda metade do mês de Setembro, acompanharam-se os trabalhos na zona norte da Rua da Igreja, onde surgiu uma parede de época romana (parede número 1, cuja descrição apresentaremos mais adiante), que foi partida no decorrer das obras de 1979 (quando se fizeram as valas para colocação de águas e esgotos).

Ao longo dos meses de Outubro e Novembro a obra decorreu dentro da normalidade, acompanhando-se o desenvolvimento da obra na extremidade sul da Rua da Igreja, sobretudo na sua zona mais larga, defronte da “Casa das Janelas Verdes”; na zona norte da Rua Latino Coelho; na Travessa do Açougue Velho e na Travessa do “Ti Xico Rouxinol” que liga a rua da Igreja à Rua Elias Garcia.

Do ponto de vista da execução da obra, era a área mais complicada, com arruamentos em “cotovelo”, repletas de infraestruturas a toda a largura das vias urbanas (cabos eléctricos, cabos telefónicos, águas e esgotos). Ou seja, cedo percebemos que não seria fácil encontrarmos contextos arqueológicos bem preservados. Apenas num pequeno espaço da zona situada mais a sul da Rua da Igreja, em frente da “Casa das Janelas Verdes”, foi possível reconhecer no corte norte da vala uma zona de entulhamento que registámos fotograficamente e georreferenciámos com apoio da topografia, não tendo sido afectada, na medida em que nos limitámos a reabrir as valas já existentes. Ainda assim, recolhemos aqui alguns fragmentos de cerâmicas de várias épocas (sobretudo romanas, visigóticas, islâmicas, modernas e contemporâneas) que podem ajudar a caracterizar a ocupação deste espaço, apesar de se tratar de uma zona de entulhamento.

Reabertura da vala na Travessa. Observe-se o substracto rochoso quase à superfície nos limites da vala.



Foi possível ainda observar que a “Casa das Janelas Verdes” e todas as que ocupam a zona ocidental do extremo sul da Rua da Igreja assentam directamente no substracto rochoso (xisto azul). Portanto, caso tenha existido ali qualquer ocupação anterior, esta foi totalmente arrasada nos séculos XIX e XX, quando as casas foram construídas, daí resultando o entulhamento que observámos.

Na zona norte da Rua Latino Coelho, na Travessa do Açougue Velho e na Travessa que liga a Rua da Igreja à Rua Elias Garcia limitámo-nos a recolher alguns fragmentos de cerâmica descontextualizados que podem ser importantes para o estudo da evolução da ocupação do núcleo urbano antigo de Mértola. No dia 27 de Outubro de 2020 terminaram-se as valas para colocação de infraestruturas, com a ligação da Travessa do “Ti Xico Rouxinol” à Rua Elias Garcia. Nesta zona de intercepção foi recolhido um interessante conjunto de cerâmicas de época islâmica, com cronologia situada sobretudo entre os séculos XI e XII, e ainda cerâmicas de época moderna. Contudo, não foram identificadas quaisquer estruturas associadas. A ocorrência de rocha quase à superfície pode indiciar a destruição das construções mais antigas no momento em que se edificaram as novas casas nos séculos XVIII e XIX.

De imediato se seguiu a decapagem e “endireitamento” dos arruamentos, preparando-se o terreno para a repavimentação. Este trabalho iniciou-se na Travessa do Açougue Velho; seguiu-se a Travessa do “Ti Xico Rouxinol”; a Rua da Igreja, primeiro na zona em frente à “Casa das Janelas Verdes” e depois no sentido descendente (orientação Norte/Sul). Nesta acção foram recolhidas algumas cerâmicas e um fragmento de fresco romano. No último dia da execução deste trabalho, a 18 de Novembro, foi identificada na decapagem um importante conjunto de estruturas que foram limpas e registadas tendo sido entregue uma nota técnica à DRC Alentejo, para a qual se aguarda resposta.



Cerâmica cinzenta decorada



Cerâmica decorada a verde e manganês



Cerâmica estampilhada islâmica



Fragmento de candil islâmico

## Parede 1: descrição e medidas preventivas

A parede apareceu no decorrer de uma abertura de uma vala colocação de uma nova rede de águas e da rede de cabo na Rua da Igreja, em Mértola, e apresenta um aparelho construtivo constituído por lajes de pequenas e médias dimensões ligadas com terra. Tem 0.35m de largura, e um comprimento máximo de 0.20m à vista na vala. No passado foi parcialmente destruída na parte ocidental, onde deveria seguir até à rocha (socalco onde assenta o casario actual, pelo que tem sido possível observar, observada na vala técnica aberta em 1979. Analisando a localização e a cota a que se encontra a estrutura agora identificada regista-se que não será necessário proceder a qualquer afectação para a passagem das infra-estruturas. Também não será necessário afundar nesta zona.

Trabalhos desenvolvidos: limpeza e definição da estrutura; elaboração do desenho à escala 1:20; georreferenciação da estrutura e integração da mesma na cartografia da obra e da vila de Mértola; leitura estratigráfica; desenho do corte norte da vala (da zona onde se encontra a parede) `escala 1:20;recolha do espólio, cujo estudo poderá vir a ser importante para uma maior afinação cronológica. Para já, podemos afirmar que é romana.

Não sendo afectada qualquer das realidades de cariz arqueológico (parede e possível sepultura), deverão ser as mesmas cobertas com geotêxtil, deixando-se passar a conduta de água como previsto.

## Conjunto de estruturas islâmicas

O conjunto de estruturas surgiram no decorrer de uma decapagem preparatória para a colocação da calçada, próxima da zona onde anteriormente tinha sido reaberta uma vala para colocação d uma nova rede de águas e da rede de cabo na Rua da Igreja.

As paredes apresentam um aparelho construtivo constituído por lajes de pequenas e médias dimensões ligadas com ter-



Parede 1, sentido Sul/Norte



Agulha em osso, época romana

ra. A parede 2 (segue a numeração relativamente ao que já foi encontrado na rua) tem 0.66m de largura média, e um comprimento máximo observado à superfície de 1.56m. Têm à vista uma altura de 10cm. A parede 3 apresenta um comprimento máximo observado de 0.55m e uma largura de 0.50m. Junto a este canto de uma casa surge uma zona de afloramento rochoso alisado (endireitado), sobre o qual se observam ainda indícios de terra batida e muito compactada que pode correspon-

der a um pavimento. Numa rápida observação, podemos constatar que a parede dois encaixa no afloramento rochoso no sentido Norte/Sul, enquanto a parede 3 se encaixa e sobrepõe ligeiramente no sentido Este/Oeste. Tendo em consideração que a primeira, mais larga deveria corresponder a uma parede voltada à rua e que nesta zona os esgotos foram colocados a cerca de 1.50m de profundidade sem que se tenha atingido o substrato rochoso (a acreditar nos testemunhos de quem os colocou), notando-se ainda que a rua situada a nascente da que estamos a intervencionar tem um cota inferior de cerca de 6m, podemos suspeitar que as paredes agora encontradas possam corresponder a um canto de uma casa cuja construção aproveitou socalcos previamente escavados na rocha. Ou seja, confirmando-se o pavimento na parte superior, esta casa poderia ter dois pisos voltados para a rua mais baixa e um piso para a rua situada no topo do afloramento rochoso. Até porque paredes com pedras ligadas com terra com esta robustez precisavam de assentar em terreno bem firme.

Este sistema foi muito utilizado em Mértola no decorrer do período moderno, até aos finais do século XVIII/inícios do século XX (como pode facilmente constatar-se nos desenhos do Duarte D'Ar-

mas de 1509). Suspeita-se da sua utilização em época romana na zona da “Casa da Matilde”. Neste caso, parece comprovar-se que este sistema construtivo poderá também ter sido utilizado em época islâmica, pois os materiais que foram recolhidos no decorrer do ligeiro rebaixamento do espaço “intramuros” têm uma cronologia que podemos situar entre meados do século XI e meados do século XII (tegulae, cerâmica pintada a branco e fragmento de bordo de talha decorada com pingos de vidro).

Analisando a localização e a cota a que se encontra a estrutura agora identificada regista-se que não será necessário proceder a qualquer afectação para a passagem das infra-estruturas. Também não será necessário afundar nesta zona.

Trabalhos desenvolvidos: limpeza e definição da estrutura; elaboração do desenho à escala 1:20; leitura estratigráfica a apresentar no relatório final da intervenção; recolha do espólio, cujo estudo poderá vir a ser importante para uma maior afinção cronológica. Para já, podemos afirmar que a fase de abandono poderá situar-se em meados do século XII; georreferenciação da estrutura e integração da mesma na cartografia da obra e da vila de Mértola na próxima Segunda-feira.

Não sendo afectada qualquer das realidades de cariz arqueológico, deverão ser as mesmas cobertas com geotêxtil, colocando-se depois a calçada como previsto.



Paredes e possível pavimento após a limpeza inicial.



Espólio recolhido

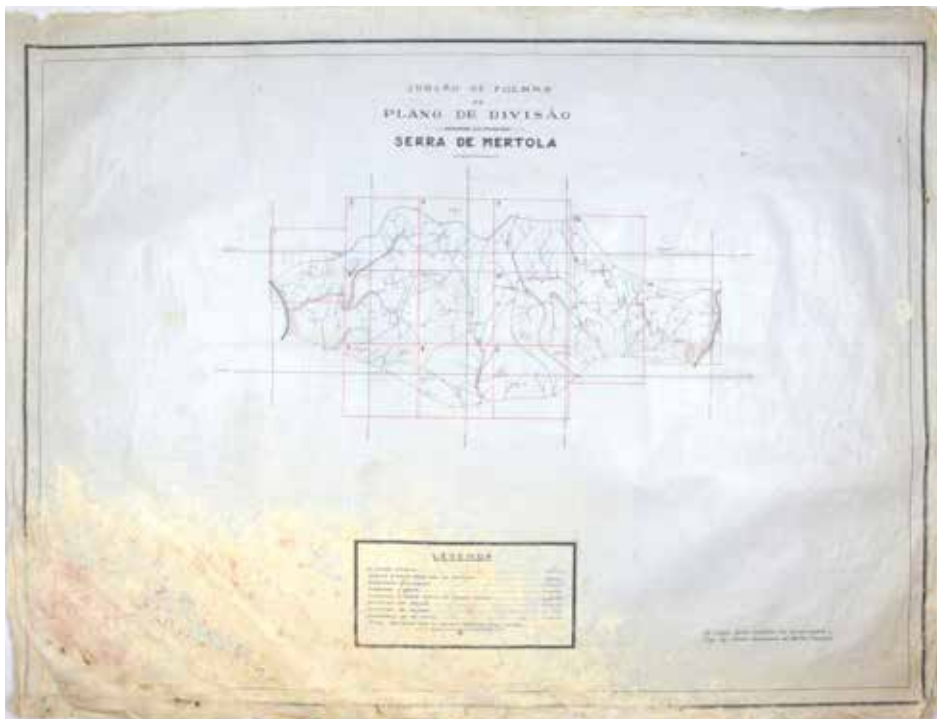
## Em jeito de conclusão

O acompanhamento arqueológico desta obra, que ainda se encontra em curso, se bem que em fase de conclusão, permitiu reconhecer novas realidades arqueológicas importantes, demonstrando que, por muito que já se tenham realizado obras num determinado local num passado mais ou menos recente, é sempre importante proceder-se ao acompanhamento arqueológico. Sobretudo numa vila histórica como Mértola e, há muito que o venho defendendo, nas aldeias históricas do concelho. Lembro que os esgotos e as águas de Mértola foram colocados em 1979, há 41 anos atrás. Mas nessa altura não havia o hábito de se fazer o acompanhamento arqueológico das obras e muitas estruturas foram então destruídas. Os trabalhos agora realizados permitiram reconhecê-las e descobrir outros contextos que ajudam a escrever a história antiga desta bonita vila. Paulatinamente vamos percebendo melhor como se desenvolveu, como se relacionou com outros pontos da Europa e do Mediterrâneo e como viviam as suas gentes. Um trabalho que precisa de continuar a desenvolver-se e a aprofundar-se

*Jorge Feio escreve de acordo com a antiga ortografia.*

## COISAS DE OUTROS TEMPOS ...

Arquivo Municipal de Mértola & Centro de Documentação da Mina de S. Domingos  
Paula Rosa, Arquivo Municipal de Mértola



O documento que aqui se publica apresenta o plano da divisão da Serra de Mértola, repartida em parcelas de terreno (as glebas) em 1926-27, na sequência das políticas protecionistas à lavoura e como consequência de um movimento de luta contra os terrenos incultos que pretendia a criação de uma lei que obrigasse à divisão dos terrenos baldios de maneira a incentivar o desenvolvimento agrícola do País.

Se até meados do século XIX, os principais usos do solo na Serra eram o pastoreio, a apicultura (malhadas), a cultura de cereais temporários, o montado, a recolha de lenha, de madeira e também de mato que era usado nos fornos para fabrico de pão, bem como, a produção de carvão (atividade considerada profissional e, reconhecida em 1738 no mu-

nicípio de Beja), e a Serra tenha sido assim explorada de forma mais equilibrada, a partir da década de 60 do século XIX (ainda antes da divisão da serra), o cultivo de cereais ter-se-á tornado mais significativo (devido ao aumento da população que se fixou com a atividade da Mina de S. Domingos). No entanto, a população sem acesso à terra, a política de aumento da produtividade agrícola e a legislação republicana que incentivava a partilha dos terrenos baldios levou à formalização da divisão da Serra de Mértola.

Nesta perspetiva, em 1926, o baldio da serra de Mértola, com cerca de 9660 hectares, foi repartido em 2610 glebas, tendo mais de 50%, dimensões entre os dois e seis hectares. A cada casal foi destinado um hectare e mais um por cada filho. Daí o facto de existirem dez classes de glebas diferentes, conforme se pode verificar pelas atas dos sorteios das glebas.

Consulte a documentação relacionada com a divisão da Serra de

Mértola já disponível no site do Arquivo Municipal de Mértola em: <https://arquivo.cm-mertola.pt>

### *Bibliografia:*

ROXO, Maria José - *A cultura do trigo e a degradação dos solos na margem esquerda do Guadiana. Territorium. Lousã. 7(2000), p. 25-32.*

RODRIGUES, Catarina Teixeira - *Baldio da serra de Mértola - uma história da paisagem. Lisboa · Instituto Superior de Agricultura, 2017. 91 p. Dissertação de mestrado.*



# Memórias Fotográficas



Festa de S. João em Colgadeiros (1929?).

A memória fotográfica representada nesta imagem remete-nos para um momento familiar e festivo durante a festa de S. João, em Colgadeiros. No verso da fotografia tem a seguinte nota: "Na porta sentados: João Celorico Palma e mulher, Maria José da Silva Rodrigues Palma e filhos José Joaquim à esquerda e Matias à direita".

A fotografia foi cedida para digitalização por Maria José da Paz Rodrigues Palma.

*Participe no projeto de recolha e divulgação de fotografias antigas e contribua para a memória coletiva do concelho. Contacte o Arquivo Municipal de Mértola através do email [arquivo@cm-mertola.pt](mailto:arquivo@cm-mertola.pt). A cedência de documentação de interesse local para digitalizar é temporária, não havendo transferência de propriedade, exceto se o possuidor pretender efetuar a doação ou depósito.*

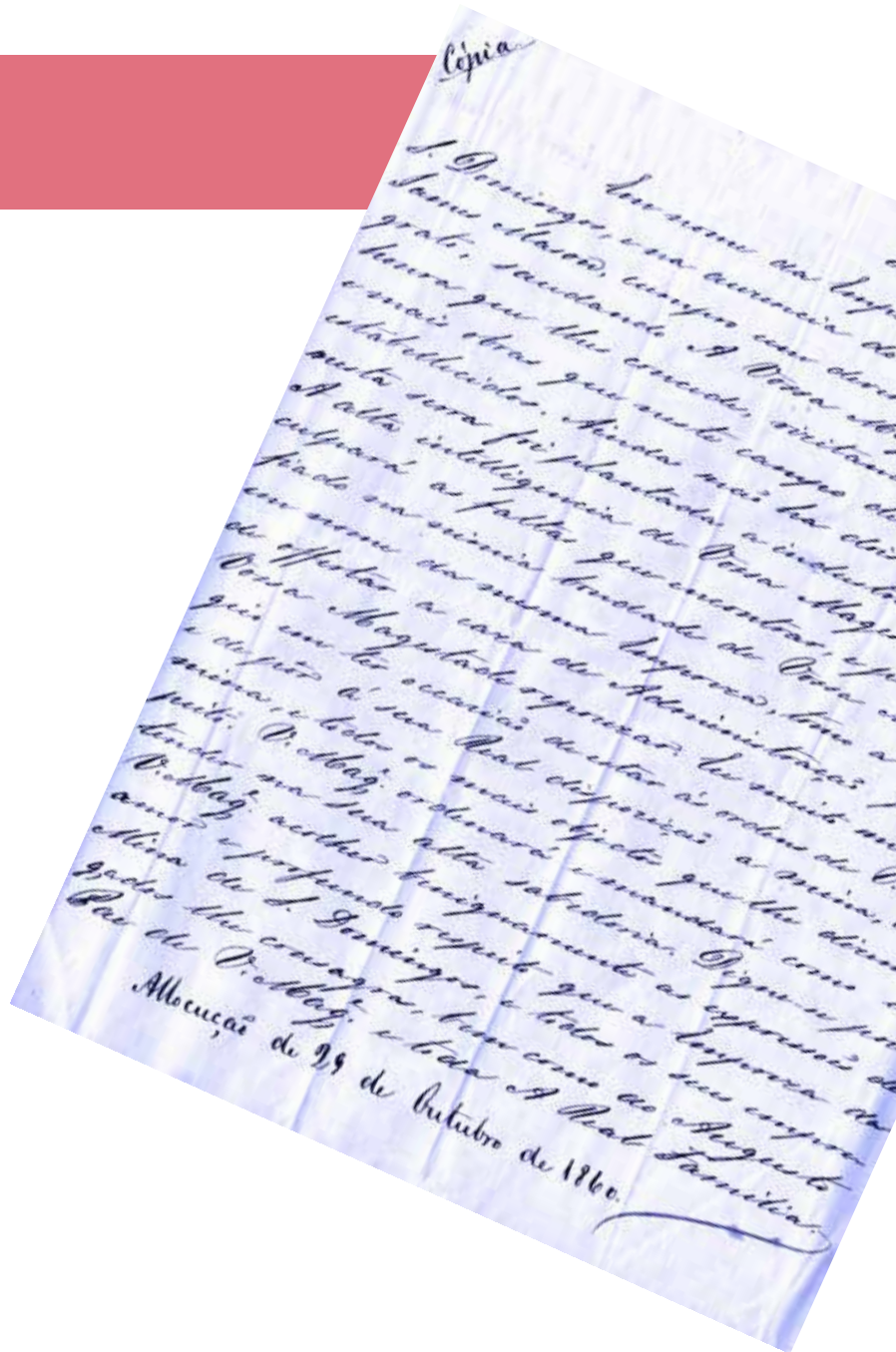
# Centro de Documentação da Mina de S. Domingos

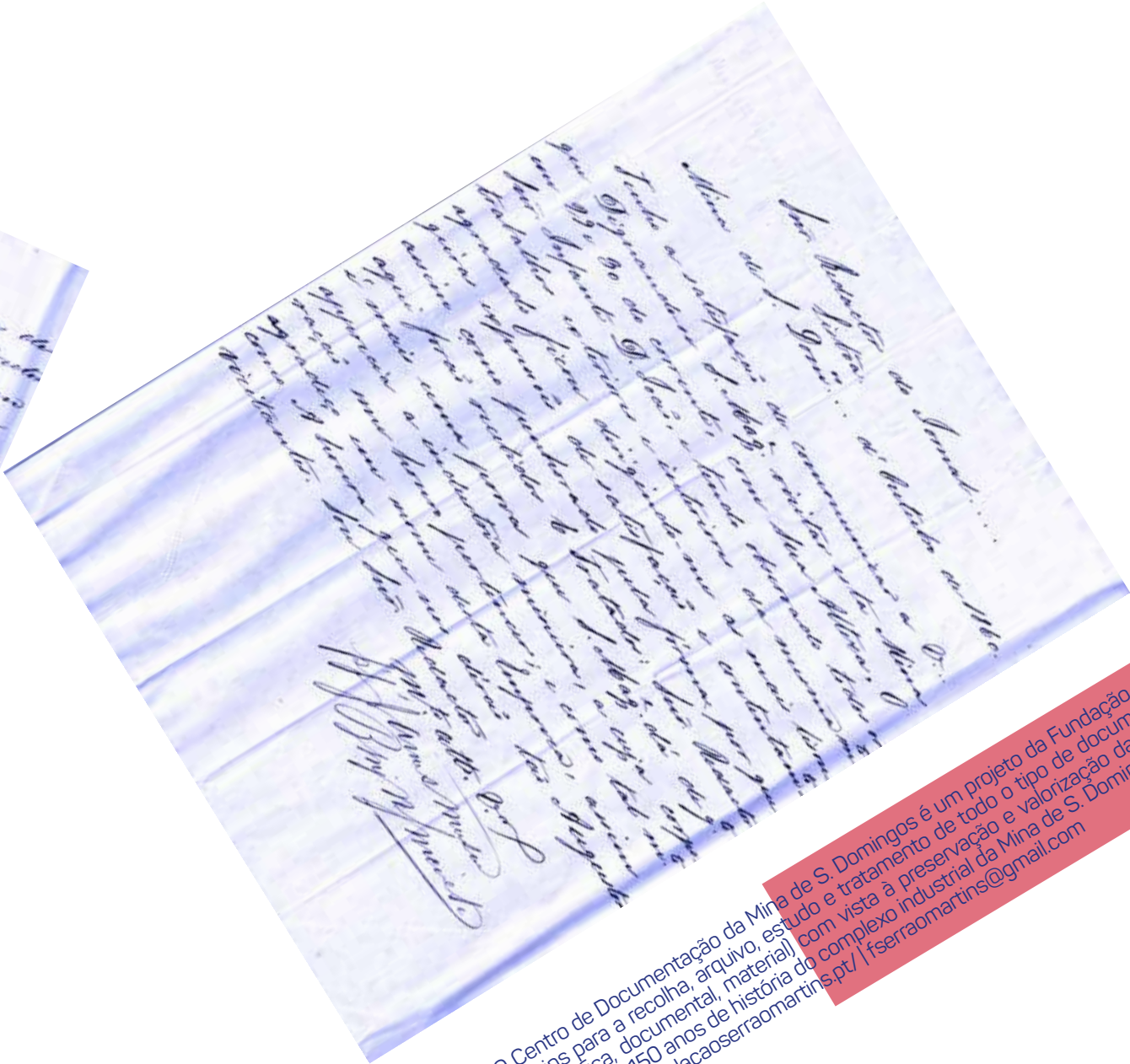
## Visita do Rei de Portugal à Mina de São Domingos

Em meados do século XIX iniciam-se os primeiros trabalhos da exploração mineira na Serra de S. Domingos e assim surge uma aldeia e uma actividade industrial que se avizinha de grande importância num lugar de extrema pobreza e desabitado. Iniciaram-se então os contactos com o Governo português para a construção de uma ferrovia, de um porto fluvial, assim como toda a construção de infra-estruturas necessárias à exploração mineira. Todo este desenvolvimento chama a atenção dos governantes, o que desperta o interesse do Rei D. Pedro V em realizar uma visita à Mina de S. Domingos.

O documento aqui apresentado é a alocução feita a sua Majestade, o Rei D. Pedro V, aquando da sua visita em 29 e 30 de Outubro de 1860. Pode ler-se no documento que é oferecida a casa da administração para repouso de sua Majestade, manifestando-se em nome da empresa uma enorme satisfação e respeito ao Rei.

Ainda no mesmo documento é enviada uma nota de imprensa a ser publicada, num jornal de Lisboa, onde se comunica a visita de sua Majestade na companhia de sua Alteza o Infante D. João de Bragança, irmão do Rei. Nesta nota refere-se a imensa satisfação demonstrada pela forma como foram recebidos e enaltece-se o Rei pelo seu interesse e apreço pela indústria mineira.





O Centro de Documentação da Mina de S. Domingos é um projeto da Fundação Serrão Martins para a recolha, estudo e tratamento de todo o tipo de documentação (fotográfica, documental, material) com vista à preservação e valorização da memória coletiva dos 150 anos de história do complexo industrial da Mina de S. Domingos.  
<https://www.fundacaoserraomartins.pt/> | [fserraomartins@gmail.com](mailto:fserraomartins@gmail.com)

*Quem foi?*

# José Sebastião e Silva

[1914-1972]



Nasceu em Mértola a 12 de dezembro de 1914, filho de António José Sebastião e de Maria Emília Nobre Silva. Professor universitário e investigador em Matemática, licenciou-se em Matemática na Universidade de Lisboa em 1937. Entre 1940 e 1942 foi investigador do Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa. Entre 1943 e 1946 foi bolseiro do Instituto para a Alta Cultura em Roma, onde privilegiou e estudou com Luigi Fantappiè (reconhecido matemático italiano criador da teoria dos funcionais analíticos). Em 1949 doutorou-se em Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, com a classificação de 18 valores, Muito Bom com Distinção por unanimidade. Para essa prova apresentou a tese intitulada «As funções analíticas e a análise funcional».

*A 29 de Setembro de 1951, José Sebastião e Silva casou com Virgínia Adelaide Velez Tavares Peres, natural da freguesia de Penha de França, Lisboa. Deste casamento nasceram três filhos: Carlos Peres Sebastião e Silva, António Jorge Peres Sebastião e Silva e José Eduardo Peres Sebastião e Silva.*

*Entre 1950 e 1960 foi professor no Instituto Superior de Agronomia. Até Julho de 1960, exerceu aí o ensino da Análise Superior, salvo durante dois anos, em que uma comissão de serviço junto do Ministério da Educação Nacional o libertou de qualquer encargo docente, para dedicar-se à elaboração dos textos didáticos do 6º e 7º ano dos liceus, no âmbito de um projeto da OCDE com vista à atualização, à escala europeia, do ensino secundário da disciplina de Matemática. Escreveu então o Compêndio de Álgebra (em coautoria com Silva Paulo), para o 3º ciclo, bem como, a Geometria Analítica, para o último ano do ensino secundário.*


*Em 1960, regressou, por convite, à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde lecionou, como Regente da Cadeira de Análise Superior, até 1970. Faleceu a 25 de maio de cancro na próstata no Instituto de Oncologia de Lisboa.*

*José Sebastião e Silva desempenhou um papel fundamental na atualização do ensino da Matemática em Portugal. No âmbito universitário deve-se-lhe, em particular, a renovação do ensino da Análise. No ensino secundário a sua intervenção foi profunda, envolvendo a conceção e orientação de experiências e materiais pedagógicos, a par, da formação para professores.*

*Da sua obra, contam-se, cerca de meia centena de trabalhos de investigação em Análise Numérica, Análise Funcional e Teoria das Distribuições. Destaque para o livro "Matemática na Antiguidade", disponível através da Sociedade Portuguesa de Matemática.*

*A 2 de outubro de 2000, foi agraciado, a título póstumo, com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. A 27 de junho de 2015, na sequência das comemorações do centenário do seu nascimento, numa organização que contou com o apoio da Câmara Municipal, CAM – Centro de Estudos do Mediterrâneo e Instituto Politécnico de Beja, decorreu em Mértola a exposição e tertúlia José Sebastião e Silva (1914-1972), O mais original e influente matemático português do século XX, nascido em Mértola, que juntou matemáticos, historiadores e familiares na sua terra natal.*

*Fonte: Sociedade Portuguesa de Matemática.*



LITERATURA

## LER



TORDO, João – **Felicidade**. Lisboa: Companhia das Letras, 2020

Felicidade é uma de três gémeas idênticas. Todas elas bonitas e fonte de desejos e fantasias no liceu. Estamos nas vésperas da revolução e um rapaz de 17 anos, cai de amores por Felicidade... uma história de amor e assombração nas décadas que transformaram Portugal.



CURY, Augusto – **20 regras de ouro para educar filhos e alunos**. Lisboa: Pergaminho, 2020

Um guia prático que sintetiza a vasta experiência do autor e a coloca à disposição de pais e professores. Compreender o eu maduro e o imaturo; colocar limites inteligentes; pacificar a mente dos filhos e alunos; Prevenir a intoxicação digital; Ter alergia a ser entediante e chato; Dialogar com inteligência. Cada regra é explicada através de exemplos práticos e é acompanhada de dicas úteis para a sua implementação.



**As cores do arco-iris**. Lisboa: Editora 20|20, 2020  
Num formato muito original, cartonado e muito apelativo do ponto de vista da ilustração este livro chama a atenção para a importância da igualdade. O Pedro adora o verde da natureza, a Clara acha incrível mergulhar no mar azul e na cozinha do Miguel é quase tudo violeta! Um livro ideal para introduzir novas palavras no vocabulário dos mais pequeninos! "

## OUVIR



OS QUATRO E MEIA – **O tempo vai esperar** [registo sonoro]. [Portugal]: Sony Music, 2020

Os Quatro e Meia apresentam-se num registo de compromisso com a qualidade da música portuguesa, mas, simultaneamente, de descontração e bom humor.

O Grupo de Coimbra, está de regresso às edições com o segundo longa-duração de originais da banda A Terra Gira, Canção do Metro e Bom Rapaz ...

## VER



TÉCHINE, André – **O adeus à noite** [registo video]. [S.I.]: Filmes 4you, 2020

Alex vai morar para o Canadá, antes de partir passa alguns dias com a avó, de quem veio despedir-se. A emoção de estar com o neto depressa passa a Muriel quando se apercebe do comportamento de Alex. Muriel terá de agir muito rapidamente, antes que seja tarde demais...

Horário da Biblioteca Municipal:  
Segunda a Sexta das 10h às 12h30 e das 14h30 às 18h.  
Uso de máscara obrigatório a partir dos 10 anos.

# espaço autor

## ANTÓNIO MARTINHO DO ROSÁRIO BERNARDO SANTARENO FRAGMENTOS E MEMÓRIAS

*Nuno Domingos, actor colaborador na CM de Santarém.*



O mistério do teatro deriva da conjugação de três fatores: o Actor e o seu corpo, o Autor e a sua construção de situações e das palavras com que as veste, e o Encenador, a quem se pede que harmonize todos os ingredientes. Assim se referia Fernando Dacosta, num debate de maio último que procurou refletir a visão que Bernardo Santareno, teria do teatro.

E continuou, secundado pelo ator e en-

cenador Rui Mendes, O Santareno era um subversor, sempre fez um teatro para inquietar, logo intolerável para os poderes que sempre o olharam com desconfiança e medo e, sobretudo medo de apoiarem o seu teatro e, por isso ter sido sempre, tão maltratado por esses poderes.

Mas o Santareno, foi sempre um homem de grande coragem, com uma escrita marcada por grande atualidade, onde as palavras são pura poesia e as situações se inscrevem no imaginário português, à luz da mais contemporânea das reflexões filosóficas e estéticas.

Se antes de setenta e quatro, a censura era terrível, não só pelo que cortava em textos e situações, mas sobretudo pelo que inibia de ser dito, depois, após num tempo que, no dizer da amiga, a malograda atriz Fernanda Lapa, foi de grande

libertação (íamos concretizar todos os sonhos), rapidamente foi esmorecendo, sobrepondo-se o "outono da vida". Triste e zangado com a não representação das suas peças, mas, escrevendo sempre páginas imortais. A este respeito, por exemplo afirmava o próprio Santareno, "dado que não vai ser representada, escrevi tudo o que me apeteceu".

É Lauro António que nos conduz à segunda casa de Santareno, a Pastelaria Paraíso, quando reflete: "Por esses tempos, os cafés eram pontos, certos e seguros, de encontro e de tertúlia. O Santareno era acessível de encontrar em Lisboa, numa pastelaria, (...). Era fácil vê-lo sentado, quase sempre à entrada, numa mesa do lado direito, jornal ou livro na mão, sozinho ou acompanhado por amigos, a bica à frente, sobre o mármore do tampo da mesa. Santareno revelou-se sempre um homem afável e atento, disponível e encorajador para com os jovens que procurava estimular e alentar".

Já Luís Francisco Rebelo, em entrevista à Lusa (2008), salientando a sua coragem, conta que conheceu Bernardo Santareno em circunstâncias extraordinárias, por volta de 1950, durante um julgamento de opositoristas no Tribunal Plenário de Lisboa.

Um dos réus, Arquimedes Silva Santos, deu como testemunha, António Martinho do Rosário. Quando muitos anos depois me foi apresentado, reconheci naquele Bernardo Santareno cujos textos eu admirava o António Martinho do Rosário cuja coragem eu tinha admirado como testemunha uns anos atrás.

Uma das suas doentes, Donzelica, invisual, (entrevista à Lusa, em 2005), traz-nos uma outra visão, a do Dr. Martinho, o seu médico, contando-nos: "Bernardo Santareno era dócil comigo e alimentou o meu hábito de ir para a rua e estar sempre fina em sociedade. Às vezes perguntava-me onde ia tão bonita e eu respondia: Para lado nenhum! Só se me convidar para jantar fora, e ele aceitava, afirma, com uma saudade que se sente na voz trémula, (...) [acrescentando] tinha uma grande capacidade para levar os doentes a desabafar os seus medos mais recônditos".

António Martinho do Rosário, nasceu em Santarém, em 19 de novembro de 1920. Depois de um ensino secundário concluí-



do, viria a licenciar-se em medicina, em 1950, com especialidade que hoje denominaríamos de saúde pública. Entre 1957-58, a bordo dos navios “David Melgueiro”, “Senhora do Mar” e do navio hospital “Gil Eanes” acompanhou as campanhas de pesca do bacalhau, vindo a publicar (1959) o livro de narrativas Nos Mares do fim do Mundo.

Iniciou-se, no entanto, com três livros de poesia A Morte na Raiz (1954), Romances do Mar (1955) e Os Olhos da Vibora (1957). Sobre ela, Domingos Lobo pondera que na poesia de Santareno encontramos já alguns dos temas que estruturaram grande parte do seu trabalho de teatro: solidão, morte, medo, angústia, paixões trágicas, amor não correspondido, injustiças, fatalismo e religiosidade, considerando serem notórias as influências do neorealismo português, embora não na sua fase inicial, e norte-americano (Steinback e Miller). Antes, porém, terá lido Frederico Garcia Lorca, presente na linguagem, nos temas, na estrutura dramática e no subjacente erótico.

Quanto à obra teatral, têm sido considerados dois ciclos, marcados ambos pela reivindicação acérrima do direito à diferença e ao respeito pela liberdade e a dignidade do homem face a todas as formas de opressão, bem como a luta contra todo o tipo de discriminação, política, sexual, económica, racial ou outra.

Esta temática exprime-se, nas peças integrantes do primeiro ciclo, (aristotélico), A Promessa, O Bailarino e A Excomungada, (1957); O Luge e O Crime de Aldeia Velha, (1959); António Marinheiro ou o Édipo de Alfama, (1960); Os Anjos e o Sangue, O Duelo e O Pecado de João Agonia, (1961); Anunciação, (1962).

E um segundo (brechtiano) com O Judeu, (1966); O Inferno, (1967), A Traição do Padre Martinho (1969) e Português, Escritor, 45 Anos de Idade (1974); uma episódica incursão na revista P’ra Trás Mija a Burra (1975) e, com o título genérico de Os Marginais e a Revolução, (1979) publica quatro peças num ato: Restos, A Confissão, Monsanto e Vida Breve em Três Fotografias.

Bernardo Santareno foi distinguido com o Óscar da Imprensa 1962, na categoria Teatro, entregue pela Casa da Imprensa em 1963. No ano seguinte, ser-lhe-ia novamente atribuído na mesma categoria o Prémio Imprensa 1963. Em 1981, foi feito Grande Oficial da Ordem Militar de Sant’lago da Espada.

#### **Obra publicada: Textos de/para teatro**

**1957:** Teatro: Vol. I: A promessa, O bailarino, A excomungada.

**1959:** O crime da Aldeia Velha.

**1959:** O luge.

**1960:** António Marinheiro (o Édipo de Alfama).

**1961:** Os anjos e o sangue.

**1961:** O duelo.

**1961:** O pecado de João Agonia | Irmã Natividade.

**1962:** Anunciação.

**1966:** O Judeu.

**1968:** O inferno.

**1969:** A traição do Padre Martinho.

**1974:** Português, escritor, 45 anos de idade.

**1974:** Os vendedores de esperança.

**1974:** A guerra santa e O milagre das lágrimas.

**1974:** O Senhor Silva (renomeado primeiro Na berma da estrada e, mais tarde, Monsanto).

**1979:** Os marginais e a revolução: Restos, A confissão, Monsanto, Vida breve em três fotografias.

**1980:** O punho.

## **PARA LER ... RECOMENDA**

### **O Judeu Livro**

de Bernardo Santareno

A mais perturbadora alegoria do Portugal sob a ditadura e, provavelmente, o mais marcante texto teatral do século XX: um libelo pela liberdade, uma analogia perfeita da repressão, das ideias feitas, dos preconceitos e da pequenez humana em contraponto à criatividade e liberdade de expressão.

Em 1966, em pleno regime Salazarista, Bernardo Santareno trabalha em cima do romance homónimo de Camilo Castelo Branco que se inspirara na história do dramaturgo português seiscentista António José da Silva, conhecido como o judeu. Ao contar a história do dramaturgo, Bernardo Santareno estabelece uma alegoria do regime Salazarista e da sua perseguição a qualquer tipo de discurso livre. A Inquisição, o tribunal, a gentilha denunciante e afins que condenam António José da Silva à fogueira têm evidente paralelo com a ação repressora da PIDE e com a censura ideológica e política do regime. Esta é uma peça eminentemente política, de insurgimento e de resistência.

# Prosas

**CUMPRIU-SE O MAR E O IMPÉRIO SE DESFEZ.  
SENHOR FALTA CUMPRIR-SE PORTUGAL.**

*Eduardo Lourenço (1923-2020)*

*“Poucos países fabricaram acerca de si mesmos uma imagem tão idílica como Portugal. O anterior regime atingiu nesse domínio cumes inacessíveis, mas a herança é mais antiga e o seu eco perdura. Para a «compensar», uma classe de ociosos colados como lapas às mesas dos cafés nacionais «parece» desenhar da mesma realidade idílica a contra-imagem permanente através de anedotas, piadas, graças que contrabalançam a hipertrofia da nossa autoconsciência. Na verdade, os dois movimentos são complementares e o denegrimiento, a má-língua que é entre nós uma tradição, faz parte do mesmo sistema irrealista e crítico.*

*É uma forma de boa consciência, tipicamente burguesa, no fundo mais nociva que a imagem euforizante, parola de nós mesmos, que é espontânea e popular. Foi ela que nos serviu ao longo dos séculos para suportar o insuportável. O anedotário pátrio prolonga, glosa com secreta complacência, aquilo que em superfície critica. De uma maneira geral, não vive de nenhuma espécie de humor, capacidade de se tomar o sujeito como objecto de irrisão ou crítica mas de sarcasmo, mauvais esprit feito aliás quase sempre ao nível de mero trocadilho, e nunca ou raramente ao nível de invenção imaginativa, libertadora, corrosiva como a dos irmãos Marx, ou simplesmente graciosa em sentido próprio, filha de um estado de desprendimento, de graça. A graça portuguesa é maligna quase sempre, o que contraria um dos tópicos mais narcisistas da nossa tipologia mítica, a do «bondade» de alma e brandura dos nossos costumes...*

*[...]*

*Leccionados pela História - na medida em que ela pode leccionar uma colectividade que é uma das mais desmemoriadas que é possível conceber-se - chegou o tempo de nos vermos tais como somos, o tempo de uma nacional redescoberta das nossas verdadeiras riquezas, potencialidades, carências, condição indispensável para que algum dia possamos conviver connosco mesmo com um mínimo de naturalidade. Os Portugueses vivem em permanente representação, tão obsessivo é neles o sentimen-*

# Licença poética

*to de fragilidade íntima inconsciente e a correspondente vontade de a compensar com o desejo de fazer boa figura, a título pessoal ou colectivo. A reserva e a modéstia que parecem constituir a nossa segunda natureza escondem na maioria de nós uma vontade de exibição que toca as raias da paranóia, exibição trágica, não aquela desinibida, que é característica de sociedades em que o abismo entre o que se é e o que se deve parecer não atinge o grau patológico que existe entre nós. O fenómeno Cornélia foi, nesse capítulo, exemplar. Um autêntico strip-tease, por classe burguesa interposta, de uma sociedade que quer ser vista, que quer existir com essa hipertrofia que só a imagem (irreal) fornece, por não existir a sério, na sua convivência quotidiana. Os Portugueses não convivem entre si, como uma lenda tenaz o proclama, espiam-se, controlam-se uns aos outros; não dialogam, disputam-se, e a convivência é uma osmose do mesmo ao mesmo, sem enriquecimento mútuo, que nunca um português confessará que aprendeu alguma coisa de um outro, a menos que seja pai ou mãe..."*

*Excerto da Obra "Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português" de Eduardo Lourenço pp. 74-76.*

*Isto é mais importante  
É importante escutar o que dizem os pássaros,  
a voz do mar,  
os sentimentos do vento,  
a sonata do luar,  
o namoro das pedras com as águas,  
a sinfonia dos canaviais,  
o rumorejar dos pássaros  
antes do anoitar dos bicos  
debaixo dos sovacos das penas...  
Tantas palavras que escrevo para dizer  
que isto é mais importante  
do que os pensamentos ardilosos  
que te povoam a mente  
e com os quais, se dizes que sentes  
a sábia música do silêncio...  
mentes!...*

*Eduardo Aleixo, Os Caminhos do Silêncio, 2011.*



# A propósito de... pandemias

*“O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. Na passadeira de peões surgiu o desenho do homem verde. A gente que esperava começou a atravessar a rua pisando as faixas brancas pintadas na capa negra do asfalto, não há nada que menos se pareça com uma zebra, porém assim lhe chamam. Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata. Os peões já acabaram de passar, mas o sinal de caminho livre para os carros vai tardar ainda alguns segundos, há quem sustente que esta demora, aparentemente tão insignificante, se a multiplicarmos pelos milhares de semáforos existentes na cidade e pelas mudanças sucessivas das três cores de cada um, é uma das causas mais consideráveis dos engorgitamentos da circulação automóvel, ou engarrafamentos, se quisermos usar o termo corrente.*”

*O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual. O primeiro da fila do meio está parado, deve haver ali um problema mecânico qualquer, o acelerador solto, a alavanca da caixa de velocidades que se encravou, ou uma avaria do sistema hidráulico, blocagem dos travões, falha do circuito eléctrico, se é que não se lhe acabou simplesmente a gasolina, não seria a primeira vez que se dava o caso. O novo ajuntamento de peões que está a formar-se nos passeios vê o condutor do automóvel imobilizado a esbracejar por trás do pára-brisas, enquanto os carros atrás dele buzina frenéticos. Alguns condutores já saltaram para a rua, dispostos a empurrar o automóvel empanado para onde não fique a estorvar o trânsito, batem furiosamente nos vidros fechados, o homem que está lá dentro vira a cabeça para eles, a um lado, a outro, vê-se que grita qualquer coisa, pelos movimentos da boca percebe-se que repete uma palavra, uma não, duas, assim é realmente, consoante se vai ficar a saber quando alguém, enfim, conseguir abrir uma porta, Estou cego.”*

Excerto do Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago.

AR  
QUI  
TETU  
RAS  
A  
SUL

# Muros . a arquitetura da pedra solta

A particularidade do lugar, na sua dimensão holística, há muito incarnada no conceito mitológico romano de Genius Loci, é provavelmente a principal denominadora da forma arquitetónica vernácula. A construção vernacular é uma construção intrínseca ao lugar, faz uso de materiais naturais de aprovisionamento local e os processos de construção são artesanais.

*“A estreita e profunda relação com o meio envolvente definiu a arquitectura vernácula como um dos mais significativos e marcantes aspetos da intervenção humana na paisagem, em que, na sua pluralidade de tipos, se manifestam diversos condicionalismos – geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais – dos locais e dos grupos populacionais que as constroem e habitam. Muitas gerações foram necessárias para que os povos das mais diversas culturas chegassem, empiricamente, à criação de formas e processos de construção adaptados às características específicas dos vários locais. A diferenciação regional destas construções manifesta-se pela utilização de materiais e técnicas locais e pela necessidade de adaptação às especificidades climáticas, à atividade económica e aos costumes das comunidades.”*



Da arquitetura vernacular a sul, conhece-se mais em profundidade a que decorre do uso da terra: a taipa. Mas há também a pedra, e aqui o xisto usado na edificação de casas, currais, engenhos hidráulicos, abrigos de pastores e nos muros.

O xisto sendo uma rocha de grande ocorrência no território português continental, é largamente utilizada como matéria construtiva e ornamental, apresentando, contudo, diferenças substanciais entre as várias regiões onde ocorre, devido ao grau de meteorização a que foi sujeito tal como à sua composição mineral, conferindo-lhe características distintas, quer mecânicas quer visuais. A área do vale do Guadiana é constituída principalmente por rochas metamórficas, tais como xistos, grauvaques, metarenitos, silítos, conglomerados, entre outras.

Além do carácter identitário que imprimem na paisagem, os muros tradicionais, construções milenares em pedra estabelecem uma rede de compartimentação com várias funções ou utilidades, como suporte de terras, drenagem, armazenamento de águas, divisão de propriedade, limitação de caminhos e veredas.



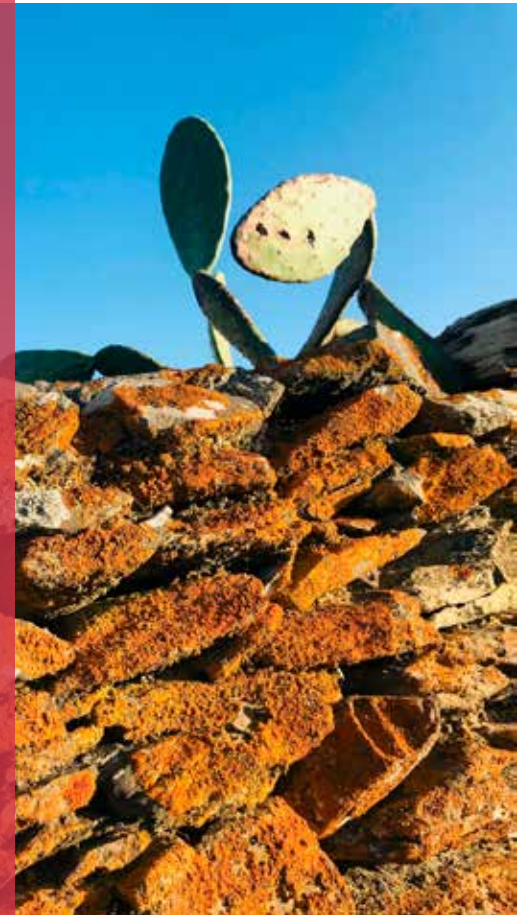


Localmente, enquanto construção de demarcação, são estruturas de alvenaria de pedra de xisto e grauvaque, de assentamento direto da pedra rústica, deitada, com algum aparelhamento, o que resulta num muro compacto, mas quase sempre de aspeto irregular.

Construções, algumas delas ancestrais, os muros contam a história geológica e a litologia dos sítios e contam ainda a sua biodiversidade, sobretudo a que está ligada às comunidades saxícolas ou rupícolas relacionadas com os muros: líquenes que, secos lhe conferem um tom ocre e ferrugem, mas também piteiras e figueira-da-índia. E depois há os insetos e os reptéis que ali encontram refúgio.

Cada vez mais em desuso, substituídos por versões em alvenaria de tijolo ou bloco de cimento, os muros tradicionais são construções integrantes da paisagem e do património vernacular local, e por isso devem ser valorizados e preservados.

Fontes: Fernandes, Jorge; Mateus, Ricardo; Bragança, Luís. *Arquitetura vernácula portuguesa: lições de sustentabilidade para a arquitetura contemporânea*. Universidade do Minho





**MÃOS**  
MANUA  
&  
LIDADES

A ARTE DE FAZER COM AS MÃOS

## “Um grande desejo”

António José Lourenço, 80 anos, Moreanes.

Por Manuel Passinhas [CMM]

Fomos conversar com o Sr. António José, homem de várias facetas e elemento o Grupo Coral O Guadiana de Mértola, há já trinta anos. Sem entrevista marcada, encontrámo-lo logo à entrada da Moreanes, na sua tertúlia habitual com um par de amigos. Prontificou-se logo a acompanhar-nos ao seu “museu” avisando... *“você sabe o que está ali?!”*

Lá fomos, sabíamos da sua arte em madeira, sabíamos que fazia umas miniaturas, mais nada.

Todos os avisos foram poucos. Chegados à casa, deparámos com centenas de peças em madeira, torneadas a canivete. *“E o que não se vê?! Ali está um armário cheio, ali outro, aqui uma gaveta e na horta ainda há mais.”*

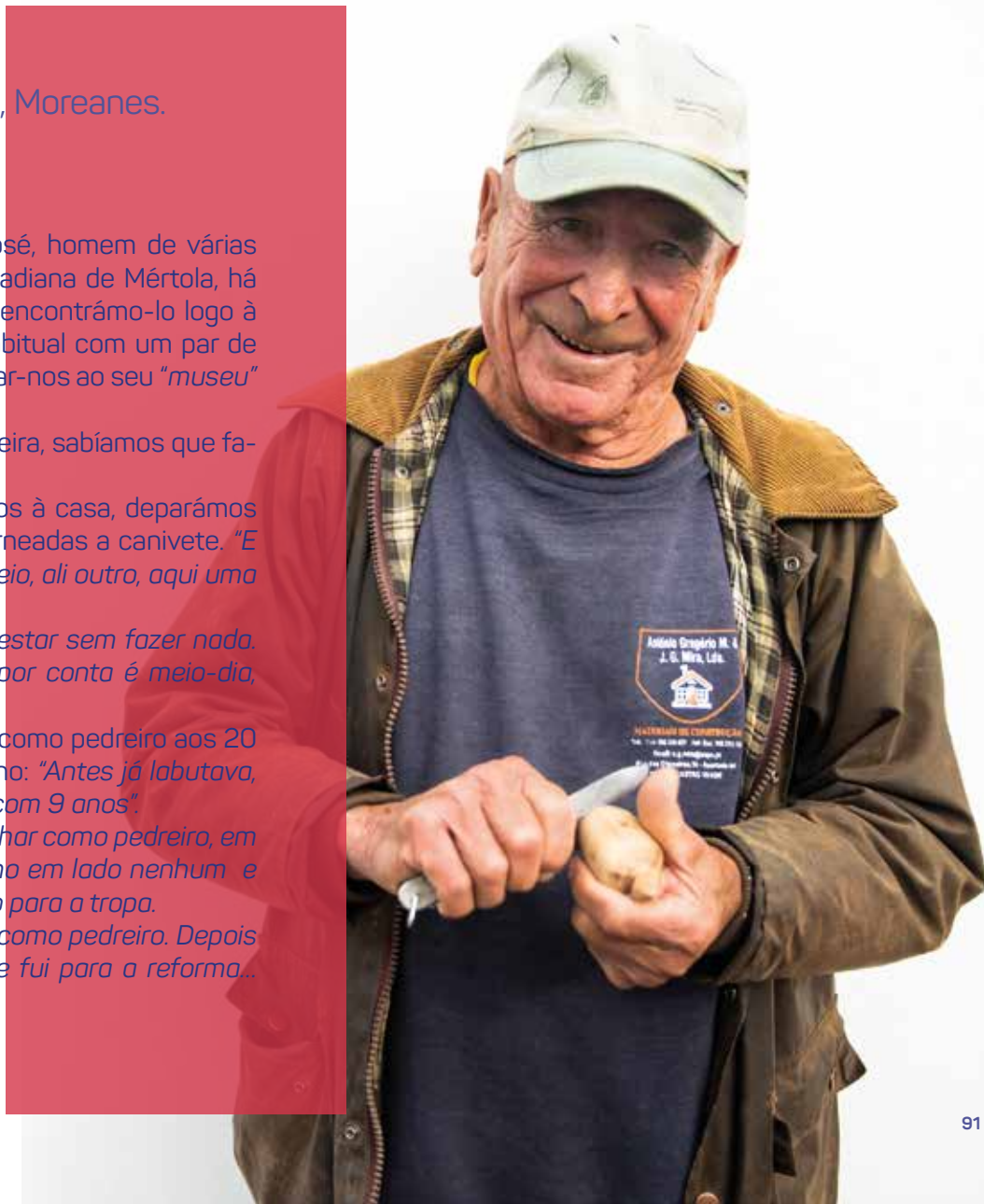
Vai-nos explicando: *“Não sou capaz de estar sem fazer nada. Vou cortando, cortando e quando dou por conta é meio-dia, hora de almoço...”*

O Sr. António José começou a trabalhar como pedreiro aos 20 anos. Mas acrescenta, com algum orgulho: *“Antes já labutava, andava na agricultura, comecei a lavrar com 9 anos”.*

*“Depois de ir à inspecção militar fui trabalhar como pedreiro, em Paio Pires. Em 1962 já não havia trabalho em lado nenhum e então vim para cá, mas fui logo chamado para a tropa.*

*Quando acabei a tropa voltei a trabalhar como pedreiro. Depois de cinquenta anos dei baixa do alvará e fui para a reforma.. agora são os moços!*

*Isto é a minha entretenço”.*



*Pego num bocado de madeira, desbasto com uma machadinha, com o formão, dou-lhe mais ou menos a forma e depois vou cortando com um canivete.*

*Corto toda a madeira... é o que arranjo... azeitinho, laranjeira, ali o grupo coral é de nespreira e tenho aqui pisadores em eucalipto encarnado e em pinho."*

*Guia-nos, com entusiasmo "ali está um carneiro, aqui uma charrua, esta é uma parelha de bois, aqui o carro de toldo que era usado nos casamentos. Iam daqui para Santana, para lá ia com a noiva, o noivo ia num carro à parte, para cá vinham os dois no mesmo carro. Mas tenho mais, aqui tenho colheres e até tenho aqui uma com buracos para escorrer a água das azeitonas. E aqui tenho a peça mais difícil de fazer – a corrente - feita de uma peça só, é a peça que leva mais tempo a fazer."*





*“Aí há tempo, fizeram aqui uma feira, acabei por oferecer quase tudo o que levei. O meu grande desejo era ter uma casa onde tivesse os bonecos todos em exposição.”*

António José, antigo mestre pedreiro, guarda em si a mestria do trabalho em madeira e, em simultâneo, a do cante alentejano. Podemos ver nos seus trabalhos uma forte ligação ao mundo rural. As colheres, os pilões com representação humana, os carros de juntas, os pares dançando, os animais... todos são personagens de um mesmo mundo, de uma mesma época, não muito longe da nossa, mas já desaparecida. Cabe-nos registar, inventariar e salvaguardar este património tão rico quanto frágil.



C A

P A

C

T A R

TWELVE NO. 020 ASSORTED COLORS  
TRADE MARK  
**School Crayons**  
AMERICAN LEAD PENCIL CO.  
NEW YORK

# Serviços Educativos \_ Viagem ao Centro da Terra

*Capacitar para a geologia do território – Programa educativo da Candidatura do Vale do Guadiana a Geoparque.*

Sérgio Esperancinha \_ geólogo, candidatura Geoparque do Vale do Guadiana.

## **Geociências e património geológico, ferramentas para a sustentabilidade**

Em 1994 o astrónomo Car Sagan, referindo-se à incompreensão que a maioria dos cidadãos demonstrava sobre o funcionamento da ciência e tecnologia, disse que apesar de vivermos numa sociedade absolutamente dependente de ambas, organizámos as coisas de tal forma que quase ninguém as compreende. Quase três décadas depois, a observação de Sagan continua atual, podendo ser aplicada à compreensão dos cidadãos sobre o funcionamento do sistema terrestre, com particular ênfase na geosfera - a porção do sistema terrestre correspondente a tudo o que é natural e sem vida, tanto na superfície do planeta como no seu interior, incluindo os processos físicos que aqui ocorrem. Fazem parte da geosfera, as rochas e os seus minerais, o solo, os recursos naturais, as formas da superfície terrestre e todos os processos que a moldam.

Se da biosfera há já algum entendimento coletivo, o mesmo não se pode dizer sobre a geosfera. No entanto, é esta que, juntamente com a atmosfera e a hidrosfera, desempenha o papel de suporte a toda a biodiversidade, incluindo a espécie humana cuja história está intrinsecamente ligada à evolução do planeta Terra. Os materiais que nos permitiram passar da idade da pedra para a idade do bronze e do ferro - e que mais tarde permitiram as diversas revoluções tecnológicas - foram produzidos a partir de recursos geológicos. Impérios nasceram e morreram em busca de ouro, prata e pedras preciosas; guerras travaram-se e continuam a travar-se pelo controlo de recursos geológicos como o petróleo, níquel ou coltan. É sobre a geosfera que vivemos e é dela que retiramos os recursos que nos permitem sobreviver. O que justifica então esta falta de entendimento?

O sistema terrestre é complexo por natureza e a sua evolução ao longo do tempo lenta – razão pela qual as ciências da terra utilizam como unidade base de tempo o milhão de anos. As placas tectónicas movem-se a uma velocidade entre os dois e os oito centímetros anuais; os fenómenos erosivos e a sedimentação não são, geralmente, perceptíveis à vista desarmada porque ocorrem ao longo de milénios; o traçado dos cursos fluviais mantém-se praticamente inalterado ao longo de várias gerações. A evolução do planeta Terra, com uma idade aproximada de 4600 milhões de anos é, portanto, extremamente lenta. Para o cidadão comum, cuja vida abarca apenas algumas décadas, perceber esta escala temporal dos eventos geológicos não será fácil e, por isso, compreender o funcionamento da geosfera também não. Apesar disso, os seres humanos são hoje o maior agente de alteração da geosfera.





Olhando em redor dificilmente veremos uma paisagem sem qualquer intervenção humana (globalmente as áreas de baixa intervenção humana constituem cerca de metade da área global do planeta, sendo praticamente inexistentes na Europa), e certamente estaremos rodeados de objetos que ao longo do tempo fomos criando e aperfeiçoando para melhor servirem as nossas necessidades.

Em busca das matérias-primas para os fabricar - suportando assim o seu progresso civilizacional e fazendo uso das suas inigualáveis capacidades intelectuais -, o ser humano tem exercido um acentuado domínio sobre o planeta, alterando-o de tal forma que a humanidade é hoje amplamente reconhecida como a força geológica dominante, justificando na opinião de muitos investigadores a denominação da nossa própria época, o Antropocénico. Nenhum outro processo foi tão drástico e rápido como as alterações que os seres humanos têm causado na geosfera, com consequências veementes nas restantes esferas que compõem o sistema terrestre.

A queima de combustíveis fósseis e a emissão de gases com efeito de estufa alterou a composição da atmosfera; o elevado consumo de água e alteração dos cursos de água mudou a composição e localização da hidrosfera, a nossa incursão

pelos diversos ecossistemas planetários, quer em busca de recursos ou expansão urbana, causou a extinção de uma parte significativa da biosfera. De facto, todos os objetos e atividades humanas, sem exceção, utilizam recursos naturais que são finitos e cuja exploração tem invariavelmente impacto no planeta. No entanto, a economia mundial, assente no consumo, não tem em consideração esta finitude e o impacto desse consumo.

Numa era em que a sustentabilidade é uma temática tão premente, a consciencialização dos cidadãos sobre o lugar que a humanidade ocupa no sistema terrestre, e conseqüentemente a influência que tem na geosfera e a forma como esta condiciona a sua vida, é fundamental. É urgente por isso consciencializar os cidadãos sobre a quantidade de recursos que, como sociedade, consumimos, o que só poderá ser feito se estes entenderem quais são, de onde vêm e de que forma são obtidas as matérias-primas que compõem os objetos e serviços que utilizam. Para alcançar este objetivo, o conhecimento, a experiência e a orientação geocientífica são essenciais. Neste âmbito, a geodiversidade e o património geológico desempenham um papel fulcral.

A geodiversidade pode ser definida como a “variedade de ambientes geológicos, fenómenos e processos ativos que dão origem a paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que são o suporte para a vida

na Terra". Alguns destes locais ou regiões têm elevado valor científico, educacional, cultural ou estético, sendo assim considerados dignos de conservação e parte do "património geológico". Estes, que são locais de excelência para o trabalho de educação para as geociências e para demonstrar a forma como a sociedade beneficia e influencia a geosfera, devem ser preservados e protegidos, existindo para isso dois programas internacionais: o "Património Mundial" e a "Rede de Geoparques Globais", geridos pela UNESCO.

Esta entidade define um geoparque como um território com limites bem definidos e uma área de dimensões significativas que permita um desenvolvimento socio-económico, cultural e ambientalmente sustentável. Em Portugal, a rede de Geoparques conta atualmente com os geoparques Naturtejo, Arouca, Açores, Terras de Cavaleiros e Serra da Estrela, e tem possibilitado, não só, a implementação de estratégias centradas na preservação do património geológico, como constituído um veículo para a valorização do Património Cultural e Natural, promovendo a inclusão social, o crescimento económico

sustentável e o equilíbrio ambiental das regiões. Os geoparques surgem, assim, como peça fundamental no processo de criação de uma sociedade sustentável onde os cidadãos são capazes de tomar decisões informadas no que respeita à utilização dos recursos naturais e à proteção do sistema terrestre, no qual a geosfera desempenha o papel de suporte de todas as outras estruturas essenciais à manutenção da vida.

Sendo um geoparque um território que combina a proteção e a promoção do património geológico com o desenvolvimento local sustentável, a região do Vale do Guadiana tem todas as condições e características – a geomorfologia, os recursos minerais, a fauna e flora – para poder desempenhar esse papel. Aliadas à riquíssima herança patrimonial e cultural da região, estas características naturais, se protegidas e organizadas da forma certa, serão certamente uma ferramenta importante na dinamização cultural e científica desta zona do país e impulsionadoras do desenvolvimento económico local em consonância com os valores de sustentabilidade. Temos a certeza que teremos o apoio da sociedade civil da região no caminho que agora iniciamos, rumo à criação de um geoparque no Vale do Guadiana.

# O PLANETA DENTRO DAS COISAS



Bauxite: alumínio  
☒ Austrália  
☒ China



Borato de sódio: boro  
☒ Turquia  
☒ EUA



Quartzo: Silício  
☒ China



Cassiterite: estanho  
☒ Indonésia  
☒ China



Berilo: berilo  
☒ EUA



Paládio  
☒ Rússia  
☒ África

Espodumena: lítio  
☒ Austrália  
☒ Chile



Monazite  
☒ Índia  
☒ EUA  
☒

Sabia que os seus objetos são na verdade um aglomerado de elementos químicos provenientes de minerais?

Para os obter, é necessário extrai-los através de mineração, uma atividade que acarreta sempre impactos ambientais.

Estes minerais são recursos finitos e o seu elevado valor económico é frequentemente causa de conflitos armados.

É por isso essencial reduzir o consumo de bens em nome da sustentabilidade.

Conheça quais são e de onde vêm os minerais que compõem os seus objetos do dia-a-dia.

Tantalite: tântalo  
☒ Ruanda  
☒ R.D.Congo



Grafite: Carbono  
☒ China

Calcopirite: Cobre  
☒ Chile  
☒ Peru



Esfarelite: Zinco  
☒ Austrália  
☒ China  
☒ Peru



Volframite: Tungsténio  
☒ China



Ouro  
☒ China  
☒ Rússia  
☒ Austrália

# Aula Aberta

*Uma Aula Aberta sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)*

**Pedro Mateus das Neves, PhD**

Professor convidado e Investigador nas Universidades de Toyo (Tóquio-Japão), Tsinghua (Pequim, China) UNIGE, (Genebra-Suíça), École des Ponts ParisTech (Paris-França), IESE Business School (Barcelona-Espanha); Católica Business School, Lisboa-ICS, ESAI (Lisboa-Portugal). Membro do Conselho de Negócios e Task Force Leader para a implementação dos ODS através de Parcerias da Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas Fundador e CEO da Global Solutions 4U

## **OBJETIVOS** **DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**



## O que são os ODS? Porque se tornaram tão importantes?

Quando falamos de desenvolvimento, frequentemente pensamos em crescimento econômico e em Produto Interno Bruto (PIB), este indica o que se produz anualmente em termos de bens e serviços em valores monetários num determinado país. Para cada um de nós, significa aquilo que produzimos durante um ano e como se refletiu na nossa conta bancária. No entanto será apenas isso o desenvolvimento? Será que a economia é a única forma de avaliar desenvolvimento? O que acontece se para produzirmos bens e serviços estivermos a poluir e destruir a natureza? Ou se estivermos a destruir emprego?

O Desenvolvimento Sustentável (DS) vem responder a esta questão acrescentando à dimensão económica, uma dimensão social e outra ambiental. O conceito foi definido em 1987 pela Organização das Nações Unidas (ONU) como:

*O desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades.*

Este tema tem novos marcos em 1992 no Rio de Janeiro que deu origem à Agenda 21, continuando a ser trabalhado em 2002 e 2012 em encontros conhecidos com Rio+10 e Rio+20. Estes encontros criaram a base de suporte para que em 2015 o DS se transformasse na Agenda da ONU para 2030 dando lugar aos ODS. Transformar o Nosso Mundo é o nome do documento que apresenta os ODS e que inicia do seguinte modo:

*Esta Agenda é um plano de ação para as Pessoas, o Planeta e a Prosperidade.*

*Reconhecemos que erradicar a pobreza é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Estamos decididos a libertar a raça humana da tirania da pobreza e queremos curar e proteger o planeta. Estamos determinados a dar os passos ousados e transformadores que são urgentemente necessários para mudar o mundo para um caminho sustentável e resiliente. Ao embarcarmos nesta jornada coletiva, prometemos que ninguém ficará para trás. Os ODS são integrados e indivisíveis e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a económica, a social e a ambiental.*

As dimensões do DS, passaram a ser identificadas com 3“Ps” - **Pessoas, Planeta e Prosperidade** - e o conceito foi aceite por cientistas e praticantes de Desenvolvimento. Nesta altura o desafio passou a ser como se podem implementar estes modelos.

Os ODS vieram materializar essa ambição, acrescentando 2 novos “Ps”: o primeiro relaciona-se com **Paz, Justiça e Instituições Fortes**, e o segundo são as **Parcerias para implementar e atingir os ODS**. Considerando que o DS é o Novo Jogo com “3Ps”, onde no desenvolvimento se alinha economia, a sociedade e o ambiente, o quarto P é a Paz e as Instituições, as Regras do Jogo que são necessárias para criar a dinâmica planeada, e o quinto P são as Parcerias, os Jogadores.

Considerando os 5Ps, conseguimos associar os objetivos 1 a 5 às pessoas, os objetivos 7 a 11 à Prosperidade, os objetivos 6, e 12 a 15 ao Planeta, o 16 à Paz e Instituições Fortes, e o 17 às parcerias. No entanto os 17 objetivos apresentados na imagem ODS, devem ser vistos de forma integrada e indivisível o que significa que devem ser trabalhados de forma transdisciplinar. Por exemplo quando olhamos para o objetivo 2 e pensamos num projeto agrícola devemos pensar não só no emprego que é criado, procurando combater o desemprego e a pobreza, mas também no tipo de adubos que utilizamos para combater as alterações climáticas e na sustentabilidade económica e financeira para garantir a continuação do projeto no tempo.

### **Quem ganha com os ODS?**

Em primeiro lugar as pessoas. O primeiro e mais importante desafio é: Não Deixar Ninguém Para Trás! Isto significa que quando pensamos em qualquer projeto, novo ou existente, que se queira aproximar dos ODS, devemos ter em conta TODAS as Pessoas da nossa comunidade e pensar como vamos contribuir para que a sua Qualidade de Vida melhore. O Segundo é Curar e Proteger o Planeta! e por isso que devemos reduzir a pegada humana, isto é deixar o planeta melhor do que o encontramos.

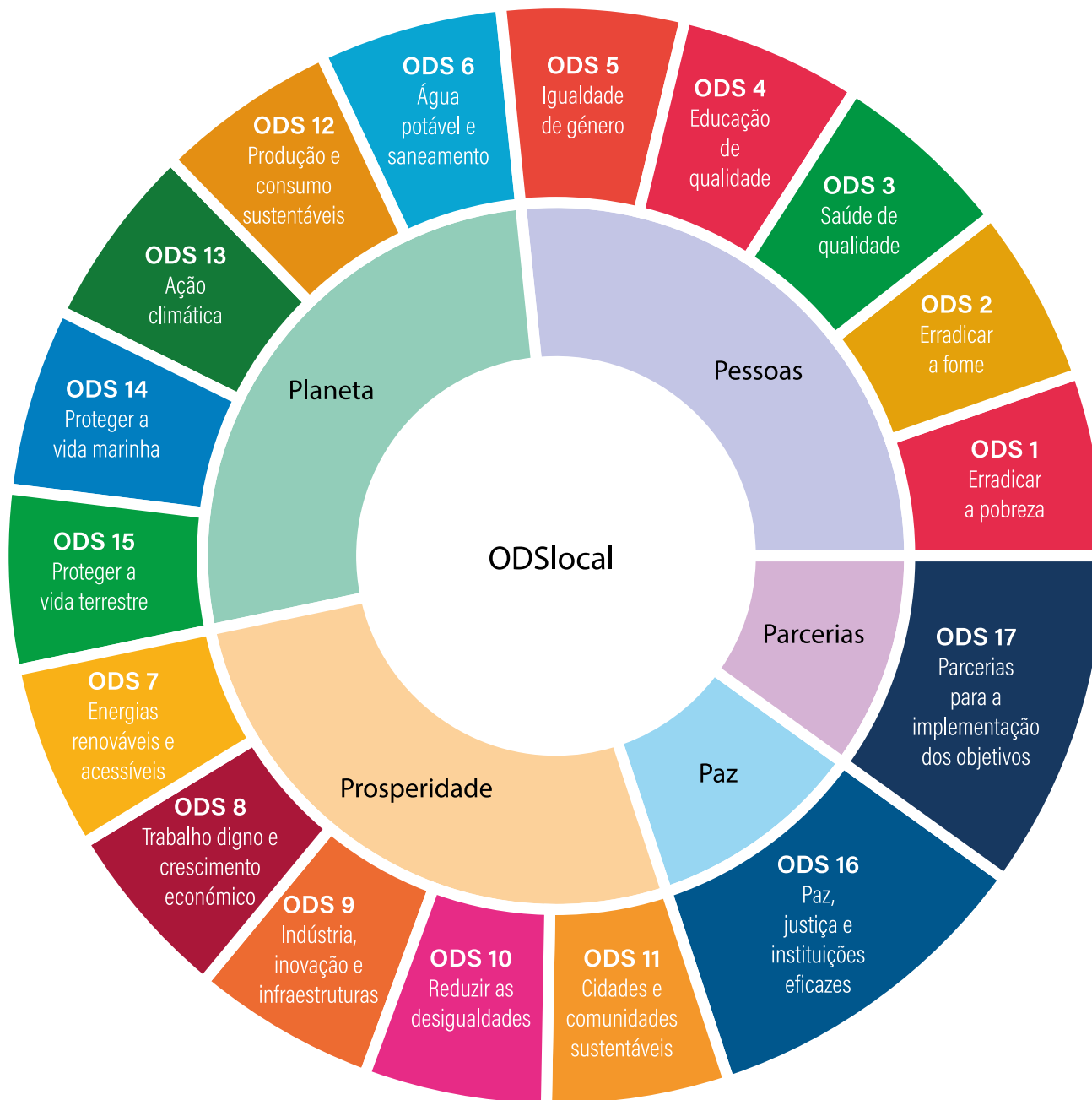
### **Como se implementam os ODS?**

Localizar os ODS é o nome utilizado para pensar, e implementar os ODS à escala municipal. Os modelos variam na forma, sendo os ODS a coluna vertebral de todos os processos. Atualmente o Voluntary Local Review (VLR) é, na minha opinião, o processo mais evoluído. Na Europa só a Cidade de Bristol e de Helsínquia têm VLRs a funcionar.

A Vila da Cascais está atualmente a implementar o Programa Respirar os ODS, e outras Cidades e Vilas em Portugal estão ativamente a trabalhar para definir e implementar as suas estratégias. O facto de Mértola abraçar os ODS e desenvolver a sua Localização representa um convite à Sociedade Civil, à Administração Central, à União Europeia e aos empreendedores locais, nacionais e internacionais para que em conjunto se atinjam os ODS em Mértola em 2030. Neste Jogo somos todos Jogadores, responsáveis por criar um mundo melhor.

<https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

<https://odslocal.pt/>



*Ainda sobre o calendário ...*

# Doze meses, doze espécies de flora

Miguel Porto \_ *Investigador no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO-InBIO)*

Doze meses, doze espécies de flora, que, em conjunto, fazem a identidade de Mértola e do vale tão único que por aqui passa. Mas é uma identidade que fica, sem dúvida alguma, incompleta em apenas doze meses.

Passamos pelo zimbro, estranha ocorrência tão interior de um arbusto tão litoral, mas não falamos de *Ceratocarpus heterocarpus*, delicada herbácea que por ele trepa, raríssima planta só do Alentejo mais profundo e, nele, só dos locais mais frescos e sombrios, como por baixo das ramagens dos grandes zimbros mais

protegidos. Falamos da aroeira, arbusto fundamental do matagal mediterrânico que cobre as encostas mais protegidas, sem no entanto falarmos da extravagante *Lagoecia cuminoides*, pequena erva-dos-pompons que se abriga no fresco desses bosques de aroeira e zambujeiro. Atravessamos o incontornável rosmaninho, mas aqui há quatro rosmaninhos, injusto é não mencionarmos também o rosmaninho-de-folhas-recortadas (*Lavandula multifida*), mais uma das plantas que atestam o carácter único de Mértola: vêmo-la aqui – e bem perto da vila – e depois só a tornamos a encontrar sobre as escarpas marítimas da Arrábida e Cabo Espichel!

Mas a ideia deste calendário não podia, claro, deter-se apenas nas plantas mais raras e únicas que aqui ocorrem, não são elas que fazem a paisagem. E então desta escolha fez-se um misto, ora rara e extraordinária, ora comum mas tão característica.

Não podiam, claro, faltar alguns dos arbustos que estruturam a vegetação das encostas do Guadiana e que qualquer pequena caminhada nos poderá mostrar. Mas apela-se aos detalhes, ao ir mais além, ao ir mais abaixo, ao ir mais adentro e ao ir mais longe, quiçá até à China. Além, naquela escarpa rochosa que mais seca não podia ser, está um pequeno feto lanudo que faz algo de miraculoso, descobriu uma estratégia que poucas plantas conseguiram, a de voltar à vida. Já no pequeno charco, por baixo dos pés, está um outro feto, desta feita bizarro no seu estilo de trevo, e com um comportamento suspeito quando se vê aflito para rapidamente enterrar os seus “ovos”.

Já entrando na flor da aristolóquia (a do sul), que mais a norte não vai que o Pulo do Lobo, desenvolve-se um engenhoso dispositivo de aprisionar pequenos insectos; e no loendro, o magnífico manto cor-de-rosa dos rios e ribeiros de Verão, está uma passagem que nos leva sempre por estas latitudes, pelo médio oriente até à China. E, claro, todas estas plantas teriam muito mais para contar, não há uma história de vida igual, e poucas coisas são só por acaso.

A história de uma viagem transcontinental e através das eras está inscrita nos pormenores que hoje vemos quando abrimos e espreita-



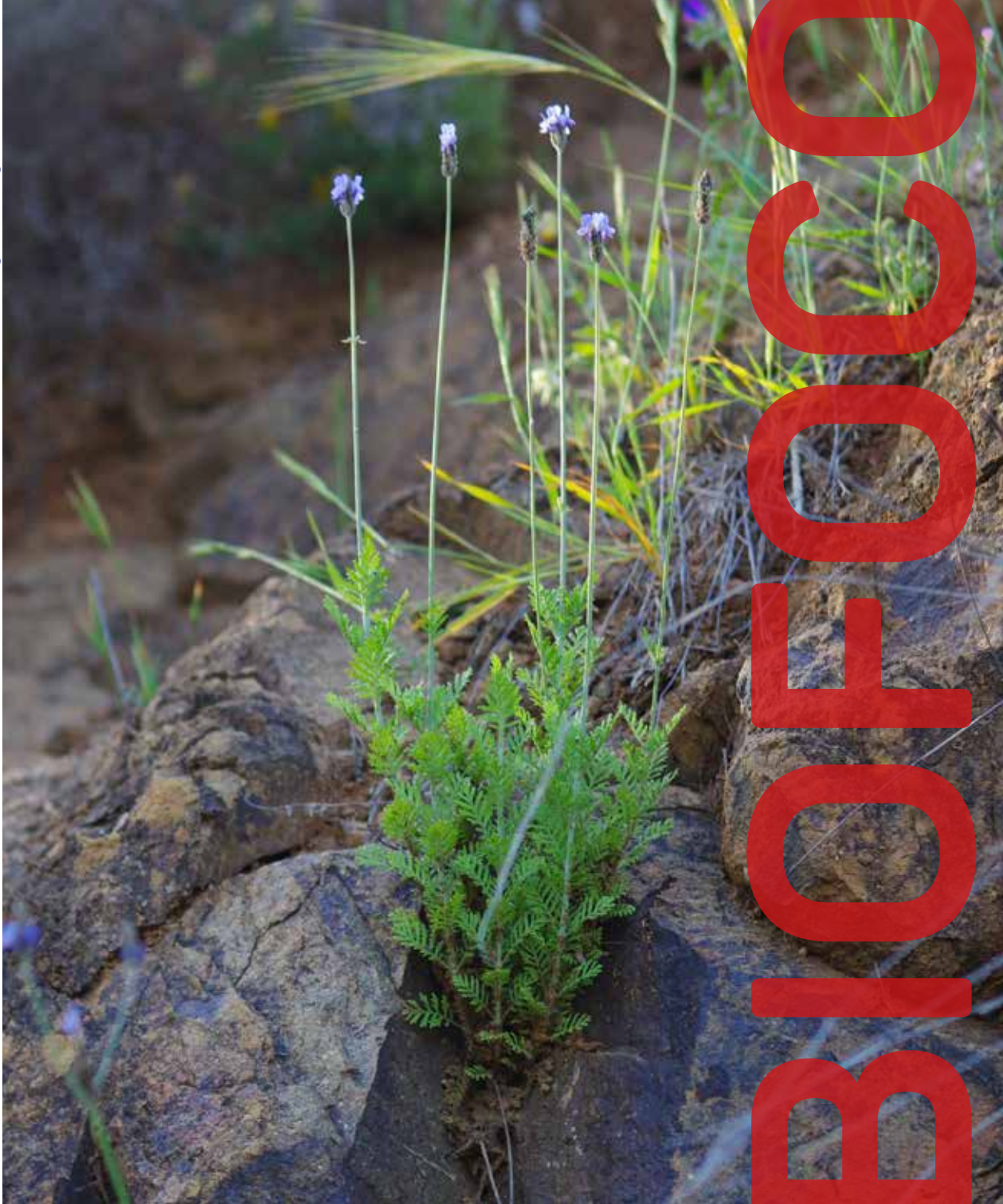
mos mais demoradamente o interior de uma flor de loendro. E quando constatamos a dupla coloração dos frutos da aroeira, ou o aroma pungente que encerra nas folhas. Mas quantas mais há por descobrir – a maioria talvez não tão aventureiros claro – quando saímos de casa e, mais à frente, do trilho, e, ainda mais à frente, do nosso mundo.

Mas o calendário não convida só a uma viagem pelos detalhes e pelos grandes feitos, é também uma viagem pelos meses do ano, como não podia deixar de ser. E não há defeito para quem vê plantas. Do mês mais seco e quente, ao mês mais frio, está sempre algo a acontecer, está sempre algo no seu máximo. E este máximo é, em muitos casos, efêmero, como o dia da queda do medronho e a explosão dos espargos-brancos em flor na época mais absurda, quando mais nada aparenta existir. Imperdível. E faltam meses entre os meses.

**Miguel Porto** - Investigador no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO-InBIO) e sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Botânica. Grande interesse na flora de Portugal, tendo vindo a participar em diversas acções a ela relativas, de onde se destaca a sua participação na coordenação do portal Flora-On e do projecto Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental.

*Miguel Porto escreve de acordo com a antiga ortografia.*

Fotografia Jorge Batista



O  
C  
O  
F  
O  
B



PA  
LA  
VRA

PASSA

# DESIGN PARA AFETIVIDADE

PROCESSO COLABORATIVO DO CURSO DE DESIGN PARA A SUSTENTABILIDADE  
DA FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

*Ana Thudichum Vasconcelos, Coordenadora do Curso de Mestrado Design para a Sustentabilidade*

---

## APLICAR O DESIGN PARA A SUSTENTABILIDADE NO CONCELHO DE MÉRTOLA

---



Partindo do pressuposto que o objetivo do design é contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, o design para a sustentabilidade tem como foco prioritário a vida das pessoas (human-center design), em articulação com a preservação do meio ambiente e a prosperidade económica, i. é., o Desenvolvimento Sustentável (DS). Hoje, o design tem a capacidade de promover a criação de soluções inovadoras para o mundo real, partindo do critical thinking para chegar ao critical maker, num processo que é suportado pela utilização de ferramentas de design thinking e de comunicação.

A aspiração para promover o design, com compromissos e princípios assentes nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), levou-nos à criação do Curso de Mestrado em Design para a Sustentabilidade (D4S). A metodologia de ensino do curso tem origem no knowhow da Faculdade de Belas Artes e numa reflexão crítica sobre as boas práticas e os processos de ensino mais inovadores, de entre os internacionalmente mais reconhecidos. Este Mestrado promove o pensamento crítico, criativo e inovador, formando pessoas com uma conduta de responsabilidade social e ambiental, motivados para fazerem do mundo um lugar melhor.

A génese do curso está na partilha de conhecimento entre professores/ investigadores do Design, das Ciências Naturais, Sociais de várias instituições da Universidade de Lisboa, como a Lisbon School of Economics & Management (ISEG), a Faculdade de Ciências, o Instituto de Ciências Sociais e a Faculdade de Belas Artes. A multidisciplinariedade, própria da atividade de design, é, neste caso, incrementada e ramificada por via das parcerias.

Mértola surge da oportunidade de aplicar D4S à comunidade. A sua viabilidade é o resultado da visão e empenho da Vereadora Rosinha Pimenta e da ponte feita por Marta Cortegano. Em Mértola, encontramos a energia e a capacidade para proporcionar um palco aberto ao desenvolvimento de sinergias com a Academia, a qual se associou a receptividade e a empatia dos estudantes para com o território e a sua comunidade. De notar que não basta querer ter propostas interessantes, é preciso saber criar condições e a cultura para que estes possam florescer. Neste sentido, é preponderante ter uma estratégia de actuação que vá ao encontro das necessidades da comunidade, mantendo o diálogo, suportado por uma estrutura diversificada ao nível humano e logístico.

No curso de D4S preconizamos uma metodologia de design participativo presencial. Apesar do atual contexto de pandemia, conseguimos minimizar o impacto negativo deste constrangimento graças ao esforço e empenho de todos os intervenientes envolvidos, ao uso das tecnologias digitais e aos estudantes que têm encontrado soluções para visitar o território.

Através da troca de conhecimentos entre Mértola e a Academia, foram explorados os desafios do Território, da Demografia e da Comunicação. Os projetos que estão a ser realizados situam-se no âmbito do Design de Serviços, Design para a Inovação Social, Design de Sistemas e requalificação urbana. Estes projetos têm como objectivo aumentar a demografia, combater o isolamento social, comunicar e incentivar boas práticas alimentares, promover serviços de proximidade, e ainda desenhar um espaço público que ligue a vila ao rio. Deste modo, através da parceria, Mértola/ D4S, estamos a contribuir para que o concelho de Mértola atinja os ODS, em 2030.

Ana Thudichum Vasconcelos escreve de acordo com a antiga ortografia.

---

## AGENDA PASSA A PALAVRA

### *Conferências, seminários, tertúlias*

*Janeiro\_ Fórum do Património*

*Fevereiro\_ Encontro Rede Alimentar de Mértola  
Conferencia Literacia e Mediação Cultural*

*Março\_ Conferencia Turismo e Sustentabilidade  
Estratégia Mértola, Laboratório para o Futuro*

*Repair Café*

*Consulte programa próprio.*



**SO**  
**CIE**  
**DAD**  
**RECREATIVA**

# ENTRUDO



Legenda: Crianças no Carnaval, junto do Hospital na Mina de S. Domingos, 1935

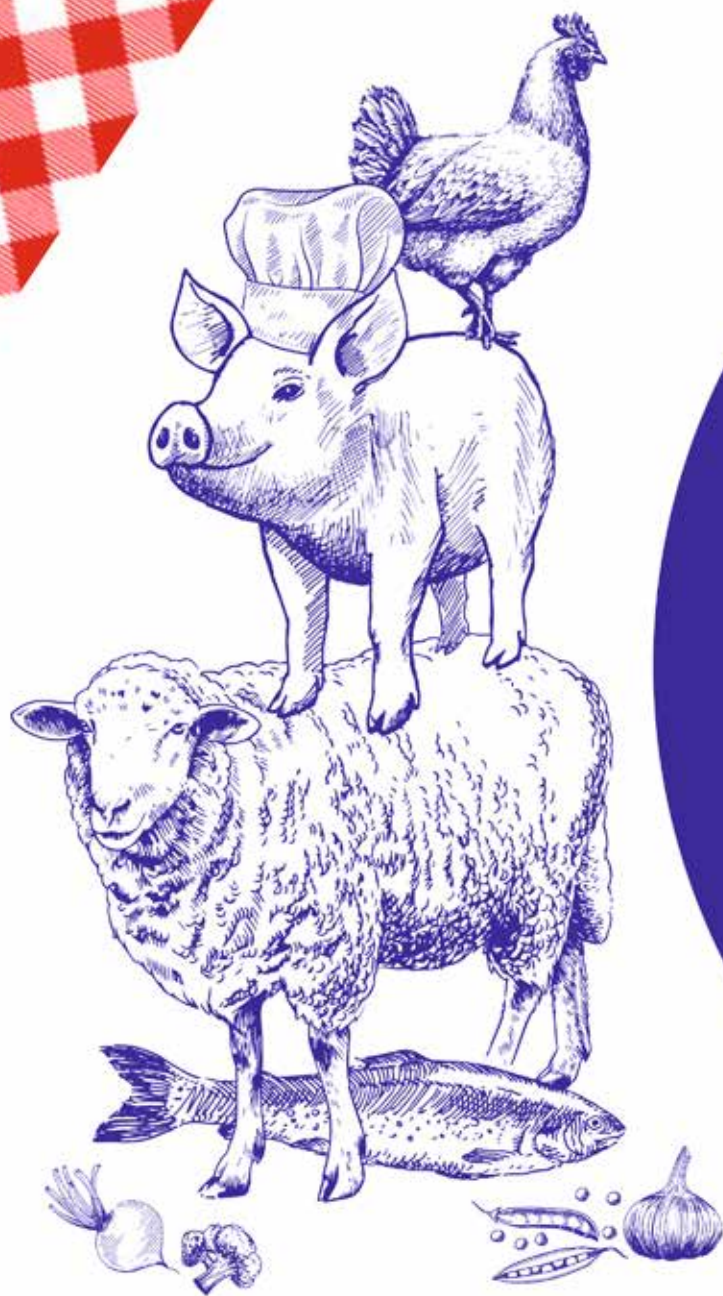
Autor: José da Silva Santos

Fonte: José Zarcos Tirado Palma in Centro de Estudos da Mina de S. Domingos <https://www.cemspd.pt/node/2176>

O Entrudo, ou Carnaval ocorre 47 dias antes da Páscoa, geralmente em fevereiro, ou em março, conforme o cálculo da Páscoa, e próximo do dia de Lua Nova. Ainda que a sua origem derive de festividades pagãs associadas a ritos agrários de fertilidade em final do Inverno e princípio da Primavera, muita da sua significância atual, assenta na sua apropriação religiosa-cristã e conflui com a entrada no período quaresmal.

A designação «Entrudo» deriva do latim *introitus* (intróito) e apresenta o significado de: introduzir, dar entrada, começo ou anunciar a aproximação da quadra quaresmal. A explicação etimológica para o termo «Carnaval» aponta para a palavra *carnisvalerium* (*carnis* de carne, *valerium*, de adeus), o que designaria o «adeus à carne» ou à «suspensão do seu consumo», em função da quadra seguinte: a Quaresma, em que a carne é abolida da alimentação na religião cristã.

A festividade corresponde a um tempo de rompimento com as regras estipuladas e vigentes, um tempo amoral onde nada se leva a mal, pleno de extravagâncias e desinibições, na antecâmara de um período que seria, depois, de recolhimento, privação e penitência.



**GAS**  
**& TRO**  
**NOMIA**  
MERCADOS



# O ABC das plantas comestíveis, aromáticas e medicinais

*Programa Nacional para a  
Promoção da Alimentação Saudável*

As ervas aromáticas são plantas de pequena dimensão que fazem parte da cultura portuguesa, sendo a Península Ibérica um dos locais mais ricos de espécies identificadas. A sua utilização na cozinha realça significativamente o prazer ligado ao ato de comer, através da diversidade de aromas, cores e sabores que conferem aos alimentos, tornando as refeições mais agradáveis e atraentes. Na Pirâmide da Dieta Mediterrânica, as ervas aromáticas, encontram-se localizadas no grupo dos alimentos de consumo diário, sendo muito utilizadas em saladas, sopas, marinadas, carnes, peixes, chás, compotas, entre outros. No entanto, estas plantas também são conhecidas pelo seu papel na redução do consumo de sal.





## E de ... Espargo

*Espécie: Asparagus acutifolius L.*

*Outros Nomes Comuns: Corruda-menor; Espargo-bravo-menor; Espargo-silvestre-menor;*

*Espécie: Asparagus aphyllus L.*

*Outros Nomes Comuns: Corruda-maior; Espargo-bravo; Espargo-bravo-maior; Espargo-maior-do-monte; Espargo-silvestre-maior; Espargueta*

*Género: Asparagus*

*Família: Asparagaceae*

*Classe: Liliatae*

O espargo silvestre (*Asparagus acutifolius* ou *Asparagus aphyllus*), por cá, se for ano de chuva começa a apanhar-se em janeiro. Ocorrem em terrenos incultos, essencialmente de matos rasteiros. É uma planta perene, também conhecida por esparragueira, “esparragos”; corruda-menor ou espargo-bravo-menor. Pode-se encontrar em caminhos espontaneamente, em solos secos e com muita exposição solar especialmente junto a pedras, muros, e junto de arbustos ou árvores, especialmente, a oliveira ou o sobreiro. A planta “não gosta” de lugares ricos em matéria orgânica, e de solos excessivamente argilosos, com má drenagem interna. A má drenagem é um inimigo do espargo por fazer proliferar alguns fungos radiculares e, além disso, em solos pesados, a planta tem maior dificuldade em emergir, resultando turriões (rebentos) mais fracos, por vezes até deformados.

Ocorre, assim, em lugares de solos pobres, finos, mais frescos e sombrios, e é muito possível que coincida com outras espécies de “esparragueiras” nos mesmos lugares. Nos rebentos jovens pode-se encontrar grande quantidade de asparagina (um aminoácido). Existem cerca de 300 espécies de espargos, sendo que apenas pouco mais de 20 são comestíveis. A planta pertence à classe das liláceas, onde se incluem a cebola, o alho ou o alho francês.

O espargo usa-se, desde tempos longínquos, como uma verdura na alimentação devido a seu sabor delicado, e como planta medicinal devido às suas propriedades diuréticas. Já o conheciam os egípcios e suspeita-se que teriam sido os romanos que introduziram a planta na Península Ibéria.

Utiliza-se como alimento os rebentos jovens, antes destes caules ficarem fibrosos e lenhosos demasiado duros para cozinhar. Os rebentos nascem do rizoma, junto ao solo e estão protegidos pelos espinhos. O rebento tenro constitui um alimento gourmet de sabor amargo, ainda que não em excesso. Frequentemente são cozinhados com ovos ou em migas de pão. O espargo deve ser pouco manipulado.

O melhor é cozinhar a vapor poucos minutos ou branqueá-los. O espargo é baixo em calorias, não contém gordura nem colesterol, e é muito baixo em sal.

*“Sem gorduras, o espargo possui fitoquímicos identificados com as concentrações mais elevadas que são os compostos fenólicos. Salienta-se em especial a quercetina e a rutina, substâncias fitoquímicas da classe dos flavonóides. Estas duas substâncias exibem uma forte atividade antioxidante, promovendo diversos efeitos positivos na saúde, através da neutralização dos radicais livres e na proteção do corpo humano contra o stress oxidativo, pelo que os espargos são um excelente fator de anti envelhecimento e o seu consumo regular estimula o sistema imunitário.*

*São fonte de cálcio, cobre, fibra, ácido fólico, ferro, magnésio, niacina, fósforo, potássio, proteínas, riboflavina, tiamina, zinco, vitamina A, B6, C, E e K. Ou seja, fazem bem ao coração, são diuréticos, desintoxicantes ao prevenir as doenças do fígado e têm ainda ação probiótica, estimulando a digestão. Só a ingestão de cinco espargos equivale à ingestão de 60 por cento do valor diário recomendado de ácido fólico (200 a 400 miligramas). São fonte do complexo de vitamina B, essencial ao bom funcionamento do metabolismo, nomeadamente vitamina B1, que ajuda as células do organismo a converter os hidratos de carbono em energia. Previnem também o aparecimento de pedras nos rins.”*

Contrariamente ao *“primo branco”*, o espargo silvestre é muito mais fino, sendo que o seu diâmetro pode ir de um a seis milímetros e 30 cm de comprimento. O seu sabor é também muito mais pronunciado do que o *“domesticado”*, o *Asparagus Officinalis*, de cor branca porque cresce debaixo da terra, o que impede o desenvolvimento da clorofila, sendo assim mais adoçados.

Os espargos silvestres, devem ser colhidos com contenção de forma a não ocorrer a exaustão do rizoma que afeta o sistema radicular e provoca a morte da planta.

### Uma curiosidade

Ao imperador romano Augusto é atribuída a frase *“velocius quam asparagi conquantur”* que significa *“mais rápido do que cozinhar espargos”*.

O Novel Food Catalogue integra, no seu catálogo internacional os espargos acutifolius e aphyllus, desde 2016, além da bolota.

Fonte: Salgueiro, José Ervas, usos e saberes – Plantas Medicinais no Alentejo e outros produtos naturais. Edições Colibri.  
Iken, Fátima *“Espargo selvagem, o saber da terra”* in Revista Vinhos nº 342, 2018.

# Loja da Terra

## A apanha da túbera

*José Miguel, 68 anos, Penedos.*

Por Manuel Passinhas

**José Miguel trabalhou durante 35 anos na Câmara de Mértola, como cantoneiro. Não há estrada que não conheça. Agora, já está reformado. Mas como não é homem de ficar parado, encontra sempre alguma coisa que fazer.**

“Ainda sou caçador, mas já vou poucas vezes à caça. De vez em quando, trabalho nos Moinhos de Vento, como “secretário” e também tenho umas arvorezitas... andava agora a apanhar umas azeitonas, que é tempo disso. Faz-se o azeite para gasto de casa... mando a azeitona ali para o lagar do Espírito Santo.”

No entanto, António José, bastante conhecedor das terras em redor de Penedos, tem fama de “apanhar” muitas túberas, ou atúberas, fungo comestível, considerado parente da trufa e iguaria muito apreciada na região.

“A apanha da túbera não é para todos, [considera]. Há que saber, que conhecer o território, há que sentir a terra.”

“De Fevereiro em diante já se apanham túberas, mas o mês forte é Março. Em Abril também há, mas já não são tão boas, já aparecem algumas estragadas.” Se chover em Março ou Abril ainda se apanham boas, se não chover a túbera começa a ficar degradada. É preciso conhecer os sítios onde costuma haver. De vez em quando descobre-se um novo sítio.

As túberas crescem sempre junto ao mato, elas não crescem assim num sítio qualquer, não crescem nos descampados...

Às vezes passa-se por cima delas e não se dá por conta. Para apanhar túberas é preciso ter uma noção daquilo que se anda a fazer.

A túbera nasce debaixo da terra e, à medida que vai crescendo e



apanhando sol, a terra estala. A isso chama-se o “escarchão”. Algumas não chegam a estalar a terra, vê-se que está ali uma túbera porque fica um altinho, chama-se a isso uma “ampola”, mas se apanhar sol crescem e começam logo a sair. Depois, com um sacho, é só apanhá-las. Num ano bom podem-se apanhar 100kgs ou mais. Mas temos que conhecer muito bem o terreno. Aqui à volta de Penedos é um grande sítio de túberas. A Corte da Velha também é um bom sítio, mas também as há na zona da Mina de S. Domingos e na zona de S. Pedro. Mas dizem que a melhor túbera é daqui, da União de Freguesias.”

A túbera, por ser muito irregular e trazer consigo alguma terra, exige uma limpeza muito apurada. Trabalho moroso, tem que ser feito com habilidade e paciência. Depois da lavagem, com uma escova, passa-se à raspagem, com uma faca. As túberas ficam prontas para fatiar e assim vão a cozinhar. Muitas são as maneiras de as cozinhar. Há quem as prepare com arroz ou feijão, mas o prato mais escolhido é seguramente com ovos mexidos.

“Eu apanho-as mas também as arranjo, com uma faquinha. É um trabalho muito chato. Depois é comer...é o mais fácil. O bom da túbera não é a túbera em si, é o molho. O segredo está no molho...”

A singularidade do seu gosto faz com que se desloquem até aqueles campos gentes de todas as partes

“...até vêm de Beja e de Castro Verde, são mais os de fora do que os daqui. Na zona da A. da Gorda é uma loucura, junta-se ali tanta gente...parece uma montaria. Muitos vêm com o saco vazio e levam o saco vazio...”

Por fim explica-nos:

“Se não chover, ou não há túberas, ou há muito pouco, tem que chover em Outubro ou Novembro. Se não chover até Novembro as túberas são escassas.

Este ano pode ser um bom ano de túberas, é só chegar a Fevereiro ou Março e cá estamos nós para as apanhar.”

Olha atentamente para o horizonte e aponta-nos:

“Ali, junto aos postes, é terreno de muita túbera...”



## ***Alimentação Saudável, Inovação e Empreendedorismo Social***

A COZINHA DA AVÓ é um projeto intergeracional de inovação e empreendedorismo social em torno da promoção de uma alimentação e gastronomia tradicional de base mediterrânica. Pretende-se recuperar hábitos alimentares de cariz local assentes no saber e saber-fazer da população sénior, interligando-a com públicos mais jovens e conhecimentos mais atuais em matéria de nutrição e segurança alimentar. O projeto compreende as seguintes ações: Hortas colaborativas; Local Food Lab; Academia de Cozinha e Restaurante Pop-up.

A Cozinha da Avó é um projeto, promovido pela Casa do Povo de Santana de Cambas, apoiado com fundos europeus através do Programa Operacional Inovação Social e Emprego (POISE), no âmbito das Parcerias para o Impacto. A Câmara Municipal de Mértola é o Investidor Social do projeto.

Saiba mais sobre o projeto em  
<https://www.acozinhadaavo.pt/>

## **Comprar Local, Mais perto, Mais certo!**

Na sua lista de compras prefira alimentos de época e, sempre que possível, locais e de produção biológica.

### **Mercados**

#### **/Mercado de Produtores Locais/**

- \_23 de janeiro
- \_20 de fevereiro
- \_20 de março

## **Academia de Cozinha “A Cozinha da Avó”**

Capacitar a comunidade para uma alimentação de base local, sazonal e saudável.

Casa do Povo de Santana de Cambas & Câmara Municipal de Mértola.

Cozinha Para Pais: Pequenos-almoços saudáveis para miúdos e graúdos [janeiro]  
Cozinha de Inverno [fevereiro]

Inscrições: [geral@casadopvosantana.com](mailto:geral@casadopvosantana.com)

# NA MESA

## Jantar de grão

*Maria José (Roncanito)*

Alguns pratos da cozinha alentejana, requintados no que toca ao uso de ervas aromáticas e outros temperos, disfarçam a “pobreza” dos seus ingredientes principais, como por exemplo, a açorda.

O jantar de grão, pelo contrário, é muito rico e usual quando se reúne um grupo numeroso à volta da mesa.

São muitas as variantes deste prato típico alentejano. Deixamos aqui uma receita muito básica.

**Ingredientes:** grão-de-bico; carne de porco (magra e gorda, não esquecendo que a carne com ossos empresta um sabor especial ao prato); linguiça; chouriça preta; uma cebola; uma folha de louro; um raminho de hortelã; azeite; batatas aos cubos; pão em fatias e sal q.b.

**Modo de preparação-** De véspera, coloca-se o grão-de-bico de molho, para “abrir”.

Juntam-se todos os ingredientes numa panela, e deixa-se cozer em lume brando.

Depois de pronto, serve-se numa tijela, sobre fatias de pão duro. Junta-se um raminho de hortelã para aromatizar e decorar e vai à mesa.



### A linguiça

A linguiça, quando servida em pratos como o nosso jantar de grão, desperta o palato pelo seu tempero característico. Muito apreciada, alimentava homens e mulheres nos trabalhos de campo, a par de um bocado de toucinho, uma mão cheia de azeitonas, quando as havia, e um naco de pão.

### Ingredientes:

tripas;  
carne magra e gorda;  
pimentão;  
sal;  
cominhos;  
cravinho;  
vinho q.b.

### Modo de preparação

Corta-se a carne em pequenos bocados (gorda e magra), coloca-se num alguidar, e tempera-se com todos os ingredientes. Mistura-se muito bem. Deixa-se repousar até ao dia seguinte, repetindo-se o processo, por três ou quatro dias para que a carne “ganhe tempero por igual”.

Entretanto, as tripas são arranjadas. São lavadas várias vezes com água e sal e viradas com a ajuda de um “gaimão”.

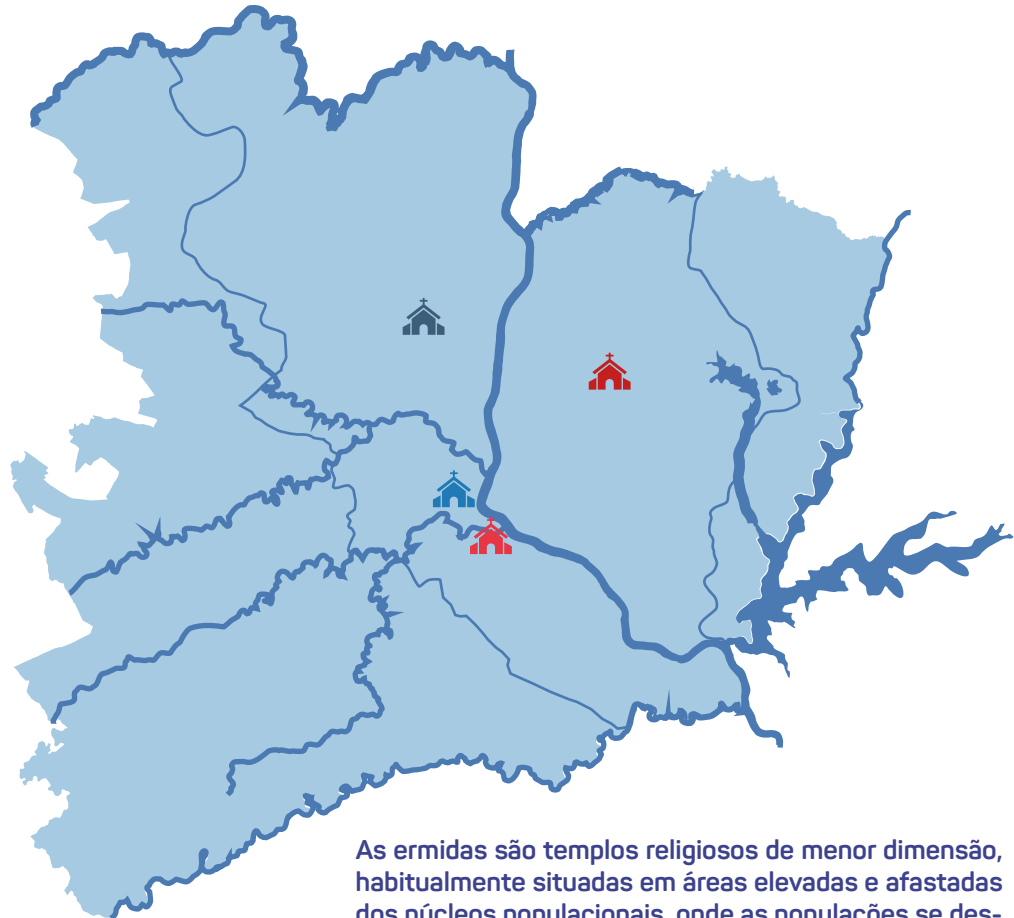
De seguida enchem-se com a carne, usando um funil. As chouriças não deverão ter apenas carne magra porque tendem a ficar demasiado duras no fumeiro. Finalmente, depois de cheias, as tripas são atadas e colocadas num varal, onde ficam a “enxugar” lentamente.

Vá para fora cá dentro





# Lugares de culto e contemplação: as ermidas de Mértola II



As ermidas são templos religiosos de menor dimensão, habitualmente situadas em áreas elevadas e afastadas dos núcleos populacionais, onde as populações se deslocam (ou deslocavam) em romaria.

Sugerimos a continuação da rota das ermidas e capelas do concelho, num convite claro às suas vistas desafogadas, ao silêncio e à contemplação.

## Capela de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> das Neves

Mértola



"Nossa Senhora das Neves ergue-se no alto de um outeiro sobranceiro à vila, no local onde em época medieval se implantava uma torre-atalaia." Fundada em inícios do século XVII, apresenta uma planta quadrangular sem elementos arquitetónicos de relevo. Esta capela serviu durante algumas décadas do século XX de habitação a famílias desabrigadas. Sofreu várias obras de intervenção, mantendo sempre a volumetria e espacialidade originais. O interior é, e foi sempre, pobre com três nichos na parede testeira onde se expõem três imagens, sendo uma da padroeira com antiguidade difícil de apurar. A Santa sai por ocasião da Festa do Sr. dos Passos e a ela se roga auxílio perante a falta de chuva e os rigores climáticos. Da elevação onde está implantada tem-se uma vista impressionante do vale da ribeira de Oeiras.

## Capela de S. Bento

Corte Gafo.Mértola



Esta capela foi erguida nos últimos anos do século XVI, por iniciativa dos moradores da aldeia da Corte Gafo e de alguns lugares vizinhos e permanece aberta ao culto até aos dias de hoje. A imagem quinhentista de S. Bento não resistiu à passagem do tempo e a que hoje se venera é datada de finais do século XVII ou inícios do século XVIII, reproduzindo, muito provavelmente, o modelo anterior. Além desta imagem, permanecem ao culto as imagens de S. Pedro (2<sup>a</sup> metade do séc. XVII); S. Sebastião e N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Rosário (finais do séc. XVII); N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Conceição (finais do séc. XVIII, inícios de XIX) e S. Salvador, "um exemplar de pronunciada rusticidade, da primeira metade do século XVII que pertenceu à extinta capela de S. Salvador do lugar do Mosteiro".

# O Mosteiro

## [Ermida de S. Salvador]

Mosteiro. Mértola



As mais antigas referências a este lugar de culto encontram-se na obra de Frei Leão de S. Tomás, Beneditina Lusitania editada em 1964. Na passagem Frei Leão refere que os populares se referem à Ermida de S. Salvador, vulgarmente como Mosteiro. *"Porque dizem os naturais, que antes da entrada dos Mouros ouve aqui Mosteyro de sumptuosos edificios, dos quais ainda hoje permanece alguma parte inteira."* Em finais do século XIX a ermida já se encontrava devoluta e a imagem do santo padroeiro teria sido levado por um devoto para a capela vizinha de S. Bento na Corte Gafo. Em 2006 iniciaram-se no local da ermida trabalhos de escavação, levados a cabo pelo Campo Arqueológico de Mértola e obras de recuperação do edifício que envolveram alunos em contexto de formação da então Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, Delegação de Mértola. O estudo arqueológico permitiu datar a primeira ocupação do espaço e relaciona-lo com a romanização do território, sendo uma villa, talvez relacionada com um possível Xenodochium rural dada a proximidade à via romana entre Myrtilis e Pax Lulia. Com a possível cristianização dos senhores da villa, parte do espaço da casa terá sido alocado como local de culto. Não há registo do que terá ocorrido no período islâmico e está pouco esclarecido o momento em que entra em funcionamento a ermida de S. Salvador do Mosteiro.

## Capela de S. Salvador

Corte Sines. Mértola



A construção desta capela data de 1935. O templo primitivo, segundo a tradição oral, situava-se fora do povoado e era de porte mais marcante e nada se sabe sobre o processo que conduziu ao seu abandono e desmoronamento. *"Um dos poucos elos históricos que ligam o atual templo ao anterior, além do orago, é a imagem de S. Salvador."* O último revestimento pictórico efetuado em trabalhos de conservação da imagem desvirtuou a sua antiga aparência, contudo a imagem manteve a sua fisionomia jovem, com o globo terrestre na mão esquerda e a mão direita erguida em sinal de benção.

Mais informações sobre património religioso:  
Museu de Mértola

Fonte:Boiça, Joaquim (1998) Imaginária de Mértola – tempos, espaços, representações, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

Lopes, Virgílio; Torres, Cláudio; Rodrigues, Cláudia; Rafael, Lígia O Mosteiro do Monte Mosteiro, CMM. 2011

### propriedade

Câmara Municipal de Mértola

### edição

Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude

### tiragem

1500 exemplares

### periodicidade

trimestral  
distribuição gratuita

Se desejar enviar alguma informação para eventual inserção na próxima edição da Agenda Cultural de janeiro, fevereiro e março de 2021 pode fazê-lo até dia 07 de dezembro de 2020, através do Fax: 286 610 101, e-mail: geral@cm-mertola.pt ou por carta para Câmara Municipal de Mértola, Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude, Praça Luís de Camões, 7750 -329 Mértola.

Versão digital em:  
[www.cm-mertola.pt](http://www.cm-mertola.pt)



MÉRTOLA  
CÂMARA MUNICIPAL

